

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23341

DIRECTOR ANTONIO RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA 9 OUTUBRO 90 70\$00

Procuradoria investiga fugas de informação

A Procuradoria-Geral da República está a investigar as eventuais violações do segredo de justiça no âmbito dos processos dos casos do Ministério da Saúde e Melancia. O chefe de gabinete do Procurador afirmou hoje ao «DL» que as investigações se iniciaram em Junho relativamente ao processo do Ministério da Saúde e «há alguns dias» no que se refere ao processo que envolve Carlos Melancia.

As investigações foram desencadeadas por iniciativa do Procurador e também na sequência de uma queixa que não foi identificada. Refira-se que Carlos Melancia e o ex-chefe de gabinete de Leonor Beza, Silveira Botelho, acusaram a PGR de não preservar o segredo de justiça no âmbito dos processos em que estão envolvidos.

Entretanto, ontem, o procurador-adjunto Moraes Antunes considerou que «não tem nenhum elemento que lhe permita concluir que o dr. Silveira Botelho seja suspeito». A afirmação foi feita no Tribunal de Polícia, onde Botelho está a ser julgado por se ter recusado a prestar declarações na condição de testemunha. O julgamento prossegue amanhã.

Pág. 5

21 mortos e centenas de feridos árabes em Jerusalém Israelitas não resistiram à armadilha de Hussein



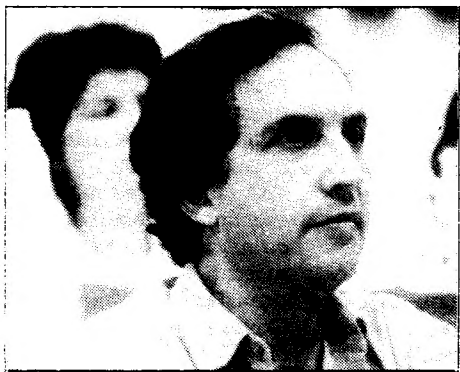
Reuter/«DL»

Após o assassinio de palestinianos, ontem, em Jerusalém, ficaram sinais de sangue dearramado por mãos espalmadas no sagrado Muro das Lamentações

Com vinte e um mortos e centenas de feridos palestinianos, rebentou, ontem, em Jerusalém, a milhas do Golfo Pérsico, a guerra que se esperava - e pode ainda esperar-se - naquela zona do mundo. Por interpostos palestinianos, Saddam Hussein conseguiu apedrejar o Muro das Lamentações. Enfrentaram-se fundamentalistas dos dois lados. E a polícia de choque israelita fez o jogo de Bagdad, atirando a matar sobre uma multidão desarmada.

E matou.

Págs. 2 e 3



Carvalhas na apresentação da sua candidatura à Presidência

Soares é um Golias para muitos Davides

Carlos Carvalhas apresentou hoje o seu programa de candidatura às presidenciais, recusando fazer o mero papel de porta-voz do PCP para os tempos de antena. Ele garantiu que o seu nome há-de constar dos boletins de voto, não obstante o peso do adversário principal. «Mário Soares é um Golias contra muitos Davides», reconheceu Carvalhas.

Pág. 4

O candidato comunista defende o reforço da intervenção do PR no sistema misto «presidencial-parlamentar»

A candidatura corporiza o programa do PCP para os anos 90, em que avulta o combate às desigualdades sociais

Portugal e o jogo com a Holanda



Futre sim Barros não



Pág. 17



Mães substitutas: a polémica reacendeu-se
Págs. 12 e 13

O luxo exorbitante de alguns automóveis
Págs. 12 e 13

Mem Martins já inaugurou novo mercado
Pág. 8

Mundial de Xadrez começou com um empate
Pág. 19

Lotaria Popular
1.º 325 764
2.º 185 273
3.º 138 633
4.º 321 950

Hoje:
Suplemento Económico



PORTE PAGO

roadstar
AUTO-HIFI

Som Digital em
altifalantes auto



Representante em Portugal:

SOC. DE REP.
SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

Ao atirarem a matar contra palestinos desarmados nos arredores da mesquita de Al Aqsa, em Jerusalém, os polícias israelitas conseguiram fazer o que o Presidente norte-americano tentou evitar a todo o custo: colocar do mesmo lado o Estado hebreu, a Arábia Saudita e o Egito, transformando a crise do Golfo numa guerra santa a sério, que na de Saddam Hussein ninguém acreditava, a começar pelo próprio

Jerusalém incendeia Médio Oriente

A polícia israelita atirou ontem a matar, em Jerusalém, contra palestinos que se confrontavam a pedrada com elementos fundamentalistas judeus da organização «Fiéis do Monte do Templo», provocando 21 mortos e centenas de feridos e atando ao conjunto do Médio o fogo que se presumia

estar reduzido à área do Golfo, depois da indiferença árabe e muçulmana perante apelos à guerra santa feitos por Saddam Hussein.

O fanatismo religioso surge assim de novo à boca de cena, no Médio Oriente, entre a mesquita de Al Aqsa, o terceiro lugar mais sagrado do Islão, e o Muro das Lamentações, centro das peregrinações dos judeus.

A polícia e o Governo de Israel acusaram os árabes de terem feito uma provocação e prenderam esta manhã o adjunto do mufti de Jerusalém, xeque Mohamed-el-Jamal, o dirigente palestino Fayçal Hussein e mais centena e meia de alegadamente agitadores.

Também esta manhã, o

editorial do jornal do partido Baath iraquiano, no poder, afirmava que «este vicioso crime não passará sem retaliação e não só a nação

árabe é capaz de retaliar como o fará». O «Al-Thawra» ataca o apoio norte-americano a Israel e pergunta «onde está a legalidade inter-

nacional?» que os Estados Unidos têm afirmado querer salvaguardar, antes de tecer críticas duras ao rei Fahd da Arábia Saudita e ao presidente Mubarak do Egito.

Um trunfo para Saddam

Os polícias israelitas viram a sua acção prontamente coberta pelo seu Governo e acabaram por dar a Saddam Hussein uma oportunidade de perguntar se os territórios ocupados por Israel na Guerra dos Seis Dias estão ou não abrangidos pela noção de legalidade internacional que conduziu ao embargo decretado contra o Iraque, na sequência da anexação do Kuwait.

Os norte-americanos fize-



Uma criança palestina é levada para o hospital, depois de ter sido ferida nos incidentes de ontem em Jerusalém

ram os impossíveis para manter Israel fora do envolvimento militar no Golfo, como condição para se man-

ter uma divisão no mundo árabe a todos os títulos desejável, quando soar a hora do desmantelamento

forçado do gigantesco dispositivo militar iraquiano.

Mas Saddam agarrou de mãos ambas esta oportunidade de levar a água ao seu moínho, como sublinhou em entrevista à «Europe-1» o titular francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas. Segundo este responsável, incidentes como os que ontem se registaram em Jerusalém servem o ditador de Bagdad enquanto a comunidade internacional «não responder às preocupações do povo palestino, não responder à procura legítima da parte do povo palestino de ter um estado e de poder viver no interior desse Estado, respeitando a segurança de Israel».

A causa árabe

Como os palestinos sempre disseram, a causa árabe é a sua e daí não passa. Se bem que Arafat tenha legitimado a ocupação de Gaza e da margem ocidental do Jordão ao abençoar a ocupação iraquiana do Kuwait, depois de um movimento internacional de simpatia para com as crianças vítimas da «intifada», a verdade é que o massacre de ontem pode trazer-lhe de volta algumas simpatias perdidas com o apoio a Saddam.

E a questão palestina

que parecia ter saído de cena pela porta da crise do Golfo reentra no palco do Médio Oriente pela janela da polícia israelita.

O massacre registou-se exactamente no dia em que, com a distribuição de máscaras e fatos anti-gás à população israelita, o Governo de Shamir dava um claro sinal de se recusar a ficar de lado no dia em que os tiros começassem, no Golfo.

O luto nacional decretado no Iraque devido aos acontecimentos de ontem deu o tom a uma revolta das massas árabes e, esta manhã, no Sul do Líbano, árabes em fúria deram o mote: «Abaixo os regimes reacçãoários árabes. Bush, Fahd, Mubarak, Thatcher, nós vamos combater», gritavam manifestantes palestinos que desfilaram no maior campo de refugiados do Líbano, o de Ain Héroué, nos arredores de Saida.

Em Tiro, nos campos controlados pelos integristas controlados pela Amal, pró-sírio, as manifestações tinham conteúdo idêntico, facto que dá para pensar quando se recorda que o Governo de Damasco reforçou o seu dispositivo militar de apoio aos norte-americanos, sauditas e egípcios, na Arábia Saudita.

Redacção «DL»/Lusa/

AFP

Diz o presidente iraniano

São pecadores o Iraque e o Kuwait

Na primeira entrevista que concedeu a um jornal estrangeiro, desde que foi eleito em Julho de 1988, o presidente do Irão, Ali Akbar Rafsanjani, disse ao «Le Monde»: «O Kuwait pecou ao ajudar o Iraque na guerra injusta que moveu contra o Irão mas isto não é motivo para que Teerão o deixe ser vítima de outro pecador».

O Chefe de Estado do Irão - país que, geograficamente, é o maior do Golfo Pérsico - mostrou ser tão contrário à permanência das forças iraquianas no Kuwait como contrário à permanência dos militares estrangeiros nesta zona do mundo, depois de o conflito sobre o Kuwait ser, eventualmente, resolvido por modo correcto.

Também disse que se os outros países cumprirem o embargo ao Iraque, «...como o Irão está a fazer...», então Saddam Hussein será obrigado a retirar as suas forças do Kuwait.

Prudente, mas...

Rafsanjani foi, nesta entrevista, prudente, mas...

Nela deu um aviso explícito. Se os responsáveis pelo antigo regime do Kuwait pretendem alcançar uma solução à custa da entrega definitiva ao Iraque da Ilha Boubiana, então, nesse caso, o Irão não estará de acordo.

Esta ilha situa-se no extremo norte do Golfo Pérsico, a ocidente da Península de Faó. Se ficar nas mãos de Saddam Hussein, alargará em cerca de 25 quilómetros a zona iraquiana de acesso ao mar. Rafsanjani não explicitou, na entrevista ao «Le Monde», o modo como o Irão manifestaria, nessa eventualidade, o seu desacordo.

Para norte-americanos, franceses e sauditas o presidente iraniano não teve palavras de grande simpatia.

Interrogado sobre a possibilidade de enviar tropas iranianas para reforçar o contingente sírio que se encontra na área

do conflito, o entrevistado disse: «O presidente da Síria não nos fez qualquer pedido nesse sentido, quando recentemente visitou Teerão. Aliás, a vigilância militar que temos de manter ao longo da nossa extensa fronteira com o Iraque é suficiente para ocupar as nossas forças armadas. Por outro lado, seria difícil conceber uma situação em que iranianos armados se colocariam, directa ou indirectamente, ao lado do Exército norte-americano, na Arábia Saudita, país que ajudou Bagdad durante o atroz conflito de oito anos que Saddam Hussein impôs ao Irão».

Já não é possível...

Quanto às relações franco-iranianas, Rafsanjani afirmou que elas não podem voltar a ser «amistosas» enquanto não for resolvido o contencioso financeiro existente entre a França e o Irão.

Contrastando um pouco com esta prudência iraniana, o presidente da Argélia, Chadli Bendjedid, afirmou, em Argel, estar convencido de que já não é possível, para a crise do Golfo, uma solução apenas árabe.

Numa entrevista à televisão argelina, o presidente declarou: «A Argélia está a tentar encontrar uma saída para a crise, juntamente com os outros quatro países da União do Magreb. Agora dizemos que deve haver uma solução árabe mas que não poderá ser apenas árabe, dado o envolvimento de outros países na crise e nas tentativas de solução».

Bendjedid acrescentou que talvez, no princípio da crise, a sua solução pudesse ter sido só árabe mas que os árabes já não são agora os únicos no terreno. «Por isso - disse - deveremos ter também em conta outras partes».

Redacção «DL»/Lusa/



Pensava-se na paz e na guerra no Golfo e eis que, de súbito, a violência rebenta noutro sítio. Na imagem, elementos da polícia de choque israelita dominam palestinianos derrubados, junto à Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém

Golfo: Lisboa pensa na guerra e na paz

A Associação de Amizade Portugal-Kuwait debate em Lisboa cenários de guerra e esperanças num mundo mais obediente ao Direito Internacional

O debate sobre «A crise no Golfo: consequências económico-financeiras a nível mundial», promovido pela Associação de Amizade e Cooperação Portugal-Kuwait, reflectiu a tendência para a previsão de um conflito armado na região, ao mesmo tempo que era também o espelho da apatia da opinião pública em relação ao problema.

Pouca gente e muitos deles membros da própria Associação. Foi para este auditório que António Maria Pereira, Pacheco Pereira, Maldonado Gonelha, Rui Oliveira e Costa e o adjunto do ministro das Finanças do Governo do Kuwait no exílio, falaram sobre as hipóteses militares, políticas e económicas num provável conflito.

A palavra paz foi ontem pouco utilizada, quase uma mera hipótese afastada do terreno, mas a opção pela guerra é ainda abordada com todas as cautelas, tal é o grau de imprevisibilidade das consequências económicas, políticas e militares dessa solução extrema.

O adjunto do ministro das Finanças do Governo do Kuwait defende uma solução pacífica ou não mas que liberte o seu país e sublinha que o Iraque «não vai ajudar a resolver os problemas dos palestinianos se fizer ao meu país o mesmo que Israel fez nos territórios ocupados». Para este dirigente kuwaitiano «a agressão do Iraque foi motivada pelos problemas internos com que se debatia Hussein: a economia debilitada; o desemprego; a falta de crédito no exterior e um poderoso exército desocupado. A invasão distraiu a atenção do povo iraquiano e fê-lo acreditar na esperança de uma resolução dos seus problemas económicos».

O medo do fundamentalismo

O governante defende que só depois da retirada do Kuwait será possível negociar a situação do Líbano e dos palestinianos «e mesmo assim, é necessário criar uma força internacional, uma ordem internacional apoiada pelo ocidente e com a participação directa dos países árabes de forma a garantir o desarmamento e a paz na região».

António Maria Pereira, o primeiro orador da tarde, dissecou as razões que levaram os cinco países membros do

Conselho de Segurança da ONU a, pela primeira vez, adoptarem um posição de força conjunta.

«A Perestroika, pelas mãos de Gorbachev, foi o grande acontecimento histórico que tornou possível acabar com a guerra fria, passando a União Soviética a estar empenhada na resolução dos conflitos regionais», disse o deputado do PSD.

Os graves problemas internos a nível económico e político, o complexo processo de democratização do país, o receio do expansionismo fundamentalista entre a população muçulmana do sul da URSS e a necessidade de concentrar todas as energias na resolução desses mesmos problemas, foram factores que, segundo António Maria Pereira, justificam todo o interesse dos soviéticos em terminar com os conflitos regionais, garantindo a estabilização.

A China, outro membro do Conselho de Segurança, após algumas hesitações terá decidido não aplicar o veto porque «queria refazer a sua imagem elevando os embargos dos Estados Unidos e da Comunidade Económica Europeia aplicados depois dos acontecimentos na praça Tianamen», referiu o deputado.

Ambiguidades

A análise da posição da França mereceu a António Maria Pereira mais comentários pela «natureza ambígua» de algumas declarações do Presidente Mitterrand.

«Os franceses sempre mantiveram um distanciamento nalguns aspectos pontuais em relação aos EUA, em especial em relação a zonas como o Médio Oriente, onde a política externa francesa sempre teve influência». Esta posição deve-se, segundo o parlamentar do PSD, «ao forte lobby iraquiano que, em França, movimentava milhões de dólares em armamento e não só».

António Maria Pereira considerou a posição de Margaret Thatcher a mais coerente porque «exige a retirada sem condições».

Da posição dos norte-americanos, António Maria Pereira pouco adiantou, mas ele próprio defendeu que, mesmo que o Iraque se retire do Kuwait «é necessário exterminar Hussein, acabar

com o seu poderio militar na região». Não defende as eleições livres no território kuwaitiano, alegando que «40 por cento da população está a ser transferida, dando lugar a colonos iraquianos» e defende que o arrastamento do conflito «funcionar a favor do Iraque».

Jogos de guerra

Os cenários traçados assemelham-se a jogos de guerra: as hipóteses são controladas, as consequências imprevisíveis.

Para António Maria Pereira a hipótese mais provável «é o Iraque desencadear a guerra, levando Israel a atacar. É fácil, basta o Iraque causar problemas na Jordânia. Israel ataca e o Iraque fica com uma excelente bandeira para causar problemas ao Ocidente e aos países árabes moderados».

A segunda hipótese, um ataque dos norte-americanos, só se concretizaria em Novembro, porque, adianta, «só nessa altura o dispositivo militar americano estará no máximo; há eleições nos Estados Unidos a 6 de Novembro e os americanos não querem uma guerra antes de eleições; o clima nessa altura é mais favorável aos norte-americanos».

Pacheco Pereira, que foi apresentado como o homem que iria falar da posição do Governo português, assumiu uma atitude pessoal, próxima da do Executivo.

Valorizou a nova ordem internacional que se está a criar com a aliança entre os cinco membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Não se manifestou tão optimista quanto António Maria Pereira quanto à hipótese de a mesma força vir a ser aplicada na resolução dos conflitos no Líbano, na Palestina ou em Timor, mas «pelo menos ficou provado que há essa possibilidade».

É este «o efeito mais duradouro da crise, estamos perante um fenómeno que vai obrigar a repensar o papel da Nato e a identidade da política externa dos países». Pacheco Pereira defendeu a posição ponderada do Governo de Lisboa e afirmou que «é difícil agora julgar essa atitude, porque as consequências da crise são imprevisíveis».

Maria João Rocha

COMENTÁRIO

Israel, Israel voltarás ao pó?

O Kuwait foi um objectivo secundário, menor. Era Israel que estava no centro da mira de Saddam Hussein. E fonte diplomática norte-americana garantiu que a CIA avisou repetidamente o Departamento de Estado sobre os perigos que, potencialmente, a mão do presidente iraquiano podia atirar para o tabuleiro internacional. Mas o departamento dirigido por James Baker fez ouvidos moucos ao aviso ou, talvez, terá definido uma estratégia segundo a qual o melhor era deixar Saddam Hussein avançar e cair para a frente, como de Gaulle e Pompidou acertaram, no Maio de 68. Os assassinios de árabes agora perpetrados, pela Polícia israelita, em Jerusalém, podem ter levado Israel a também «cair para a frente». Neste momento, Israel não devia matar. «Quem com ferro mata, com ferro morre». Israel, Israel, voltarás ao pó?

Um mínimo de cinismo permite que se diga: «Se um israelita matar dois árabes, rebenta grande escândalo internacional. Se um árabe matar dois mil árabes, tudo bem».

Ao matar árabes, agora, em Jerusalém, a Polícia israelita não teve em conta esta regra de ouro do Médio Oriente. Yasser Arafat que, há semanas atrás foi dado como «louco» pela sua completa adesão a Saddam Hussein (americanos e outros observadores assim previram), pode agora começar a pensar que conseguiu encostar Israel à parede, graças ao sangue árabe que, uma vez mais, foi vertido pelos tiros israelitas, insensatos, orgulhosos e talvez suicidas.

O presidente iraquiano provocou Israel à distância, por intermédio Ocidente. Bush poderá ter caído numa armadilha instalada por um árabe que, como todos os outros, é tão hábil em regatear o preço de um prato de estanho, num bazar, como em usar a força e a morte para gosto da sua ambição pan-árabe e muçulmana.

Há aqui, aliás, uma ironia. Tanto medo que se temido no Ocidente relativamente aos fundamentalistas islâmicos! E agora é um sunita, como Saddam Hussein, que, de súbito, realmente ameaça Israel e, por aí, via petróleo, os Estados Unidos, a Comunidade Europeia e quase toda a economia mundial.

Será que o massacre de Shaperville, nos anos 60, na África do Sul, teve agora paralelo no sangrento disparate que a Polícia israelita cometeu em Jerusalém? E se os brancos sul-africanos se consideraram autorizados a matar negros, não terá sido um mecanismo por algum modo semelhante que levou os polícias israelitas a pensarem que tinham direito a assassinar os palestinianos que apedrejavam o Muro das Lamentações, tão querido aos judeus fanáticos?

Se se pode dizer que, historicamente, o massacre de Sharpeville assinalou o começo do ainda não completado fim do apartheid, por que não lembrar ao Governo de Telavive que, desta vez, terá, ele também, de enfrentar o possível fim do seu «apartheid» racista, religioso e intrometido na História moderna, em nome de uma legitimidade puramente bíblica?

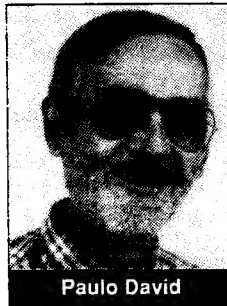
Israel está cheio de contradições, quase todas com sangue à mistura. Mas também com comédia.

Mostraram-se inquietos com a unificação alemã, voltando a levantar o fantasma do Holocausto. Pois agora são firmas alemãs que estão a vender aos israelitas máscaras de gás especiais. E especiais porque os fundamentalistas judeus exigem que as suas barbas possam ser acomodadas dentro das ditas máscaras. Nem o perigo de morrer os leva a desistir do seu superior apêndice piloso.

Bom... Se Saddam Hussein atacar Israel, no intento de arrastar, definitivamente, todo o mundo árabe consigo - se assim acontecer, o que farão os Estados Unidos, o que fará a União Soviética, o que fará a Comunidade Europeia? Farão nada.

A dependência do petróleo, os custos da intervenção militar multinacional no Golfo, as cólicas de que a perestroika sofre, a enxaqueca que o défice orçamental de Estado causa à economia norte-americana, as preocupações da CE com a instalação do Mercado Único em 1993, com a voracidade de créditos que o Leste demonstra e com as inquietações financeiras e outras resultantes da unificação alemã - tudo isto pode paralisar o Ocidente e levá-lo a aconselhar aos judeus que tenham enfim, um pouco de sensatez e se reconheçam como semitas, iguais aos árabes. Há no judaísmo e no islamismo textos doutrinares suficientes para justificar a tolerância.

Israel, Israel, voltarás ao pó?



Paulo David

POLÍTICA

Maria Santos prepara anúncio para Belém

Maria Santos prepara-se para anunciar sua candidatura a Belém. A avaliação no terreno a que os ecologistas, não partidários, têm procedido, abrem-lhe boas perspectivas. «Está a caminhar muito bem», disse esta manhã ao «DL» o porta-voz parlamentar dos «Verdes».

O grande problema que, para já, a candidatura coloca, para além da estrutura organizativa de campanha em todo o País, será de natureza financeira. O porta-voz dos «Verdes», Porfírio Alves Pires, definiu o seu optimismo a esse respeito nestes termos: «Temos poucos meios, mas muito optimismo».

No futuro imediato poderão sair desta candidatura condições para o lançamento de um movimento de intervenção política ecologista e alternativa, tipo partido ecologista forte, não marxista-leninista, como foi aventado na última reunião dos «Verdes» europeus realizada em Portugal sob os auspícios do PEV. A potencial candidata à «corrida» adianta hoje que ponderará todas as razões que a levem a aceitar o desafio e terá em contra «todos os argumentos» que lhe sejam apresentados.

De acordo com Porfírio Alves Pires o processo para avaliação do apoio à candidatura de Maria Santos está a exceder todas as expectativas, sendo de destacar a disponibilidade nesse sentido manifestada a Sul do país, com particular incidência no litoral. Os contactos vão continuar, tudo indicando que levantamento da situação esteja concluído dentro de dias.

O desinteresse do MDP, PRD e PSR do processo de apoio a Maria Santos é considerado «positivo» por Alves Pires, segundo o qual o apoio dos militantes desses partidos poderá estar garantido, sem conotar a sua candidatura com qualquer partido. O mesmo se passa em relação às associações ecologistas e ambientalistas: Maria Santos quer o voto dos seus elementos, não dessas estruturas como tal.

Esta «Rosa Mota da política ecologista e ambiental», como em diversos meios não partidários já lhe chamam, prepara a sua «maratona» para Belém e anuncia as regras da corrida: «A decisão final, com carácter de urgência, não poderá caber a terceiros. Assumi-la-ei na altura própria». Por razões estritamente familiares, o prof. Gomes Guerreiro não deverá ser o mandatário nacional da campanha de Maria Santos.

Júlio Rodrigues

Carlos Carvalho na apresentação da sua candidatura às eleições presidenciais:

«Soares é um Golias contra muitos Davides»

«O sistema misto parlamentar-presidencial pode ser esvaziado de conteúdo por uma actuação passiva e pouco interveniente do Presidente da República», disse esta manhã o secretário-geral-adjunto do Partido Comunista, Carlos Carvalho, ao apresentar aos jornalistas o programa da sua candidatura a Belém.

Carlos Carvalho manifestou a opinião de que ao Presidente da República deve caber «um papel efectivo nas grandes questões da política nacional e internacional», apontando os exemplos da integração europeia e da crise do Golfo como situações em que se exigiria ao PR uma participação mais activa do que a protagonizada por Mário Soares.

O candidato comunista respondeu, aliás, quando lhe pediram a sua opinião sobre o mandato prestes a ser cumprido, que Mário Soares tinha «diminuído o órgão Presidência da República», não obstante continuar a achar que foi «justo e positivo» o apelo do Partido Comunista para o voto em Soares nas eleições de 1986.

Uma candidatura de afirmação partidária

Quanto à próxima eleição, propriamente dita, Carvalho reconheceu que as circunstâncias não lhe são favoráveis nem às eventuais alternativas que possam surgir. É que, ele o disse, «Soares é um Golias contra muitos Davides».

A candidatura de Carlos Carvalho foi apresentada em conferência de imprensa, esta manhã, num hotel de Lisboa, sem sofismas nem disfarces: trata-se de uma candidatura rigorosamente partidária e tendo como razão de fundo a afirmação da identidade e da autonomia política do PCP. De António Abreu, mandatário nacional, a Carlos Brito, Domingos Abrantes ou Octávio Pato, mas também de Luís Sá e Demétrio Alves a Rui Godinho e elementos da JCP, foi só de partidários seus, da antiga ou da nova geração, que o candidato se



Rui Vasco

Candidatura de Carlos Carvalho é o programa de acção do PCP para os anos 90

rodeou neste seu primeiro ano de campanha.

O candidato do Partido Comunista assumiu, aliás, o ónus da tarefa partidária que lhe foi cometida ao considerar a sua participação na campanha das presidenciais como «forma de expressão natural de uma importante força política» que quer «afirmar e preservar a sua autonomia de apreciação, decisão e opção e a sua própria identidade, propostas e objectivos».

Carlos Carvalho desmentiu, por outro lado, eventuais intenções de desistir à boca das urnas garantindo que o seu nome vai constar dos boletins de voto. E ao ser-lhe perguntado se esta não era uma simples candidatura para os tempos de antena, disse que quem tal afirma «apenas pretende diminuir a importância do Partido Comunista na sociedade portuguesa».

Nesta perspectiva e sem deixar de referir as competências e atribuições que entende deverem caber ao PR, no regime misto constitucionalmente desenhado em Portugal, Carlos Carvalho privilegiou a exposição das linhas de força da actuação do Partido Comunista nos próximos anos. O programa da candidatura intitula-se, significativamente, «Anos 90:

Portugal pode ser melhor», e um dos subtítulos do texto-base da conferência de imprensa fala de «um projecto de futuro» para esta candidatura do PCP.

«Portugal necessita de procurar as vias do seu futuro», disse Carlos Carvalho, seguindo o caminho de «um verdadeiro desenvolvimento económico e social e de aprofundamento da democracia», para que possa encontrar no mundo «um lugar em que faça valer todas as suas potencialidades».

Programa de combate às desigualdades sociais

Esse lugar é incompatível, segundo o candidato do Partido Comunista, com a manutenção de uma «especialização desvalorizada» e com a continuação das «privatizações e do negociismo» que «escancaram as portas às multinacionais para se apoderarem de alavancas fundamentais da economia portuguesa».

Carvalho afirmou-se «claramente vinculado» ao processo de construção em Portugal de «uma democracia simultaneamente política, económica, social e cultural», partindo das bases do «património actuante da revolução de Abril» e reclamando-

se dos «grandes valores do regime democrático» consagrado na Constituição.

Que papel pode o Presidente da República vir a ter nesse processo? E qual é o seu lugar nas instituições democráticas? A tais perguntas se antecipou o candidato comunista, ao dizer que a revisão constitucional de 1982 resolveu «a favor da maioria parlamentar e do Governo de direita», a tensão entre vários órgãos de soberania. Mas a revisão de 1989, disse, «alargou os poderes do Presidente da República em alguns domínios» a ponto de nada justificar que «o sistema misto parlamentar-presidencial seja convertido em sistema de primeiro-ministro, com a anulação dos contrapoderes e da interdependência efectiva entre órgãos de soberania».

Ao Presidente da República deve caber, segundo Carlos Carvalho, «um importante papel impulsor das grandes reformas democráticas previstas na Constituição», tais como o reforço dos direitos dos cidadãos, da construção de uma Administração aberta, da regionalização e do reforço do Poder Local.

O PR, segundo este candidato, deve assumir o papel de «voz e apoio» dos que «lutam pelos seus direitos e precisam de protecção social» e, em particular, «dos que combatem pela igualdade e a justiça social». E no programa da candidatura precisa-se que o Partido Comunista vai fazer da campanha um combate às desigualdades sociais, de que a actualidade revela «fundas marcas» e sinais indistigíveis, segundo disse o próprio Carvalho.

«As injustiças prosseguiram e agravaram-se nos últimos anos», insistiu o candidato. «E uma sociedade fundada no poder do dinheiro é uma sociedade de exclusões, de egoísmo social, que propicia a delinquência, fomenta a droga e cria esse mito de homem moderno, agente e vítima da doença social chamada indiferença».

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SERVIÇO DE BELAS-ARTES

BOLSAS DE ESTUDO PARA CURSOS SUPERIORES OFICIAIS DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA (Arquitectura, Pintura, Escultura, Design, Teatro e Cinema)

De 10 a 31 de Outubro estará aberta a inscrição para bolsas de estudo no País, destinadas à frequência, no ano lectivo de 1990/1991, dos Cursos Superiores Oficiais de Formação Artística nas áreas acima mencionadas.

Os beneficiários de bolsas concedidas no ano lectivo anterior terão prioridade na obtenção de bolsas da mesma categoria, desde que se encontrem nas condições fixadas no Regulamento. O número total de bolsas a atribuir, novas e renovadas, não poderá exceder 60.

Na atribuição das bolsas atender-se-á aos resultados das avaliações escolares dos candidatos e às condições económicas dos respectivos agregados familiares.

Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian — Avenida de Berna, Lisboa — para o efeito de obterem exemplares do Boleim de Inscrição e do Regulamento. Os interessados que residam fora de Lisboa poderão dirigir-se, por escrito, ao Serviço de Belas-Artes, no sentido de lhes serem enviados aqueles documentos.



LOJAS GRULA

A MAIOR REDE
DE LOJAS DO RAMO
ALIMENTAR DO PAÍS

Em cada uma das 2300 lojas GRULA
compra melhor... e mais perto.

Há uma loja perto de si:

LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA
VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA

POLÍTICA

Enquanto a Procuradoria diz investigar eventuais violações do segredo de justiça, Moraes Antunes garante no Tribunal de Polícia:

«Silveira Botelho não é suspeito»

«Não tenho nenhum elemento que permita concluir que o dr. Silveira Botelho é suspeito» - afirmou ontem no Tribunal de Polícia, em Lisboa, o director do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP), Moraes Antunes, durante o julgamento a que está a ser submetido o antigo chefe de gabinete da ministra da Saúde, por se ter recusado a prestar declarações na condição de testemunha.

Botelho estava sentado no banco dos réus exclusivamente sob a acusação, formulada pela Procuradoria da República, de desobediência à autoridade. Porém, aquela afirmação de Moraes Antunes - complementada com a revelação feita antes de que a investigação estava em condições de «aquilatar da veracidade das declarações de Botelho» - emprestou novas cambiantes à discussão jurídica.

Ao reconhecer a inexistência de elementos incriminadores, o responsável do DIAP e procurador-adjunto admitia, pelo menos implicitamente, que Silveira Botelho estava sob investigação. Foi por este «fio» que Duque Lacerda, advogado de defesa, puxou. No entanto, ao questionar directamente Moraes Antunes, este recusou-se a responder, alegando segredo de justiça.

Gorados os esforços de confirmar oficialmente se o seu constituinte estava a ser alvo de investigação, Duque Lacerda quis saber porque razão, sendo ele apenas testemunha do processo, foi efectuada a recolha de autógrafos, para exame pericial. Moraes Antunes, que depunha como testemunha de acusação, afirmou não ter de dar explicações a Silveira Botelho, uma vez que ele «não perguntou». Além disso, continuava na condição de testemunha e só em caso de suspeita passaria a arguido.

Segredo de justiça

A sessão de ontem do julgamento, cuja continuação



Silveira Botelho, com o seu advogado: «A violação do segredo de justiça só pode ser feita por quem detém os processos»

está já marcada para amanhã, ficou marcada, em diversos momentos, pelo debate em torno do segredo de justiça e seus limites. A defesa, que incluiu no processo diversas peças jornalísticas, debateu-se, permanentemente com a recusa a esclarecimentos suplementares da parte de Carlos Moraes Antunes, em nome do segredo de justiça.

Silveira Botelho afirmou perante o juiz que as sucessivas violações do segredo de justiça estavam a causar-lhe «intranquilidade». Por isso requereu a passagem a arguido, não concedida. «Cruzo-me permanentemente com jornalistas», dissera, acusando a autoridade judicial de «incapacidade» para pôr cobro ao processo.

No final, sustentou uma vez mais a tese, perante os jornalistas. Depois de considerar ter ficado claro que sobre ele não impende qualquer

suspeita de crime, afirmou que a violação tem sido sistemática. «Curiosamente», acrescentou, «o segredo de justiça foi aqui alegado para que as pessoas não se possam defender». Interrogado pelo «DL» sobre a quem atribui responsabilidades, Botelho não culpou a Comunicação Social. «A violação do segredo só pode ser feita por quem detém os processos», disse. Minutos antes, no seu depoimento, Moraes Antunes fizera questão de proclamar: «Não admito a insinuação de que tenha algo a ver com o que vem nos jornais».

Procuradoria investiga

A Procuradoria-Geral da República, está a investigar «eventuais violações do segredo de justiça» nos casos Costa Freire e Melancia. A notícia surge na sequência de acusações feitas quer por

Silveira Botelho, quer por Carlos Melancia, no âmbito dos processos em que estão envolvidos. Contactado pelo «DL», o chefe de gabinete do Procurador afirmou que as investigações não foram agora desencadeadas. No caso do inquérito ao Ministério da Saúde, iniciaram-se em Junho, no caso Melancia começaram «há alguns dias». A provar-se a violação do segredo de justiça, os visados serão alvo de um processo-crime.

Entretanto, Marques Vidal, director da Polícia Judiciária, resolveu ontem esclarecer anteriores declarações em que referiu «orientações do Governo» em investigações da PJ. Em declarações à Lusa, Vidal afirmou não haver declarações do Governo nos «casos Costa Freire e Melancia», mas tão só nos «domínios do tráfico de droga e dos fogos florestais».

P. M.

Cavaco na Sonae nega austeridade

O primeiro-ministro, Cavaco Silva inaugurou ontem em Mangualde uma fábrica de aglomerados de madeira pertencente ao grupo Sonae, de Belmiro de Azevedo. Na ocasião o chefe do Governo afirmou que os empresários não podem ignorar a preservação dos recursos naturais e a defesa do meio ambiente. Perante a situação no Golfo Pérsico, o primeiro-ministro afirmou que «a não ser que se caia numa situação de guerra generalizada, Portugal não vai ter necessidade de qualquer programa de austeridade». Depois da inauguração o primeiro-ministro almoçou com os governadores civis.

Parlamento vota hoje Estatuto dos Militares

A Comissão Parlamentar de Defesa Nacional discute e aprova hoje e amanhã o Estatuto dos Militares das Forças Armadas e o novo Novo Sistema Retributivo. A Comissão Nacional de Sargentos entregou entretanto na Assembleia da República as propostas de alteração aos artigos que considera «mais gravosos para a carreira» e manifestou-se «esperançada» na resolução das suas «aspirações e preocupações».

João Jardim líder das regiões periféricas

O presidente do Governo Regional da Madeira foi reeleito em Pays-de-Loyre, em França, presidente da Conferência das Regiões Periféricas e Marítimas da CEE, organismo que preside desde 1986. Nesta reunião, de que resultou a reeleição de João Jardim, foi decidido questionar a Comissão das Comunidades sobre a maior institucionalização das regiões nos órgãos da CEE, a defesa da qualidade de vida, a recuperação do mundo rural, e o desenvolvimento dos transportes regionais insulares.

PCP analisa política ambiental

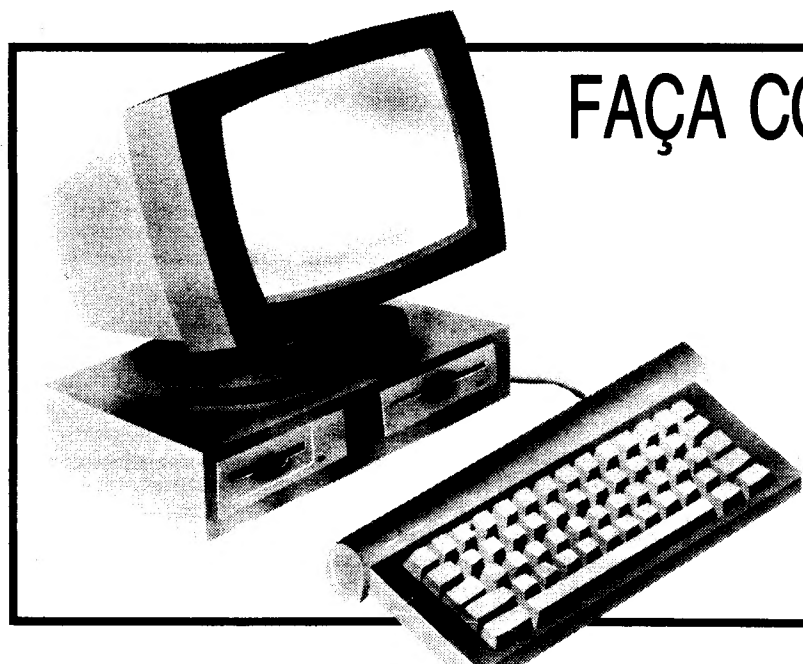
Debater as «grandes linhas» da sua própria política de ambiente e confrontar com ela a actual política do Governo nesta área é o objectivo do seminário nacional que o PCP realiza no domingo. Participam especialistas, autarcas e membros de associações de defesa do Ambiente e do Património. A reunião efectua-se na Amadora.

PS e CDS coligam-se nas eleições em Monção

Socialistas e centristas chegaram a acordo para apresentarem uma lista conjunta às eleições intercalares na Câmara de Monção, em Dezembro. As negociações concluíram-se ontem e afastaram qualquer eventual participação do PCP naquela coligação.

Boaventura Sousa Santos apoia Mário Soares

O catedrático da Universidade de Coimbra Boaventura Sousa Santos rejeitou a hipótese de se candidatar à Presidência da República, manifestando ao mesmo tempo o seu apoio a Mário Soares. Recentemente, o antigo apoiante de Lourdes Pintasilgo foi apontado como potencial candidato por dirigentes do MDP.



FAÇA CONTAS COM O SEU NOVO COMPUTADOR

E deixe lá as contas para o comprar. Fale connosco.

Com a Sofinloc pode escolher - nós financiamos, em *leasing*. Uma solução tão moderna e eficiente quanto o seu novo computador.

A Sofinloc dá mais vantagens aos profissionais do século XXI - consulte-nos.



SOFINLOC
SOCIEDADE FINANCEIRA
DE LOCAÇÃO, S.A.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Emelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

A CORDA DE MONIZ

Eu supunha que este País se repartia em dois. O País que o embaixador Franco Nogueira assumia. E o País que o dr. Miguel Tavares Rodrigues assumia. Começando metade do País lá onde o dr. Miguel Tavares Rodrigues acaba e onde começa o embaixador Franco Nogueira.

E começando a outra metade do País lá onde, por começar o embaixador Franco Nogueira, o dr. Miguel Tavares Rodrigues tem de acabar.

Falo como telespectador.

Perante quase tudo quanto, segundo a RTP, de essencial havia para debater.

O País sabia.

Quando os acontecimentos eram História, e quando a História batia, do lado de fora, irrecusável, no écran da RTP, a RTP fazia dois telefonemas: um para o embaixador Franco Nogueira, o outro para o dr. Miguel Tavares Rodrigues. E colocava-os frente a frente.

Dizendo-se, e dizendo-nos.

O País compreendeu.

Tinha duas hipóteses: ou se identificava com a opinião do dr. Miguel Tavares Rodrigues ou se identificava com a opinião do embaixador Franco Nogueira.

Habitou-se, o País.

O dr. Mário Soares, se se queria rever numa opinião, escolhia: ou o embaixador Nogueira ou o dr. Rodrigues.

O dr. Cavaco, ou o dr. Rodrigues ou o embaixador Nogueira.

Torga, o prof. Agostinho da Silva, Rosa Mota, o dr. Valy Mamede, o sr. Procurador-Geral da República, Rui Veloso, Arnaldo de Matos, o pai do dr. Dias Loureiro, o sr. Carlos Barbosa, Ana Zanatti, o artista Palolo, o meu querido amigo dr. Basílio Horta, a direcção da revista «K», o padre bombeiro dr. Vítor Melícias, Rita Ribeiro, o sr. Stanley Ho, a Associação Nacional de Municípios, o sr. eng. Edgar Cardoso, o prof. Vital Moreira, Clara Pinto Correia e o ceramista Cargaleiro, todos, — ou o embaixador Nogueira ou o dr. Rodrigues.

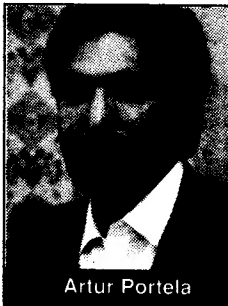
E o dr. Eduardo Prado Coelho?

Pois o dr. Eduardo, o embaixador Nogueira.

O dr. Prado, o dr. Rodrigues.

E o dr. Coelho, ou um ou outro ou ambos.

A situação era tal que o dr. Raúl Rêgo configurava, provavelmente, o caso único de um telespectador português que se recusava a identificar-se, não apenas com o embaixador Nogueira, mas também com o dr. Rodrigues.



Artur Portela

Mário Mesquita

Devo a Mário Mesquita não apenas o meu regresso às páginas do «Diário de Lisboa».

Devo-lhe o reconhecimento, que gostaria fosse público, da sua condição de grande jornalista e de homem que assumiu, com Diana Andringa, com toda a redacção, com todos os que neste jornal trabalham e nele colaboram, um projecto fundamental na imprensa portuguesa e na nossa sociedade.

Sem ignorar aspectos deste processo que só podem preocupar quem se identifica com os

Na crença absurda de que a opinião dele não era — nem de um nem de outro.

Motivo decerto bastante para que o dr. Coelho Ribeiro movesse, ao dr. Raúl Rêgo, um processo — por concorrência desleal.

Numa palavra, para a RTP, o Tejo não era um rio.

Era a linha de fronteira entre um dr. e um embaixador.

Estávamos nisto, quando, de súbito, em plena «Primeira Página», a RTP veio dizer-nos que há — um terceiro País.

Um terceiro homem.

O dr. Joaquim Aguiar.

É o pluralismo.

Mais rigorosamente, é, após o bilarismo, o trilarismo.

Há, no entanto, aqui, uma questão.

Que é esta — se, hoje, a RTP descobre que há, neste País, não duas opiniões, mas três opiniões, quer isto dizer que, ontem, não havia?

Ou quer isto dizer que havia e que a RTP nos esteve privando, este tempo todo, da opinião do dr. Joaquim Aguiar?

Ou, ainda, quer isto dizer que, para a RTP, o dr. Joaquim Aguiar, no fundo, o que vem é libertar o embaixador Franco Nogueira de um terço da sua opinião e o dr. Miguel Tavares Rodrigues de outro terço da sua opinião?

Ou, ainda, quer dizer isto que um terço de tudo quanto o dr. Miguel Tavares Rodrigues dizia e outro terço de tudo quanto dizia o embaixador Franco Nogueira já era a opinião do dr. Joaquim Aguiar?

A ponto de começar a ser urgente que a RTP esclareça quais dos três são os dois que não foram ministros dos Negócios Estrangeiros.

E, dos dois que não foram directores de «O diário», qual deles é que foi consultor do Presidente, e de que Presidente, e de que regime.

E, dos três que não são, neste momento, directores de nenhum jornal, incluindo «o diário», qual deles quis ser ministro dos Negócios Estrangeiros, sendo certo que um dos outros dois foi.

Há, porém, outra perspectiva.

Que a RTP, sob a inspiração forte da reunificação alemã, poderá encerrar.

A de fundir, num só, os três.

Seria o embaixador Joaquim Franco Aguiar Tavares Nogueira Rodrigues.

Perante isto, ao dr. Raúl Rêgo só restaria convidar o dr. Banda para Grão-Mestre da Maçonaria.

E ao dr. Banda aceitar.

Na condição de, estando vivo o dr. Rêgo, estar vivo, ainda, o dr. Banda.

Artur Portela

O DIA

De um artigo de Silva Resende:

A Comunidade Europeia possui, segundo a estatística da nossa TV, tantos monarcas como presidentes. O que a TV não disse, por não saber ou por não lhe convir, foi que nessa comunidade, os reis andam vergonhosamente a reboque do poder republicano e que os presidentes nadam cada vez mais nas abundâncias e munificências do poder régio. O poder dos últimos, escorrendo por milhentos canáliculos da cumplicidade partidária e sectária, retrocede ao mundo romano...

8.OUT.90

CORREIO da manhã

De um artigo de Tito Olívio:

O sucesso escolar depende de vários factores, como a estrutura individual do aluno, a sua posição social (a forma como vive e com quem), a sua maior ou menor facilidade de adaptação às regras estabelecidas pela sociedade, a sua capacidade intelectual, a possibilidade da sua integração no sistema escolar, o que requeriria uma nova estrutura da Escola, pois o professor não pode atender ao caso pessoal de cada aluno, quando lhe entregam turmas com trinta e mais alunos. Então, um dos principais factores do insucesso escolar é precisamente a estrutura da Escola e do sistema escolar, uma vez que os alunos deveriam ser acompanhados numa relação mais pessoal e deveria haver um psicólogo que ajudasse os docentes, que não têm possibilidades, com turmas desta dimensão, de serem professores, mães, ou pais, psicólogos, escriturários, etc. E porque não uma assistente social? E um médico, como existia no Liceu Camões dos anos 40, que tinha um enfermeiro permanente? Se analisarmos o sistema escolar que temos, verificamos facilmente que ele está cheio de amadorismo e aos docentes se exige aquilo que não podem dar e de que os alunos necessitam.

Para terminar (o assunto tinha pano para mangas) há que realçar o facto de grande parte dos professores, principalmente os recém-formados, procurarem na Escola o emprego que o mercado lhes nega, especialmente o Estado, com a sua prolongada proibição de admissão de técnicos, o que se traduz, na prática educativa, em termos não professores mas mercenários à espera de arranjar uma outra solução para a sua vida.

8.OUT.90

Diário de Notícias

De um editorial:

Em suma, assiste-se ao reconhecimento pela senhora Thatcher, do falhanço da política até aqui seguida. Elevadas taxas de juro revelaram-se insuficientes para resolver o problema inflacionista. Verifica-se ainda que, para Londres, o domínio do marco alemão na economia europeia é um dado adquirido. A adesão, neste momento, constitui a assunção de um sério risco; perfila-se, porém, como mais uma ousadia da primeira-ministra e, simultaneamente, como expressão de uma leitura realista da grave situação a que conduziu a sua visceral tendência individualizante.

Afinal, a disciplina monetária europeia veio a proporcionar uma saída airosa para a «indisciplinada senhora», seja no interesse do país seja, porventura, no interesse específico do seu partido.

Só Portugal e a Grécia se encontram ainda fora do sistema. O ministro das Finanças, Miguel Beza, diferiu para depois da reunião do Comité Monetário uma apreciação das novidades londrinas. Frisou, todavia, que o escudo entrará no SME «quando for tecnicamente possível». De facto, ou se toma uma resolução política ou se observa a verdade económica. O certo é que restringir mais as políticas monetária e orçamental assemelha-se a uma operação quebra-cabeças. Mas também é certo que Cavaco Silva foi aparecendo, por norma, muito próximo de Margaret Thatcher. Além de que crescerão as pressões sobre Lisboa em termos de adesão.

8.OUT.90

Mea culpa

Os textos que ontem publicámos na «Grande Angular» das páginas 2,3 e 4, sobre Oriana Fallaci, saíram lamentavelmente gralhados. A origem do acontecimento não esteve em falta de revisão, porque ela foi feita, mas sim em deficiência surgida nos circuitos que ligam diferentes partes da Redacção entre si e sectores finais da edição. Por isto pedimos desculpa aos nossos leitores.

INTERNACIONAL

Congresso e Casa Branca encontraram uma saída para o impasse orçamental

Paralisia da administração Bush evitada «in extremis»

O Congresso e a Casa Branca lograram a noite passada uma saída para o impasse orçamental que ameaçava paralisar o funcionamento da administração norte-americana.

Após negociações de última hora entre líderes do Congresso e representantes da Casa Branca, as duas câmaras votaram um texto que desbloqueia as despesas temporárias, permitindo assim o funcionamento da administração até ao próximo dia 19, altura em que o Congresso deverá aprovar o plano de redução do orçamento para o próximo ano fiscal. A Casa Branca revelou que o Presidente Bush assinará o texto, para lhe conferir força de lei.

Para além desse documento de emergência, o Senado aprovou esta madrugada um plano para a redução do défice

orçamental em 500 mil milhões de dólares até 1995.

O plano, aprovado por 66 votos contra 33, prevê uma redução de 40 mil milhões de dólares durante o ano fiscal de 1991, e de 500 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos.

O plano apresenta, em relação ao anterior, duas inovações essenciais: o aligeiramento das medidas mais impopulares e nomeadamente a redução das participações nos cuidados médicos das pessoas idosas, questão que será estudada em pormenor por comissões especializadas.

Os meandros da crise

O braço de ferro entre uma parte do Congresso e a Casa Branca começou na semana passada, quando a Câmara dos Representantes recusaram

o plano de redução do défice orçamental, elaborado após difíceis negociações entre as duas partes.

O Presidente George Bush respondeu a essa atitude com o seu veto a uma proposta do Congresso sobre a abertura de uma linha de crédito para o funcionamento temporário da administração, exigindo entretanto a aprovação de um novo plano de redução do défice orçamental.

As duas câmaras aceleraram o processo, evitando assim que o Presidente Bush voltasse a opor-se à abertura do crédito temporário.

A crise não está no definitivamente sanada. O Congresso deverá adotar as medidas mais importantes incluídas no plano original, para compensar os sectores menos contemplados nos orçamentos sociais.

Essas medidas parecem ser muito caras a George Bush, e só a sua adopção poderá impedir o veto do Presidente em relação ao orçamento definitivo.

Os funcionários poderão nos próximos dias receber os seus salários.

Após um fim-de-semana de três dias (ontem foi feriado, comemorativo da descoberta da América por Cristóvão Colombo), fizeram todos os possíveis para não faltar hoje ao trabalho.

Mas, se não se tivesse chegado a acordo, o Governo teria a ingrata missão de escolher, entre os 2,4 milhões de funcionários, os que seriam necessários para assegurar os «serviços essenciais», enviando os restantes para casa, por falta de verbas.

Redacção «DL» / AFP

Gorbachev adverte contra os perigos do separatismo

O Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, advertiu os líderes do PCUS para o perigo do separatismo nas repúblicas soviéticas, afirmando que se este não for controlado a URSS pode transformar-se num novo Líbano.

Falando na primeira reunião plenária do Comité Central do partido desde o histórico congresso de Julho passado, Gorbachev exortou também os comunistas a abandonarem uma vez por todas os preconceitos em relação à adopção da economia de mercado. O líder soviético, cujo discurso de abertura do plenário foi divulgado pela agência noticiosa Tass, afirmou que a mais importante tarefa para os comunistas era «resistir à pressão das forças separatistas». Gorbachev voltou a apelar para que os comunistas se unam com os outros «movimentos patrióticos e progressistas» de forma a que o programa «anticrise» possa ser concretizado. O Presidente soviético acusou os separatistas e extremistas de enganarem o povo e «criarem uma atmosfera de ódio e terror», que faz com que as pessoas tenham «medo de dizer o que pensam».

Os grandes desafios à união do país partem essencialmente das três repúblicas bálticas, que desejam a restauração da sua independência perdida durante a segunda Guerra Mundial, e a Federação russa, a maior da URSS.

Redacção «DL»/Lusa

Conservadores britânicos iniciam congresso em clima de optimismo

O congresso anual do Partido Conservador britânico, que poderá bem ser a última destas conferências partidárias antes das eleições gerais, teve hoje início em Bournemouth, estância à beira mar na costa sul da Grã-Bretanha, em ambiente dominado pelo optimismo.

A primeira-ministra Margaret Thatcher, que chegou a noite passada a Bournemouth, disse apenas que «o partido se lançaria com todo o vigor na luta pela vitória, para um quarto mandato eleitoral». Foi anunciada a participação de 15.000 delegados.

O presidente do Partido Conservador, Kenneth Baker, que organizou a conferência, afirma que a vitória é certa, «mas a luta será muito renhida».

Sobre a possível data eleitoral, Thatcher disse apenas que «será antes de Junho de 1992». Esse mês é, de facto, a última data que ela poderá escolher para tal escrutínio.

Porém, a opinião geral é de que, com a entrada do Reino Unido no mecanismo de taxas cambiais do sistema monetário europeu, e a esperança de uma descida no nível de inflação, existe uma grande possibilidade de eleições gerais antecipadas no próximo ano.

O chefe da polícia responsável pela segurança durante a conferência afirmou hoje que o nível de «ameaça à primeira ministra Margaret Thatcher é extremamente elevado». De facto, desde o ataque bombista de 1984, tal ameaça foi sempre considerada bem elevada. Mas as medidas de prevenção e segurança são também muito vigorosas.

Dezasseis forças de polícia da Inglaterra fornecem equipamentos e 1.500 homens. O edifício onde se realiza o congresso está rodeado de uma vedação de mais de dois metros de altura, destinada a impedir a entrada de pessoas



Margaret Thatcher à chegada ao local onde decorre a conferência

não autorizadas, ou possíveis terroristas.

Mas mesmo assim todos os 15.000 delegados, e outro pessoal presente, tiveram de ser individualmente investigados e aprovados, antes de receberem autorização para participar nas sessões e debates.

A «reforma dos serviços estatais de saúde», que hoje se debate, e a «remodelação do sistema de educação britânico», que será discutida amanhã, bem como as propostas do Governo britânico para o ambiente, para o «treino e emprego», e o apoio do Governo de Thatcher aos planos da CE para 30 por cento de redução nos subsídios aos lavradores, são os assuntos mais controversos desta conferência.

Thatcher deve esperar e receber, na altura do encerramento do Congresso, na sexta-feira, a costurada aclamação de pé por todos os delegados, que, como é tradicional durará entre oito a doze minutos.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Eduardo dos Santos cancela visita aos Estados Unidos

O Presidente José Eduardo dos Santos cancelou uma visita aos EUA, que deveria ter hoje início, e o seu Governo censurou Washington por continuar a fornecer ajuda militar à Unita de Jonas Savimbi. Eduardo dos Santos deveria falar na ONU sobre os seus planos para acabar com a guerra civil, que já dura há 15 anos e matou mais de 340 mil pessoas. Entretanto um perigo belga, o professor Aubin Heydrickx, acusou o Governo angolano de usar armas químicas contra a população civil no Sul de Angola. É a segunda vez que este especialista acusa o MPLA de fazer uso da chamada «bomba atómica dos pobres», proibida pela Convenção de Genebra de 1925.

Despedimento de estrangeiros na Alemanha de Leste

Os Governos de Angola, Moçambique e Vietname aceitaram o despedimento dos seus 85 mil trabalhadores na RDA, a troco de apoio financeiro do Governo Leste alemão, afirma o semanário «Der Spiegel». Baseando-se em informações de Almut B. 7er, antiga delegada do Governo da RDA para as questões dos estrangeiros, o semanário alemão federal afirma que os países de origem dos emigrantes estrangeiros na RDA - nomeadamente Angola e Moçambique - em negociação realizadas pouco antes da unificação alemã, acederam em anular nos acordos bilaterais o clausulado respeitante à protecção contra despedimentos dos trabalhadores em questão, a troco de financiamentos ou amortização das suas dívidas.

Governo moçambicano privatiza empresas

O Governo moçambicano vai alienar, ao longo deste ano, 31 empresas industriais estatais, no âmbito da privatização de unidades económicas cujo funcionamento se tem revelado deficiente, revela a Lusa, citando uma fonte oficial. As empresas poderão ser vendidas principalmente a cidadãos moçambicanos, que são livres de escolher os seus associados, adiantou a mesma fonte. Entretanto a Assembleia Popular aprovou os primeiros 10 artigos da nova Constituição, que incluem a retirada da expressão «popular» da designação da república.

Tempestade faz 50 mortos no Bangladesh

Ondas provocadas por uma tempestade, na baía de Bengala, atingiram as costas do Bangladesh, matando pelo menos 50 pescadores e afundando os barcos de centenas de outros, anunciaram hoje as autoridades. Cerca de 5.000 barcos que transportavam 50.000 pessoas encontravam-se na baía quando as ondas se formaram com uma altura de 1,5 metro superior ao normal, informa o jornal «Daik Bangla». Pelo menos 50 pescadores morreram e 100 outros foram dados como desaparecidos, informa o jornal.

IS debate desequilíbrios económicos

A crise do Golfo torna ainda mais urgente e importante a adopção de medidas concretas para reduzir a pobreza no mundo em desenvolvimento nesta década, que vão desde o aumento da ajuda oficial ao desenvolvimento até à substancial redução ou perdão da dívida externa. Esta foi a opinião de vários líderes ocidentais na primeira sessão do conselho da Internacional Socialista (IS), a decorrer em Nova Iorque, dedicada ao abismo Norte-Sul.

Confrontos com jovens em França

Grupos de jovens envolveram-se a noite passada em confrontos com a polícia nos arredores de Lyon, pelo terceiro dia consecutivo. Os confrontos, que começaram na noite de sábado com incidentes de menor gravidade, foram provocados pela morte de Thomaz Claudio, de 24 anos, que seguia como «pendura» numa motocicleta, quando o seu condutor foi de encontro a um carro da polícia. As autoridades ordenaram uma investigação sobre o caso, que está ser levada a efeito por peritos judiciais.

Inaugurado em Mem Martins

Pequenos mercados sobrevivem aos hiper

A população do bairro de S. Carlos, em Mem Martins, tem menos problemas em abastecer-se desde esta manhã, com a inauguração do prometido mercado, que decorreu de forma simples com a presença dos responsáveis do município de Sintra.

Trata-se de um edifício simples e de linhas modernas com capacidade para 24 bancas, dois talhos, uma loja de congelados, além das indispensáveis zonas para limpeza e acolhimento dos comerciantes.

Construído em tempo recorde - pouco mais de dois meses, «obedecendo às mais recentes normas comunitárias» a obra custou cerca de 40 mil contos e enquadra-se num vasto programa de reestruturação dos mercados no concelho.

Como em todo o lado, esta manhã, havia gente confiante e outra menos tranquila em volta do acontecimento. Duarte Inácio, por exemplo, deixou a sua profissão para se juntar à venda, na companhia da mulher, crente de



A inauguração do mercado, esta manhã

que não se arrepende. À saída do mercado já se ouviam senhoras de compras na mão prognosticar que «amanhã isto está tudo cheio de vendedores ambulantes, como antigamente».

Amanhã não será o caso porque no momento em que o presidente da Câmara dis-

cursava ainda decorriam as obras de arranjo do pavimento exterior do edifício. João Justino, acompanhado de Lino Paulo, vereador do pelouro dos mercados da autarquia de Sintra, defendeu ser necessário não deixar que a proliferação de hipermercados li-

quide o pequeno comércio e todas as tradições a ele ligadas. É indispensável, assegurou o presidente da Câmara, que os mercados se modernizem e moldem de forma a serem minimamente concorrenciais.

Do plano de reestruturação dos mercados do concelho de Sintra destaca-se a construção do de Cacém, cujos trabalhos estão em curso e deverão valer mais de 200 mil contos.

Pereira de Almeida

B R E V E S

Aumentam suicídios e sida nas prisões

O número de casos de droga e de suicídios tem aumentado nas prisões portuguesas onde, por outro lado, já foram detectados 31 reclusos portadores do vírus da sida. Para Fernando Duarte, director dos Serviços Prisionais, existem «casos de corruptelas e não de corrupção» nas prisões do país e, em entrevista publicada pelo semanário «Diabo», sublinha que grande parte da droga entra nas prisões através dos familiares e dos visitantes, chegando a ser escondida nos órgãos genitais. Quanto à sida, Fernando Duarte disse que se detectaram 27 homens e quatro mulheres seropositivos, um número que considera pouco significativo, ao considerar que as prisões recebem especialmente marginais. Sobre os suicídios, referiu que se verificaram 14 casos este ano, o que o preocupa e admite que a própria instituição, pelo seu carácter repressivo pode agravar os casos de depressão.

Alta Autoridade a favor da RTP

A Alta Autoridade para a Comunicação Social considerou que o programa «Hora da Vervade» da RTP-2, dedicada ao tema «Criminalidade» não violou a Constituição como pretendia uma queixa apresentada àquele organismo. A queixa alegava que o programa emitido em 26 de Julho, ao abordar um caso de espancamento que teria conduzido à morte de uma menor, afectou a presunção legal de inocência que o suspeito beneficia até ser julgado. No entanto aconselhou cuidado no tratamento jornalístico de casos criminais em que se deverá evitar identificar os suspeitos ou dar por assente a sua culpabilidade, para não influenciar quem intervenha no julgamento. Com este parecer a AACCS pretende harmonizar o direito de informar e da liberdade de Imprensa com os direitos e garantias individuais do cidadão, consagrados constitucionalmente.

Município do Porto vai ter «Linha Directa»

A «Linha Directa», serviço da Câmara Municipal do Porto destinado a atender as queixas dos munícipes sobre buracos nas vias públicas, começa a funcionar dia 15. Este serviço, acessível através do telefone número 200 77 77, atenderá também todos os problemas de obstrução das vias públicas, funcionando sem burocracias e de forma imediata. Após o telefonema, um responsável da linha directa, desloca-se ao local para observar o buraco ou a obstrução, enviando depois a brigada de reparações para resolver o problema.

Rede luso-venezuelana responde por droga

O Tribunal Judicial de Aveiro começa a julgar, sexta-feira, 32 indivíduos indiciados num processo respeitante a tráfico de droga proveniente da Venezuela. Esta rede, desmantelada há cerca de ano e meio pela Polícia Judiciária, é acusada de operar através de um processo pouco vulgar, que consistia na utilização de encomendas postais para introduzir estupefacientes em Portugal. De acordo com as investigações, os traficantes actuavam com base em Caracas, Venezuela, sob a coordenação de um casal constituído por um português e uma venezuelana de ascendência peruana. A droga entrava por Aveiro, sendo depois distribuída para os mercados nacionais de droga dura.

Tribunal absolve Instituto de Oncologia do Porto

O Tribunal Administrativo considerou improcedente a acção relacionada com o «caso Pedro Sá França», absolvendo o Instituto Português de Oncologia do Porto. A sentença não deu razão ao pedido de indemnização exigida pelos pais de Pedro Sá França, devido a um alegado erro de diagnóstico por parte dos médicos do IPO. Os autores da acção exigiam uma indemnização de cerca de quatro mil e 300 contos por danos materiais e morais pelo facto de, alegadamente, ter sido diagnosticado por aquela instituição, um tumor maligno numa perna da criança que obrigaria à sua imputação. O diagnóstico seria corrigido num hospital britânico que o classificou de benigno.

IL

jornal de letras, artes e ideias

ESTA SEMANA
NÃO PERCA

JACINTO REGO DE ALMEIDA

ESCREVER
DIFERENTE
IN ENTREVISTA
PÁGS. 12/13

RICARDO I, O HOMEM DO D. MARIA II

IN ENTREVISTA COM RICARDO PAIS POR ANA PAULA DIAS PÁGS. 9/10



BIOGRAFIA E CARTAS INÉDITAS O REGRESSO DE MIGUÉIS

PÁGS. 16/18

OS ESPAÇOS LABIRÍNTICOS DE CARLOS CALVET

IN ENTREVISTA E CRÍTICA PÁGS. 24/25

ANTÓNIO REIS UM TESTEMUNHO CONTEMPORÂNEO

IN ENTREVISTA DE MARIA LEONOR NUNES PÁGS. 5/7

A CRÓNICA DE ÁLVARO GUERRA OS ANTIGOS LIDOS DE NOVO

QUOTIDIANO

Dificultadas partilhas de terra minhota

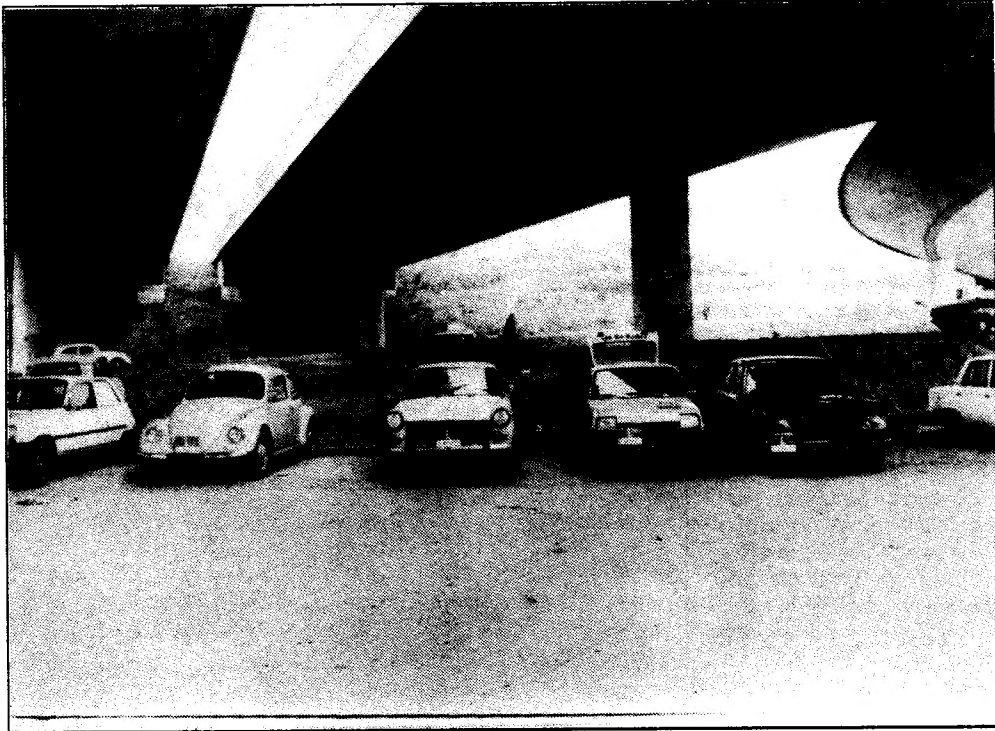
O fraccionamento de terras de Entre Douro e do Minho tornou-se mais difícil a partir de uma recente resolução da respectiva Direcção Regional que condiciona à sua aquisição as partilhas de herança que integrem explorações agrícolas economicamente viáveis.

Os pretendentes por tal via a prédios rústicos com essas características terão assim de solicitar parecer favorável da Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, através de requerimento acompanhado de documentação.

A documentação necessária, de acordo com um comunicado da mesma entidade, consiste numa identificação completa dos prédios, através de certidão passada pela repartição de Finanças local, outra do teor da conservatória do registo predial do concelho respectivo ou, em alternativa, título de aquisição, escritura de habitação de herdeiros, classificação dos solos em causa, e plantas de localização de pormenor às escalas de, respectivamente, 1/25 mil e 1/10 mil.

O comunicado especifica que o parecer terá de ser emitido no prazo máximo de 30 dias, considerando-se favorável a ausência de resposta.

Qualquer exploração agrícola será julgada economicamente viável sempre que assegure «um rendimento de trabalho por unidade homem» superior ao salário mínimo nacional para outros sectores produtivos. Explorações nessas circunstâncias, de acordo com a nova legislação, só poderão ser divididas para efeitos de reconversão ou de redimensionamento, ou se se entender que dela resultem explorações com viabilidade económica e que não ocasionem prejuízos para a estabilidade ecológica.



Cartas de condução compradas a cem contos

Examinadores de condução e técnicos da Direcção Geral de Viação continuam hoje a ser julgados em Lisboa, sob a acusação de receberem dinheiro em troca de facilidades na passagem de exames de condução. Dos sete arguidos (três responsáveis por escolas de condução, três examinadores e uma funcionária administrativa) seis estão presos e a

acusação aponta para que o favor da passagem era pago por valores que oscilavam entre 10 e 100 contos. Os favorecidos, segundo um técnico examinador que aceitou as acusações, eram normalmente pessoas «que às vezes até sabiam mas eram inseguros e precisavam muito de obter carta de condução»

Paulo Mendo pretende a morte do Ministério da Saúde

O regresso à existência de um ministério dos Assuntos Sociais, englobando as áreas da Saúde e da Segurança Social, foi ontem defendida, em Braga, por Paulo Mendo, actual presidente do conselho de administração do Hospital de Santo António, do Porto.

De acordo com aquele especialista, a junção «traria uma melhor abordagem, nomeadamente na problemática da deficiência, porque

se os médicos e o pessoal envolvidos na Segurança Social trabalhassem conjuntamente numa dependência política única, era possível aos órgãos centrais decidirem políticas mais globais, o que beneficiaria o aproveitamento das duas áreas».

Paulo Mendo, que foi secretário de Estado da Saúde durante o Governo Pinto Balsemão, falava durante as Jornadas Luso-Espanholas,

que ontem se iniciaram na Universidade do Minho, e se destinam a debater os aspectos de prevenção, reabilitação e integração no âmbito da deficiência». Acrescentaria que «quando atingirmos a maturidade» os dois ministérios sentirão «a necessidade de estar juntos», embora nos encontremos ainda «numa fase em que ainda não se repercutem os malefícios» actuais.

Imagine-se um hotel de cinco estrelas a servir camas com roupa suja...

Luxo escondido com rabo de fora

A Intercontinental, empresa que explora a gestão do hotel Ritz, é acusada pela Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo de «vender quartos aos clientes com lençóis sujos».

Num comunicado distribuído à Imprensa, a federação sindical considera a gerência do hotel apostada em diminuir o quadro de pessoal, na mira de obter lucros mais facilmente e encerrou a lavandaria criando situações «como a que se verificou na passada quinta-feira, com o hotel completamente cheio e apenas dez lençóis lavados para cada andar, para mudar 40 camas».

Segundo o referido documento, a apresentação destes problemas por parte da comissão dos trabalhadores mereceu da administração «uma valente e vigorosa gergalhada».

A situação vivida no hotel Ritz, seria abordada num plenário de trabalhadores, no dia 4 deste mês, e foi decidido denunciá-la publicamente, por forma a pressionar a administração a receber todos os órgãos representativos, admitindo-se mesmo a realização de greve no hotel.

Insulina nasal elimina irritação nas mucosas

Uma nova insulina nasal que, ao contrário das formulações até agora conseguidas, não provoca irritação das mucosas, foi desenvolvida por cientistas da Novo-Nordisk, empresa líder mundial na produção e comercialização de insulinas, anunciaram especialistas que participaram na reunião anual da European Association for the Study of Diabetes, em Copenhaga, Dinamarca.

De acordo com o grupo Novo-Nordisk em Portugal, Witte L. Rijnberg, que falava durante a inauguração das novas instalações da empresa na capital, a Novo-Nordisk é, actualmente, a empresa cuja

investigação mais próximo se encontra de produzir e comercializar as primeiras insulinas administráveis sem agulhas, como é o caso das insulinas nasais, ou novos produtos para diabéticos, como os análogos da insulina.

Referindo-se aos investimentos deste, que é o maior grupo biotecnológico do Mundo, Rijnberg salientou a implementação da «linha diabets», um serviço de informação e apoio aos médicos e farmacêuticos.

Em Portugal, recorde-se, existem cerca de meio milhão de diabéticos, dos quais 26 mil necessitam de injectar insulina diariamente.

Anuncia governadora civil

Investimentos para a Guarda ultrapassam 10 milhões de contos

A região da Guarda vai receber cerca de 10,6 milhões de contos em investimentos do Estado, em curso ou em fase de projecto, segundo Marília Raimundo, governadora civil do distrito. As verbas mais volumosas destinam-se ao novo complexo do Instituto Politécnico da Guarda (2,5 milhões de contos), Terminal Rododiferenciário e novas instalações dos caminhos-de-ferro (dois milhões de contos).

O restante montante será aplicado na construção de novos centros de Juventude, Emprego e Formação Profissional, de Saúde geral e mental da Guarda. Estes empreendimentos absorvem perto de 636 mil contos.

Neste momento, encontra-se em fase de construção uma residência para estudantes do Instituto Politécnico (IPG), obra avaliada em 120 mil contos e que se localiza junto ao edifício da Escola Superior de Tecnologia e Gestão.

Para o chefe do distrito as acessibilidades, construção de infraestruturas de educação, formação profissional, ambiente, segurança social e juventude constituem «as principais prioridades da política do Governo para esta região».

Em nota distribuída à comunicação social, Marília Raimundo afirma que o distrito da Guarda «é uma região de progresso, de profundas transformações sociais, cul-

turais e económicas». Sublinha ainda que se trata de um distrito diferente, progressivo e dinâmico que deixou de ser terra de emigração para se tornar local de fixação de jovens, principalmente quadros técnicos que - segundo as palavras da governadora civil - num espírito inovador, estão a transformar a face do distrito.

A preservação da língua e cultura portuguesas nesta zona de fronteira com a Espanha é também referido por aquela responsável ao aludir às actividades artesanais, lúdicas, musicais e tradicionais promovidas pelas populações ou associações de cidadãos.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

1 ANO	— 18 000\$00
6 MESES	— 9 000\$00
3 MESES	— 4 500\$00
1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio

☐ cheque

☐ vale do correio

* Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana. sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Grande prémio «Chefe Cozinheiro»

Destinado a incentivar a criatividade da nova cozinha portuguesa e a dignificar os respectivos profissionais, vai realizar-se no próximo dia 30 de Outubro a finalíssima do grande prémio «Chefe Cozinheiro do Ano», uma iniciativa promovida pela revista «Inter Magazine». A entrega de prémios terá lugar na Escola de Hotelaria de Lisboa e o concurso promete ser um dos acontecimentos mais significativos da culinária e da gastronomia portuguesas no corrente ano.

Marconi financia restauro nos Jerónimos

A Marconi vai financiar o restauro dos portais sul e axial do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, ao abrigo da Lei do Mecenato, segundo o Instituto Português do Património Cultural (IPPC). Amanhã será assinado, naquele monumento nacional, um protocolo neste sentido entre as duas entidades, numa cerimónia que contará com a presença do secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes.

Lotaria do Natal já está à venda

A Lotaria do Natal foi este ano posta à venda muito cedo. Distribuída ontem pelos agentes, custa dois mil escudos por vigésimo, que habilita a 20 mil contos de «taluda», com uma fracção privilegiada que receberá no total 120 mil contos. O segundo prémio é de cinco mil contos e o terceiro de dois mil contos por fracção. Esta lotaria andará à roda a 20 de Dezembro e tem 130 mil bilhetes (mais 10 mil do que o ano passado) ao preço de 40 contos. Actualmente, o capital da Lotaria do Natal é de 5,2 milhões de contos e o total de prémios a distribuir tem um valor líquido de 2,54 milhões de contos.

Incêndios controlados no distrito da Guarda

O incêndio que deflagrou na manhã de ontem junto ao Monte Margarida, no concelho da Guarda, encontra-se extinto, segundo disse ao «DL» uma fonte dos Bombeiros daquela região. Por outro lado, o Centro Coordenador Operacional da Guarda deu também como extintos cerca de uma dezena de fogos que no domingo eclodiram nos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Celorico da Beira, Meda, Sabugal, Gouveia e Guarda.

Parabéns à «Máxima» pelo 2º aniversário

«Teve "stresses" e esgotamentos, superou amos e zangas, lamentou dois divórcios, assistiu a uma separação. Mas houve festa e risos». É desta forma, simpática, que Madalena Frago, directora da «Máxima», assinala a passagem do segundo aniversário desta revista feminina, lançada em Setembro de 1988.

Na entrada no terceiro ano de existência, a «Máxima» oferece às suas leitoras uma edição com cerca de 300 páginas de forte componente visual. Entrevista Maria José Freitas do Amaral, fala de sonhos premonitórios, aborda o polémico tema da reforma educativa e abre uma nova secção dedicada às mulheres portuguesas que ocupam lugares de destaque no campo profissional. Em «Mulher Carreira - Quem é Quem», agricultoras, autarcas, artistas plásticas, actrizes, advogadas, bailarinas, cantoras, críticas de arte, jornalistas, investigadoras, membros do Governo, médicas, músicas, ourives, políticas e tantas outras mulheres traçam diferentes percursos, diversos modos de contribuir para o desenvolvimento da sociedade portuguesa.

Trata-se de um número especial que também revela as tendências da moda do próximo Outono/Inverno e inclui uma extensa entrevista com José Saramago. O mais internacional dos nossos escritores revela detalhes do seu ambiente familiar e fala da Mulher e do Amor.

«O amor será não haver mais barreiras - diz Saramago na entrevista - o amor é o fim do cerco». Vale a pena ler!

Parabéns às suas directoras, Madalena Frago e Fátima Júdice, e a todos (cerca de 20 pessoas) os que trabalham na «Máxima».



**MARIA JOSÉ
FREITAS
DO AMARAL**
LANÇA
MARIA ROMA

**SONHOS
PREMONITÓRIOS**
PREVER
O FUTURO

**ENSINO
NAS ESCOLAS**
AS GRANDES
MUDANÇAS

**SEGUNDO
ANIVERSÁRIO**
NESTA EDIÇÃO
ESTE AUTOMÓVEL

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45830	51830
ALEMANHA (marco)	87570	88590
ÁUSTRIA (xelim)	12845	12865
BÉLGICA (franco)	49076	48326
BRASIL (cruzeiro)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	117805	119655
(notas de 5 a 1000)	117855	120805
DINAMARCA (coroa)	23800	23840
ESPAÑA (peseta)	18362	18482
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	134885	138835
(notas de 5 a 1000)	135835	138885
FINLÂNDIA (marka)	37815	37875
FRANÇA (franco)	26820	26890
HOLANDA (florim)	77880	78890
IRLÂNDIA (libra)	236865	240865
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (lira)	\$990	\$1045
NORUEGA (coroa)	22570	23820
REINO UNIDO (libra)	266855	271905
SUÉCIA (coroa)	23880	24830
SUÍÇA (franco)	104880	106830
VENEZUELA (bolívar)	28392	38192

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Cancro aumenta na Região Centro

Governo espera redução de 15 por cento

O cancro é a segunda causa da mortalidade em Portugal, logo após as doenças cardio-vasculares, e o maior número de casos registados acontece na Guarda. Cinco mil novos casos foram detectados na Região Centro, revela o Registo Regional Oncológico, ontem divulgado na sessão de abertura da semana «Europa contra o Cancro».

Paralelamente, em Lisboa, o ministro da Saúde assegurava que o Plano Oncológico Nacional, iniciado há 3 meses, pretende reduzir em 15 por cento, até ao ano 2 000, a mortalidade pelo cancro nos cidadãos com menos de 65 anos.

Nos planos daquele programa figuram, em primeiro lugar, a luta contra o tabagismo (embora Portugal seja o país europeu com mais baixa percentagem de fumadores), os erros de alimentação, o consumo excessivo de álcool e a ex-

posição prolongada ao sol. Previsto, ainda, o rastreio exhaustivo que permite detectar o cancro na sua fase inicial, o que se traduzirá por percentagens de cura da ordem dos 100 por cento, na opinião de Arlindo de Carvalho.

Os números registados na Região Centro não parecem tão optimistas como o Governo, avançando com uma maior incidência de casos de cancro do estômago, do recto e de anus e da mama feminina, provando as estatísticas a existência de de tumores malignos em 226 por cada 100 mil habitantes.

Paralelamente, está a ser efectuado um estudo em todos os hospitais do país para verificar as potencialidades existentes, visando a posterior criação de uma rede específica de hospitais gerais.

Redacção «DL»/Lusa.

Força bruta

Agentes policiais efectuaram sexta-feira, 28 de Setembro, uma violenta busca no antigo Asilo 28 de Maio, em Porto Brandão, (Almada), onde habitam cerca de 150 famílias, disse hoje ao «DL» uma moradora do local onde se acolhem centenas de pessoas carenciadas, a maioria das quais de origem africana.

A intervenção das forças da ordem, segundo a mesma fonte, fez-se de forma tão brutal que terá levado à hospitalização de um dos moradores. O mesmo informador adiantou que a porta da sua própria residência foi arrombada sem que previamente tenha sido evocada a causa da presença policial ou, posteriormente, exigido qualquer documento.

O «DL» apurou, junto do posto da GNR de Almada, que se tratou de uma operação destinada à busca e captura de droga, legitimada por um mandato do juiz de instrução criminal da cidade.

Na operação, segundo a mesma autoridade, intervieram dezenas de agentes, alguns com a colaboração de cães treinados para a procura de droga.

Apesar do aparato da rusga, em que participaram efectivos de Almada, Seixal e Paio Pires, foi apenas detido um indivíduo de 30 anos, portador de 36 gramas de heroína.

Foi a segunda vez que o antigo Asilo 28 de Maio é alvo de uma rusga este ano, revelou ainda a GNR.

CULTURA

Lennon: a lenda de um rebelde pacífico

Porta-voz da geração contestatária dos anos 60, John Lennon faria hoje 50 anos. Cinco balas de Mark Chapman acabariam por criar o mito a 8 de Dezembro de 1980.

Filósofo, anarquista, utópico e guia da geração de 60, hoje no poder e na administração, John Lennon, músico e poeta, foi polémico, virou-se do avesso, mas foi também ingénuo e sonhador.

Foi acima de tudo, com Paul McCartney, um dos mais importantes autores-compositores de música popular do século, capaz de escrever canções que 30 anos depois são trauteadas pela geração de 90.

Nos anos 60, com os Beatles, sacudiou o convencionalismo vitoriano de uma época que contemplava o seu próprio umbigo. Cantou os pesares, previu as alegrias, encarnou a consciência crítica do rock.

Pôs tudo em causa, desde os dogmas metafísicos («God»), aos freudianos («Mother»), discutiu a luta de classes («Working Class Hero») e o feminismo («Woman is the Nigger of the World»), assumiu uma certa esquerda («Some Time in New York City»).

Disse um dia que os Beatles eram mais populares que Jesus Cristo e em 1963, no início da beatlemania, perante a rainha Isabel e o príncipe Filipe, exclamou para a multidão num concerto: «Quem estiver nos lugares mais baratos bata as palmas, os outros, os que estiverem nas poltronas mais caras, agitem apenas as jóias».

Posou nu, filmou o seu próprio pénis, convocou os jornalistas sob lençóis para pregar a paz (suite presidencial do Hilton em Amesterdão), incitou rebeldias («Attica State»), defendeu proscritos («John Sinclair», «Angela»), enalteceu a força do povo («Power to the People»), fustigou questões inglesas («The Luck of the Irish»).

Mas não se esqueceu do



John e Yoko: conferência de imprensa sob lençóis

amor («Love»), da paz («Give Peace a Chance», «Happy Xmas (War is Over)», da amizade e solidariedade («Only People»), da poesia («Imagine»).

Em 1973 dedicou todo um álbum («Mind Games») a um país imaginário, um país sem território, sem fronteiras, sem passaportes, apenas povo, um país sem leis, somente as cósmicas: nutoptia. O seu hino é significativamente uma faixa de silêncio de 15 segundos.

John Lennon nasceu em Liverpool a 9 de Outubro de 1940. Os seus pais, Julia e Fred, separaram-se quando tinha 2 anos (John só veria o pai duas vezes nos 20 anos seguintes), tendo John vivido com a famosa tia Mimi até se casar em 1963 com Cynthia Powell.

A tia deu-lhe uma «educação esmerada», avisando-o de que «uma guitarra pode ser um óptimo 'hobby', mas nunca seria um meio para ganhar a vida», mas John era

rebelde e insubordinado. Era o maior «teddy boy» da escola e as mães não queriam que os filhos fossem seus amigos.

A mãe, Julia, não era uma mãe convencional. Era uma amiga que «alinhava nas brincadeiras mais disparatadas» e o ensinou a tocar banjo.

Um dia, em 1958, Julia morreu atropelada por um polícia e John nunca mais voltou a ser o mesmo.

Anos antes da morte da mãe, em 1955, John Lennon entrara para o Quarry Bank High School, liceu que inspirou o nome da sua primeira banda, um grupo de Skiffle chamado Quarrymen.

No Verão seguinte conheceu Paul McCartney e ambos começaram a escrever canções juntos e a formar sucessivos grupos até encontrarem a fórmula final dos Beatles com George Harrison e Ringo Starr, uma história que já é estudada nas Universidades de hoje.

Ainda antes da dissolução

oficial dos Beatles em 1970, John Lennon iniciara com Yoko Ono (com quem casara em 1969) uma carreira a solo com a edição do álbum experimental «Unfinished Music n.º 1: Two Virgins», com os nus de frente e de costas na capa.

Frustrado com o seu papel final nos Beatles, Lennon procurava agora a «avangarde» na arte, na música, no cinema, acabando porém por a considerar «uma M.».

Devolveu à rainha a Ordem do Império Britânico, invocando o envolvimento dos ingleses no Biafra e o apoio que davam aos Estados Unidos na guerra do Vietname e no final de 1970 gravou o seu primeiro álbum a sério, «John Lennon/Plastic Ono Band».

Em Setembro do mesmo ano publica a que talvez seja a sua melhor obra, «Imagine», e em «Some Time in New York City» atinge o seu ponto mais alto em matéria

política.

A 28 de Novembro de 1974 faz a sua última apresentação em público num concerto de Elton John no Madison Square Garden de Nova Iorque.

Entretanto, as energias de Lennon eram consumidas com o Departamento de Imigração dos Estados Unidos que impedia a sua permanência no país devido a uma detenção por droga em 1968.

Anos mais tarde, provou-se que o impedimento tinha natureza política e que Lennon era perseguido pela CIA e pelo FBI.

Mas em 1976, Lennon realizou o seu sonho: obteve a licença de residência no país que afinal lhe serviu de sepultura.

A 9 de Outubro de 1975, data do seu 35.º aniversário, Yoko Ono dá-lhe um filho, Sean, a quem o pai dedicou «Beautiful Boy (Darling Boy)» em «Double Fantasy». (Paul McCartney tinha escrito em

1968 «Hey Jude» para o primeiro filho de John, Julian).

Desde o nascimento de Sean, Lennon dedicou-se inteiramente ao filho e ao casamento. Nos cinco anos seguintes viveu quase em reclusão em casa, tomando conta de Sean, enquanto Yoko geria os assuntos financeiros do casal.

Em Setembro de 1980, John e Yoko assinaram um novo contrato discográfico e a 15 de Novembro, menos de três semanas antes do assassinio, publicaram «Double Fantasy».

John queria voltar ao mundo, mas as balas acabaram-lhe com o sonho. Como tantas vezes ele cantou, «Dream is Over».

Luís Pinheiro de Almeida
Serviço Lusa/«DL»

Ouvindo em 130 países

O hino de paz de John Lennon, «Imagine», foi hoje tocado simultaneamente (às 14 horas) em estações de Rádio de 130 países, incluindo Portugal, para uma audiência estimada em mais de mil milhões de pessoas.

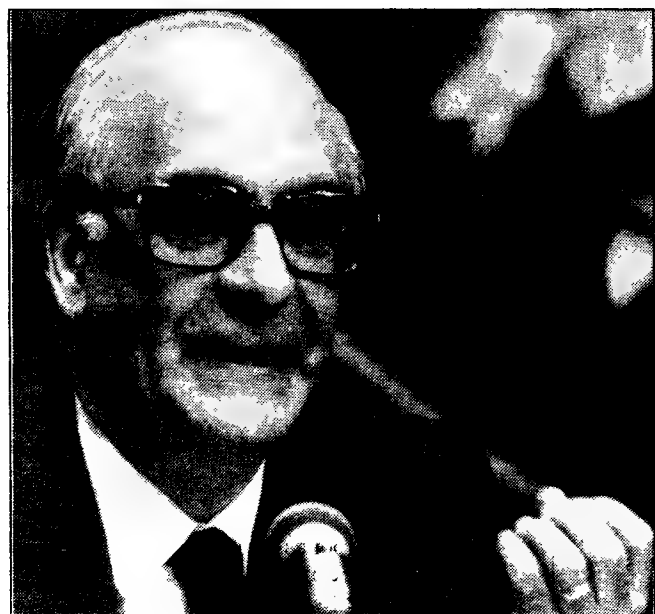
Trata-se da comemoração do 50º aniversário do ex-beatle, assassinado há dez anos em Nova Iorque.

O programa teve uma duração de cerca de dez minutos e incluiu mensagens de Yoko Ono, viúva de Lennon, e de Marcela Perez de Cuellar, mulher do secretário-geral das Nações Unidas.

Jeff Pollack, director do «Pollack Media Group», da Califórnia, disse que teve a ideia desta transmissão mundial, ao ouvir «Imagine» em Abril último, no rádio de um táxi em Nova Iorque.

Yoko Ono, que apadrinhou a ideia, afirmou que os acontecimentos na Europa de Leste e no Médio Oriente realçam a importância da mensagem de paz de John Lennon.

«Imagine», um hino de paz escrito em 1971, foi também ouvido no Golfo Pérsico.



Borges de Macedo novo director da Torre do Tombo

«A demissão do antigo director da Torre do Tombo não se deveu a qualquer divergência mas sim a razões funcionais» - afirmou ontem o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, no Palácio da Ajuda, na cerimónia de tomada de posse do novo director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Jorge Borges de Macedo («A Torre do Tombo vive, os homens é que são precários»), e da nova sub-directora, Manuela Rosa de Matos Fernandes.

O secretário de Estado da Cultura afirmaria que «o Arquivo Nacional da Torre do Tombo muda de direcção quando seria desejável, em princípio, que nenhuma mudança viesse envolver-se no histórico e difícil processo de instalação do novo edifício».

A nova Torre do Tombo será inaugurada, em princípio, no dia 13 de Dezembro, abandonando o Arquivo Nacional as velhas instalações que ocupa no Palácio de São Bento.

Na cerimónia, o novo director, Borges de Macedo, catedrático da Universidade Clássica de Lisboa, assegurou que o seu primeiro passo como director da Torre do Tombo será tomar contacto com as realidades imediatas da instituição.

Em declarações à agência Lusa, Borges de Macedo louvou a actividade do anterior director da Torre do Tombo, Martim de Albuquerque, considerando-a de «extrema dignidade».

A REGISCONTA TAMBÉM VENDE APARELHOS DE FAX ?!

... É MESMO AQUELA MÁQUINA...

REGISCONTA

Lisboa • Porto • Coimbra • Faro • Leiria • Braga
Ponte Delgada • Funchal • Barcelona • Madrid

Nos princípios de 1987, a decisão de um tribunal de Nova Jersey dividia a opinião pública. Hoje volta a se pode permitir que a tecnologia interfira nas relações humanas?

Mães substitutas: a polémica

Tudo aconteceu rapidamente. Desde que o choro de Louise Brown, primeiro bebé proveta, fora ouvido à volta do Novo Mundo Feliz, como escreveu a revista «Newsweek» em 1978, as tecnologias para a reprodução popularizaram-se de forma inacreditável, assim como os termos bebé proveta, engenharia genética, embriões congelados, fertilização «in vitro» e mães substitutas se tornaram o pão nosso de cada dia. Não obstante, o significado e o efeito de tais práticas, tanto para os casais que desejam ter um filho, como para as mulheres que se propõem suportar a gravidez, bem como para as crianças que nascem, continuam a ser obscuros, pese embora o fascínio que o tema provoca.

Nesta era de «pais genéticos» e «mães biológicas», é interessante seguir os debates sobre o que está a suceder no mundo quanto a medidas legais já adoptadas ou em vias de adopção, para controlar e/ou proibir a utilização dessas práticas, especialmente aquela que é conhecida por «aluguer de úteros». As notícias referem «perigo de um mercado ilegal», ou da «intenção de regulamentar a prática», alguns grupos reclamam que tudo isto se proíba imediatamente por se tratar de «venda de seres humanos». De qualquer maneira, garantem os periódicos, as negociações não param de aumentar.

O clima agita-se em múltiplas áreas, desde a política à económica, da legal à religiosa, para já não falar na emitiva.

Em Nova Iorque uma comissão propõe a ilegalização desta prática. Nos estados de Nevada e Arkansas, nos Estados Unidos, aceitam-se os contratos de aluguer de útero sempre que sejam avalizados pelo poder judicial. No Ohio, até os anúncios em jornais procurando mães de aluguer chegam a ser proibidos.

22 leis em 16 estados

No total, e somente nos primeiros 6 meses de 1988, 16 estados norte-americanos haviam votado 22 leis a regulamentar o aluguer de úteros; 18 proibiam a prática definitivamente; 7 criaram comissões para estudar o assunto.

Jeremy Rifkin, do «National Coalition Against Surrogacy», olhando o futuro, afirma: «Todos os contratos comerciais de aluguer de úteros serão considerados ilegais dentro de tempo.»

A mencionada liga reúne, entre outras pessoas, 17 mães substitutas, ou de encomenda, que hoje cen-

suram o que fizeram e se dedicam a escrever cartas aos líderes políticos e religiosos, pedindo a proibição da prática.

A movimentação é intensa de ambos os lados. Enquanto a prática não foi ainda inteiramente ilegalizada e temendo que tal possa rapidamente vir a acontecer, os casais que sofrem do estigma da infertilidade, frequentemente culpabilizando-se pelo facto de terem chegado aos 40 anos acumulando riqueza e sem sucessores, vão preenchendo formulários e assinando contratos através dos «corretores de bebés».

O «Infertility Center of New York», a agência intermediária entre o casal Stern e Mary Beth Whitehead, a mãe natural de Melissa, o «bebé M» para aquele casal, entrevistou, em média, cinco casais por semana nos últimos meses. Só através daquela agência nasceram

cerca de 300 bebés. O perfil da mãe substituta, segundo a agência, é o de uma mulher de cerca de 27 anos, casada, mãe de dois filhos, com escolaridade a nível médio e de algum modo familiarizada com o problema da infertilidade, através de familiares. O custo final de um bebé pode chegar aos 50 mil dólares (sete mil contos) — o médio é de 35 mil (cinco mil contos) — repartidos da seguinte forma: 10 mil (mil e 400 contos) pelo trabalho e o restante dividido entre agentes, advogados e médicos.

Da imaginação à realidade

Segundo o sociólogo norte-americano Daniel Bell, na nossa sociedade pós-moderna exige-se que tudo o que tenha sido fabricado na imaginação se torne realidade. O avanço tecnológico traz consigo a ideia de que tudo o que é permitido em sonhos tem de ser executado na vida real. Deste modo a moderna

tecnologia teria o poder de inflamar desejos e de provocar na opinião pública uma pressão para que isso seja realizado. Neste contexto, as tecnologias para a reprodução oferecem todas as possibilidades para que se realize o desejo de ter filhos.

A ideia de que a exaltação dos desejos é alimentada por via da tecnologia aparece em diversos estudos académicos actuais. Tais estudos fazem a distinção entre desejos «falsos» ou «artificiais» e desejos «naturais». Mas, em que categoria se deve inserir o desejo de ter um filho? Parece indiscutível que tanto a maternidade como a paternidade são dois desejos legítimos do ser humano. Mas quando se vive num universo tecnológico como o nosso, até as coisas mais espontâneas deixam de ser sinceras.

Nos últimos cinco anos, as mulheres dos Estados Unidos — também as inglesas



Mary Beth Whitehead: mãe natural de

— têm sido expostas àquilo a que se poderia designar por um «vexame da infertilidade». Os meios de comunicação apregoam que, chegada aos quarenta anos e sem filhos, de nada servem diplomas, independência económica ou êxitos profissionais: fracassou como mulher.

A nova mística feminina

A conhecida feminista Betty Friedan denomina este movimento como o da «Nova Mística Feminina», que faria com que o desejo natural de ter filhos reflectisse, muitas vezes, um condicionamento social opressivo.

E afirma o seguinte: «É necessário perguntar-se: por que é que a infertilidade aumentou? Por que está a ser negado às mulheres o direito de ter um filho? Isto sucede porque os Estados Unidos são a única nação industrializada — excptuando a África do Sul — que carece de uma política de apoio à mulher grávida. Aqui, uma mulher que trabalha não pode gozar férias para ter um filho; não há ajuda, nem salas nem maternidades onde deixar os filhos, a menos que se disponha de muito dinheiro.

Por isso muitas mulheres não querem interromper as suas carreiras e esperam até quase aos 40 anos para se decidirem a ficar grávidas e, então, tudo se torna mais difícil.

Para elas, muitas vezes, é uma grande notícia que as

mulheres estéreis possam agora ter um filho, por meio de técnicas como a da fertilização *in vitro*. No entanto a mãe substituta não se sente tão segura. A prática pode prejudicar os direitos da mulher, pois deve reconhecer-se que a mulher que está a gestar um filho para outra tem o direito de mudar de ideias.

A situação não oferece respostas para a maioria das perguntas. A desorientação emerge das batalhas legais; o desgaste de energia e a delapidação de emoções demonstram apenas a fragilidade humana perante as ilimitadas possibilidades criadas pela ciência e pela tecnologia.

Situemo-nos dentro ou fora do tradicional discurso feminista, é crucial compreender de que maneira as relações de poder se constituem dentro do cenário da cultura tecnológica contemporânea, onde prevalece a ideia de ciência como progresso, triunfando sobre os obstáculos naturais, para satisfação do ser humano.

Confissões de uma mãe substituta

Um anúncio publicado em «The Louisville Courier Journal» em Novembro de 1979 transformou a vida anónima de Elizabeth Kanee da sua família numa epopeia tensa e teatral, sob o olhar vigilante da generalidade dos meios de comunicação. Pago por um casal de Ken-



Tudo começou com Luísa Brown, o primeiro bebé proveta, aqui fotografado, em 1978, quando abandonava a clínica onde nasceu

lta a perguntar-se: até que ponto

recomeça

dade. Fotografias suas, grávida e com o bebé e os filhos, foram publicadas em diários e revistas, sem contar as câmaras de televisão que quotidianamente lhe invadiam a residência. O resultado não foi um contrato para Hollywood mas sim o despedimento do marido. Tendo em conta que isto se passava no conservador meio-oeste americano, a empresa onde trabalhava acusou publicamente Elizabeth de adultério. Depois do nascimento, Elizabeth foi vítima de uma crise depressiva.

No relato não se vislumbra qualquer intenção de ocultar os sofrimentos nem as pressões sofridas pelos seus três filhos, entre 12 e 4 anos. No livro, Elizabeth não explica claramente porque se tornou mãe substituta, embora diga: «Faço-o por este casal que tem tanto desejo de ter um filho» ao evocar como falou pela primeira vez com o marido sobre o assunto.

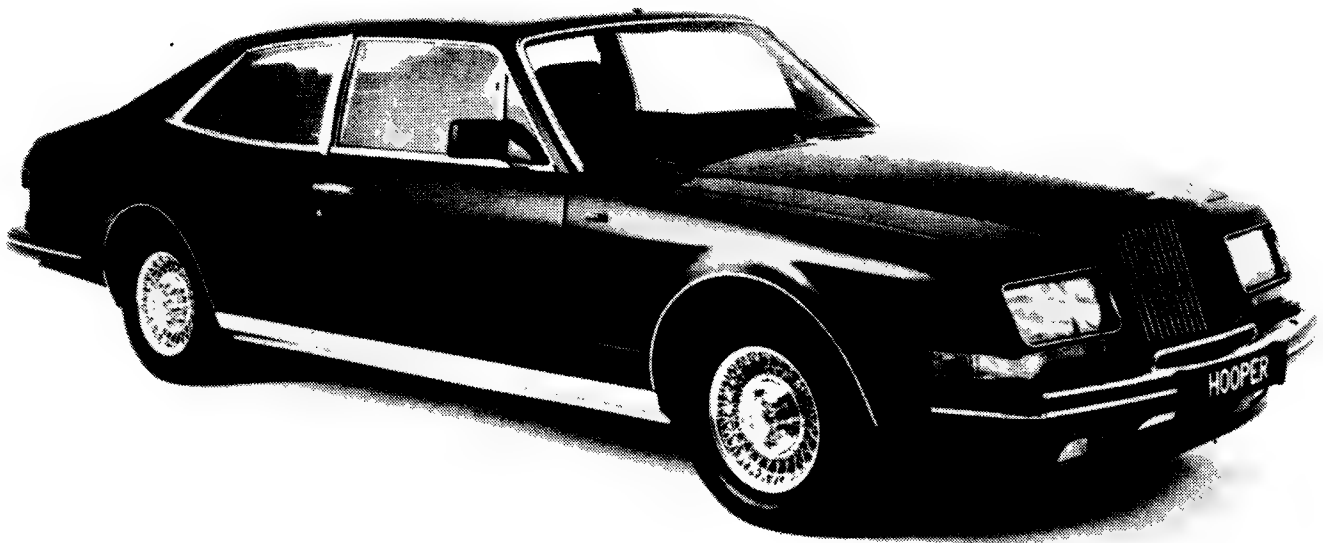
Dado tratar-se de pessoas da classe média baixa, a soma recebida não parece ter sido o motivo principal.

Em linhas gerais, o relato não revela uma mulher ansiosa ou frutada no casamento, embora mencione algumas dificuldades do casal. Deixa entrever uma pessoa decente que se viu envolvida num turbilhão de excitações, transformada em pivô de uma operação publicitária e que só poucos dias antes do parto tomou consciência de quão difícil lhe seria entregar ao casal o filho que, em dado momento, pensara oferecer como um «presente aos outros». Daí que ela própria se tenha convertido em crítica do sistema judicial «que aceita como legítimo um contrato que obriga uma mãe a dar o seu filho por nascer a troco de dez mil dólares».

Uma das leitoras do anúncio foi Elizabeth Kane — pseudónimo da autora do livro «Birth Mother» — de pouco mais de 30 anos, vendedora de cosméticos, casada com um funcionário de uma companhia de seguros. Induzida pelo «desejo de ajudar» respondeu ao anúncio: em Janeiro de 1980 assinou o contrato através da agência e, em Novembro do mesmo ano, nasceu um rapaz, que foi registado como sendo filho do casal de Kentucky.

«Birth Mother» foi escrito em forma de diário e conta as transformações que se deram na vida de Elizabeth e da sua família, numa história com requintes surrealistas. Do dia para a noite converteu-se numa celebridade.

(C) A. E. I. - P



O Hooper Empress II... desenhado como um clássico — e a custar quase 72 mil contos...

Os carros de luxo estão a tornar-se símbolos móveis de êxito — enquanto os grandes patrões fazem bicha para gastar 25 mil contos em algo para guardar na garagem

Quando um carro custa mais que uma casa!

Estes velozes carros de luxo gozam, agora, o seu maior crescimento de procura desde os anos trinta. Um Mercedes enfeitado a ouro e platina foi vendido por 230 mil contos e um Rolls-Royce em segunda mão foi leiloadado por mais de um quarto de milhão de contos!

Tempos houve em que a sua casa era, normalmente, o seu maior investimento. Agora, outro bem aproxima-se rapidamente e, às vezes, ultrapassa-o... o seu carro!

Na América, de acordo com o *Wall Street Journal*, 30 por cento dos mais importantes homens de negócios conduzem carros custando entre 13 e 26 mil contos, como símbolo do seu êxito.

Um Rolls-Royce em segunda mão foi leiloadado por mais de 250 mil contos... Um Mercedes personalizado, com um tablier em noqueira e madre-pérola e adornos em ouro e platina, foi recentemente entregue a um magnata do petróleo da Arábia Saudita, em troca de mais de 200 mil contos.

Diz um porta-voz do gigante construtor Renault: «Não houve uma procura tão grande pela nossa gama de luxo — os clientes fazem bicha para encomendar modelos especiais de entre os 8 e os 9 mil contos.»

Afirma Derek Dawson, editor da revista «Luxury Car»: «Os carros de luxo são comprados como um investimento. Algo custando cem mil libras e conservando-se em imaculado estado poderá ter duplicado o valor no fim do século.»

Até mesmo o motorista comum aspira a algo melhor do que o seu tradicional carro familiar de passeio.

Na «bicha», à espera

Mas, a um assalariado normal levaria pelo menos 25 anos do seu actual rendimento para adquirir uma das verdadeiras clássicas limusinas agora à venda.

Por exemplo, o Hooper Empress II, um derivado Bentley custar-lhe-ia a módica quantia de uns dez mil contos.

Na Hooper, o director da companhia explica: «É desenhado para durar bem para lá do século XXI e para ser um clássico e ser acarinhado pelos colecciona-

dores do futuro.» Isso significa que não precisa de se preocupar com a enorme quantidade de gasolina com que tem de alimentar o motor Bentley Turbo do Empress, que ronca debaixo do capot.

Todo-o-terreno: Este veículo deverá recompensá-lo generosamente... se puder esperar 25 anos com mais de 80 mil contos a repousarem na garagem!

Apesar do seu preço, nem todos gostam do Hooper Empress II. Um dos principais comentadores do mundo motorizado apelidou a carroçaria de «ultrajante» e outro, na recente mostra automóvel de Genebra onde o carro foi apresentado, simplesmente fechou os olhos e disse: «Como é que eles puderam fazer uma coisa destas?»

Apesar de tudo, os livros de encomendas para este ano estão quase completos. Dois em cada três Empress II a serem construídos nos próximos doze meses já estão comprometidos.

Você poderá preferir algo mais sofisticado — um robusto todo-o-terreno, talvez?

Porque não alinhar na última oferta da firma de carros desportivos Lamborghini? O LM002 tem capacidade para oito pessoas sentadas na sua «armadura» de três toneladas.

Duas vezes o tamanho de um Range Rover, vem equipado com extras opcionais como metralhadoras e blindagem.

Vencer o trânsito

E com setenta e cinco mil libras fará do tráfego intenso um trabalho simples, com a sua velocidade máxima de 120 m.p.h. e uma de 0-6 m.p.h. em menos de nove segundos.

Ainda mais fantástico é o «vale-tudo» da General Motors que dispõe de piscina, banheira de água quente, antena parabólica e candeeiro de cristal!

O «American Dream», de dezasseis rodas, com os seus 18 metros de comprimento pode, no entanto, causar problemas quando se trata de estacionamento!

Mas, a praticabilidade, tem o seu papel no mercado de veículos milionários. Uma companhia do Texas especializou-se em personalizar Rolls-

Royce... ao transformá-los em camiões de caixa-aberta.

O mais caro

Depois há fabricantes de carroçarias a pagarem chorudos negócios em carros blindados para VIPs nervosos. Não é preciso dizer que os Rolls-Royce são os carros que mais regularmente se submetem a este tratamento.

Tamanha segurança sai cara. Um Rolls-Royce Phantom VI blindado, ronda a marca dos 80 mil contos.

Ainda mais caro é um Rolls-Royce de segunda-mão, pintado com todas as cores do arco-íris. O carro de segunda-mão mais caro do mundo, um Phantom V de 1965, que em tempos pertenceu e foi especialmente decorado pelo «beatle» John Lennon, foi recentemente vendido pela Sotheby's por um milhão e setecentas e sessenta e oito mil libras.

Junte o estilo à velocidade e terá de gastar oitenta e cinco mil libras, num Aston Martin Lagonda, setenta e oito mil e novecentas e cinquenta libras, num Ferrari Testarossa, setenta e três mil e seiscentas e quarenta e sete libras num Lamborghini Countach, ou noventa mil e setecentas e cinquenta e três mil Porsche 911 Turbo SE.

Ou, por apenas quinze mil e novecentas e cinquenta libras poderá ultrapassar as 150 m.p.h. num Ford Sierra Cosworth que, 6,5 segundos após abandonar o semáforo, estará a viajar a 60 m.p.h. Deve ser uma performance que orgulharia qualquer carro de competição de Grandes Prémios de há duas décadas.

Peter Dron, editor da revista «Fast Lane», disse: «Os actuais carros de alta performance são bem mais fáceis de guiar. Pode-se perfeitamente ir às compras na maior parte deles.»

«Atravessam agora um período de grande crescimento, que se deverá manter até à próxima crise petrolífera. Mas, claro, guiar algo especial nunca pode ser barato.»

Viajar em estilo terá sempre aquele pequeno preço extra...

Exclusivo «DL»/

Agência Europeia de Imprensa

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Crítica de teatro

Desejo e amor

DESEJO SOB OS ULMEIROS, de Eugene O'Neill.

Tradução: João Lourenço/Vera San Payo de Lemos. Encenação: João Lourenço. Cenografia: José Carlos Barros. Figurinos: António Filipe. Desenho de Luz: João Lourenço/Melim Teixeira. Produção: Melim Teixeira. Interpretação: Irene Cruz, Rogério Paulo, Fernando Luís, Francisco Pestana, Melim Teixeira, António Filipe, Joaquim Monchique; Alexandra Sedas, Arnaldo Silva, Cristina Carvalhal, Élio Correia, Luísa Salgueiro, Zita Esteves, Alfredo Nunes. Novo Grupo. Teatro Aberto/29-09-1990.

No sábado, 19 de Setembro, sentei-me pela sexta vez consecutiva para ver um espectáculo de teatro em estreia. Começava na quarta-feira com uma deslocação a Olival Basto para ver «A Linha do Rei Sono», de Norberto Ávila, abertura da temporada do Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett; no dia seguinte, passei por uma galeria de arte das Amoreiras para assistir à estreia de «Vincent», monólogo sobre o pintor Van Gogh interpretado por Virgílio Castelo que reencontraria, no sábado seguinte, no Teatro Aberto; antes disso, porém, na sexta, foi a vez de Fernando Gomes estreiar no Chafitô o novo espectáculo com a sua paródia «O Papá não Estava Lá», a partir da peça de Eduardo Schwalbach, «As Duas Máscaras»; finalmente, no sábado, duas estreias no Teatro Aberto: ao fim da tarde, «Loucos por Amor», de Sam Shepard e à noite, «Desejo sob os Ulmeiros», de Eugene O'Neill. Com estes dois espectáculos, o Novo Grupo propõe um

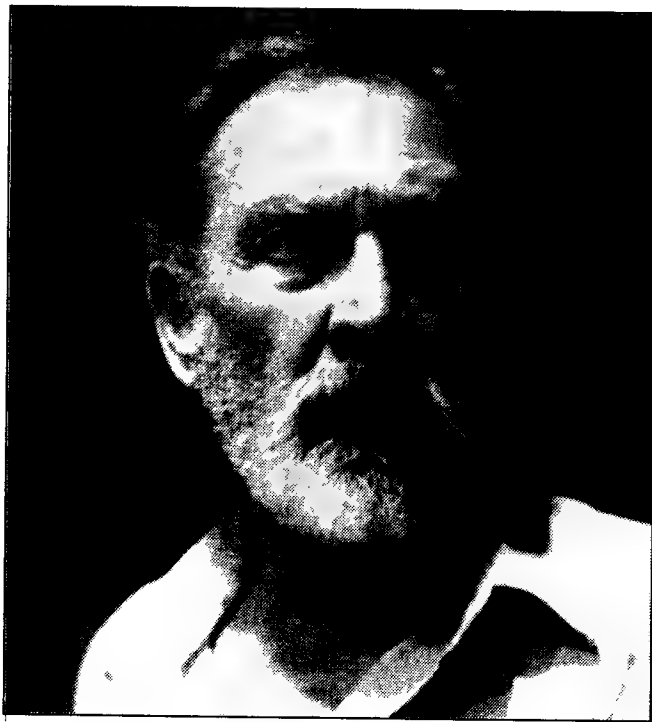
pequeno ciclo de teatro norte-americano. Se os Estados Unidos dominam o mundo em termos militares e económicos, não poderiam deixar de o dominar em termos culturais. É uma fatalidade a que não podemos escapar: vejam-se os cartazes dos cinemas, os programas da televisão, a lista das traduções literárias e agora os palcos portugueses. Aliás, não seria correcto pensar que foi agora que se iniciou essa presença do teatro norte-americano. Lembremo-nos das propostas do Teatro Hoje com o ciclo dedicado a Tennessee Williams, os espectáculos dos Comediantes, da C.ª de Teatro de Almada, com dois O'Neill, e da Comuna. Não se pode, de resto, deixar de ter em conta que o conhecimento da dramaturgia norte-americana é-nos indispensável.

Não foi por acaso que João Lourenço juntou a peça de Sam Shepard e a peça de Eugene O'Neill: há nelas elementos que de uma forma enfática ou circunstancial as identificam. Por exemplo, as

duas peças terminam com cenas de destruição pelo fogo de coisas amadas pelos seus protagonistas: a canioneta com os cavalos de «Loucos...» e a quinta do velho pai de «Desejo»; nas duas peças, existem afloração do tema do incesto, além do tema da família, a ele ligado, tema tão caro aos americanos e que estão no cerne da conflitualidade das duas peças.

A julgar pelo espectáculo do Novo Grupo, o texto de Eugene O'Neill envelheceu mal e foi, para nós, vítima do tempo que levou a chegar cá (a escrita da peça é de 1924). Já vimos como é arriscado julgar um texto dramático pela única leitura cénica que dele conhecemos (vamos esquecer o filme que era para esquecer), mas neste caso parece tão elementar a visão freudiana das relações entre Abbie e Eben que talvez valha a pena correr o risco de considerar a peça menos interessante do que se esperaria.

Menos interessante ainda na glosa, demasiado óbvia, da tragédia grega, e em especial o mito de Fedra como é recordado, pelo menos, em dois textos inseridos no programa, o de Luiz Francisco Rebello e o de Virgílio Floyd. Além disso, os traços autobiográficos que a peça evidencia e que são igualmente evocados pela ensaísta dos Estados Unidos, antecipa em tom menor aquela que é a grande peça de O'Neill, no



Rogério Paulo em «Desejo sob os Ulmeiros»

período final da sua vida, «Jornada para a Noite».

«Desejo sob os Ulmeiros» contém, porém, alguns dos pressupostos que fazem do teatro de O'Neill uma obra fundamental da dramaturgia do séc. XX, na continuação e renovação de uma linha que vinha de Strindberg. No entanto, esses elementos dramáticos surgem ainda de uma forma relativamente elementar nessa relação entre a tragédia grega e os vectores psicanalíticos.

Na encenação de João Lourenço esse carácter do óbvio que marca, a meu ver, o texto não foi ultrapassado, e a peça surge ainda mais frágil, fragilidade acentuada pela inadequação dos intérpretes aos papéis que lhes foram destinados (o caso mais flagrante é o de Irene Cruz)

ou pela capacidade em exprimir os valores que as personagens de O'Neill contém. Se os trabalhos de alguns intérpretes parecem correctos, embora insuficientemente apoiados, caso de Fernando Luís e de Irene Cruz, neste pela razão apontada, noutros o trabalho parece demasiado débil, o que não deixa de ser surpreendente por parte de actores como Francisco Pestana e Melim Teixeira. É ainda Rogério Paulo, apesar das dificuldades de ordem física que revela, quem consegue, graças a uma técnica de actor aqui indispensável, tornar a sua persona-

gem, pelo menos, verosímil.

O teatro norte-americano, como o teatro inglês, exige um trabalho de actor muito forte e sobretudo tendo em consideração processos de representação que exigem uma técnica stannislavskiana que os nossos actores geralmente não dominam. Daí a insatisfação que este espectáculo me causou. Mas também pelo texto que me pareceu menos interessante do que esperava, pelo trabalho de dramaturgia e de encenação menos criativo daquilo a que estou habituado e costume encontrar no Teatro Aberto, embora a cenografia de José Carlos Barros tivesse resolvido os problemas do espaço (mas aqueles ulmeiros...) e a luz ajudasse a beleza de algumas cenas (veja-se como o pôr-do-Sol sinaliza ao mesmo tempo o desejo e o ouro). Mas foi talvez no trabalho dos actores que o espectáculo me pareceu menos convincente.

Uma palavra de louvor para o programa duplo («Loucos por Amor» e «Desejo sob os Ulmeiros»), incluindo colaboração portuguesa inédita, de Luiz Francisco Rebello, Jorge Leitão Ramos e Vera San Payo



Carlos Porto

Amor e desejo

LOUCOS POR AMOR, de Sam Shepard.

Tradução: João Lourenço / Vera San Payo de Lemos. Dramaturgia: Vera San Payo de Lemos. Encenação: João Lourenço. Cenografia: José Carlos Barros. Figurinos: António Filipe. Desenho de Luz: João Lourenço / Melim Teixeira. Produção: Melim Teixeira. Interpretação: Luísa Salgueiro, Virgílio Castelo, Rodolfo Neves e António Filipe. Novo Grupo. Teatro Aberto/29-09-1990.

Como poderia eu imaginar, nesse 1972 que parece de outro século, ao ver no Open Space Theatre, de Londres, uma das primeiras «peças inglesas» de Sam Shepard, o que viria a ser a carreira daquele que é hoje dramaturgo e actor consagrado, embora já ao tempo andasse nas bocas do mundo vanguardista? A peça chamava-se *The Tooth of Crime* e contava a história de um cantor de rock, cantava-a e cantava-a com aquela energia, aquela carga de tensões que continuam a encher o teatro de Shepard, pelo menos a julgar por esta peça, embora a sintamos muito mais presa a uma tradição muito norte-americana (mas que já vem da Grécia, claro) de que O'Neill, precisamente, foi grande precursor, o drama da família. Com «Loucos por Amor», Shepard junta a esse ingrediente um outro também tipicamente norte-americano, o da errância, o do amor pelos grandes espaços e pelas grandes viagens, e ainda um outro que, infelizmente, não é só norte-americano, o da violência.

Quem viu o espectáculo com que esta peça foi estreada em Portugal não pode deixar de o evocar, como se calcula pela óbvia razão deste trabalho do Novo Grupo de maneira nenhuma fazer esquecer a criação portuense,

antes pelo contrário. Desde logo a começar pelo título: «Possessos de Amor» na versão de Os Comediantes («DL»/16-03-89).

Trata-se, uma vez mais, da prova de como o teatro é no palco, e só nele, que existe: o mesmo texto, como ainda recentemente aqui referi, pode ser a matriz de dois universos diferentes, mesmo que sejam respeitados não só as componentes conflituais da peça como determinados pressupostos da encenação (o cenário, por exemplo).

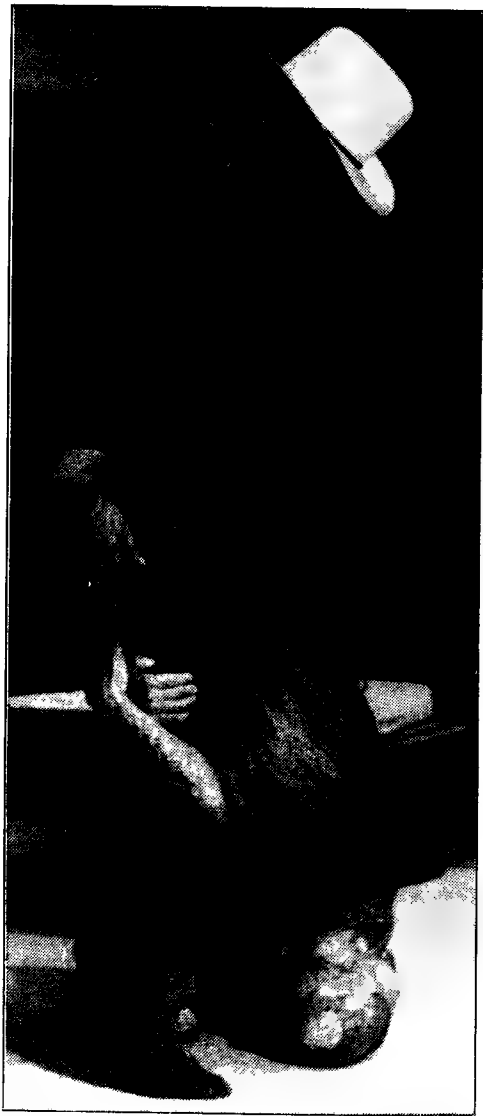
O espectáculo do Porto foi encenado por um jovem encenador inglês e creio que aí é que está a diferença. Peter Field mergulhou no mundo shepardiano de maneira a captar os sinais mais subtils, mas também os mais intensos, os mais nítidos, os mais profundos desse mundo. Essa captação do real e do irreal que definem a peça de Shepard surge de uma forma muito verosímil no cenário de Acácio de Carvalho: sentia-se naquele quarto de motel barato, o pó e a secura das estradas infundáveis, o cheiro a cavalo e a paixão do montador, a solidão dos grandes desertos, a decrepitude de um mundo em desordem, em degradação. A violência sistemática com que a porta principal era batida representava o sinal dessa violência insuportável. Pelo contrário, o cenário de José Carlos Barros, igual ou com diferenças não significativas, surge nas suas próprias dimensões, com o ar lavado do aposento de um motel para famílias modestas, recém-inaugurado. O mesmo poderemos dizer da composição das personagens e dos jogos de tensões que entre elas se levantam: o Pai era, com Óscar Branco e apesar dos problemas vocais do actor portuense, uma figura terrível que aqui se perde; além disso, na interpretação de João Cardoso, Martin transformou-se num personagem muito

importante no xadrez de tensões, dimensão que surgiu muito diminuída no espectáculo do Teatro Aberto. Este beneficiou dos trabalhos fortes do Virgílio Castelo (Eddie) e Luísa Salgueiro (May), as duas figuras-chave da peça, meio-irmãos que se amam até à loucura, até se transformarem em possessos de amor, como explica o título do espectáculo de Os Comediantes. Trabalhos fortes, como também eram os de João Paulo Costa e Rosa Quiroga, no Porto, embora nenhum deles conseguisse exprimir essas zonas de loucura que a peça exige. Além disso, nenhum dos dois espectáculos conseguiu marcar convincentemente a passagem dessas zonas de tensões interiores muito intensas para zonas de tensões exteriores de grande violência (intérpretes e encenação).

Entre «Loucos por Amor», do Novo Grupo e «Possessos de Amor», de «Os Comediantes» existem diferenças que não podem ser menorizadas nem esquecidas: como as há entre um episódio de «Dallas» e um «western» de John Ford. Com a diferença importante de que o espectáculo do Teatro Aberto tem, apesar de tudo, uma qualidade e uma verosimilhança estética a que a série televisiva não aspira. Virgílio Castelo e Luísa Salgueiro contribuíram bastante para isso. Sem esquecer a tradução de João Lourenço e Vera San Payo Lemos (mas não precisaria de um pouco mais de sal?).

Como de costume, um programa excelente com excelentes textos, uma vez mais a qualidade dos trabalhos da colaboradora habitual de João Lourenço que encenou a peça de Shepard com a coerência possível mas com menos energia do que o habitual.

Carlos Porto



Virgílio Castelo e Luísa Salgueiro protagonizam «Loucos por Amor»

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Exposição evocativa na Biblioteca Nacional até 3 de Novembro

O Camilo possível

Escritores produtivos há muitos. Uns, tipo Harold Robbins, repetem a fórmula do *best-seller* até ao centésimo volume. Outros, pelo contrário, escrevem muito, porque, para eles, a escrita é «apenas» uma manifestação de amor à vida. Camilo Castelo Branco, felizmente para a literatura portuguesa, é um dos maiores entre estes últimos. Há cem anos, o tal amor esgotou-se-lhe. Sem se permitir sobreviver, resolveu a situação com um tiro de pistola. A propósito da efeméride, está patente, desde quarta-feira até dia 3 de Novembro, na Biblioteca Nacional, uma exposição evocativa a que se deu o nome de «Memórias de Camilo».

A mostra organizada pela Biblioteca Municipal do Porto, onde, aliás, já estava patente, lembra as várias fases da atribulada vida deste escritor. Os anos dourados da juventude passou-os Camilo no Porto. A cidade, tal como ele a terá conhecido, é recordada através de alguns postais relativos ao Passeio das Fontainhas, à Rua das Flores, à Praça de Dom Pedro e, como não podia deixar de ser, à Torre dos Clérigos. O material é, a este respeito, manifestamente escasso. De resto, não se compreende porque é que, sendo a Biblioteca Municipal do Porto a instituição responsável pela mostra, esta acabe por resultar pobre no que respeita ao relacionamento de Camilo com a cidade em que ele passou os melhores e, se calhar, os mais decisivos anos da vida dele.

É, no entanto, em matéria de manuscritos e de epistolografia que a exposição se torna, de certo modo, obrigatória. O visitante que se deslocar à Biblioteca Nacional terá, assim, a oportunidade de apre-



A época e a obra de Camilo evocada na Biblioteca Nacional

ciar os originais de «Cavar em Ruínas», «A Bruxa de Monte Cordova» ou dos «Mistérios de Fafe». As primeiras das muitas edições conhecidas pelos livros de Camilo estão igualmente expostas, tal como alguns dos periódicos e folhas impressas que sobre ele se debruçaram. A epistolografia é abundante e inclui cartas do escritor, para o escritor e sobre o escritor. Nelas, tudo se diz, desde pequenas trivialidades, tipo «troca de galhardetes» e desejos de Boas Festas aos profundos assuntos literários. E porque, afinal, de tudo isto se compõe a vida, a exposição não deixa de ilustrar um pouco (talvez, muito pouco) a época e o ambiente em que o autor viveu. Bruscamente,

do meio dos documentos caros aos estudiosos, surgem as coisas do quotidiano: cartolas de homem, óculos, elegantes botinas de senhora e um chapéu de palha que Camilo terá utilizado nas bucólicas surtidas que fez por São Miguel de Seide.

Quer- nos parecer, no entanto, que nada disto seria reconstituível sem o «Dicionário de Camilo», escrito por Alexandre Cabral. Contactado pelo DL para dizer de sua justiça acerca da exposição, ele salientou a abundância de manuscritos, textos autógrafos de Camilo e, sobretudo, retratos e mensagens de pessoas importantes para a época que a passagem do tempo, injustamente, esqueceu. Apesar de

tudo, um facto parece evidente: o Camilo que esta exposição nos oferece é apenas o Camilo possível sem dores de cabeça de maior. O próprio Alexandre Cabral declarar-nos-ia que esta estava longe de ser a iniciativa ideal. Afinal, como ele nos disse, «os grandes fundos camilianos estão repartidos pela Biblioteca de Sintra, do Porto e pela própria Biblioteca Nacional. Esta é uma exposição importante para a divulgação do escritor, mas não é propriamente a consagração ideal». No fundo, o que se percebe é que o autor de «Amor de Perdição» ainda não foi perdidamente amado pela cultura portuguesa ... ou por quem dela se ocupa.

M.J.M

«Guia Profissional Cinema, Televisão e Vídeo» já à venda

O segundo «Guia Profissional Cinema, Televisão e Vídeo» já se encontra à venda. Editado pelas Publicações Dom Quixote e dirigido por Manuel Costa e Silva, este é um instrumento de trabalho indispensável para quem trabalha em tais áreas. Para além de uma passagem em revista dos anos cinematográficos de 88 e 89, o guia fornece uma lista exhaustiva de contactos com técnicos, distribuidores, realizadores, actores, críticos, salas de cinema, realizadores de spots publicitários. Neste volume, foi incluída também legislação relativa a estas áreas.

Salão Nacional de Caricatura

O actor Herman José foi distinguido, em Porto de Mós, com o prémio especial de Humor do IV Salão Nacional de Caricatura.

O Grande Prémio do salão 1990 foi atribuído à obra do cartonista Augusto Cid, enquanto o prémio «Cartoon de Imprensa» coube a António. Na classe «Ilustração de Imprensa», o prémio foi para Zé Bandeira, tendo Rui Pimentel ganho o de «Caricatura de Imprensa».

A distribuição e divulgação dos prémios deste ano marcou a cerimónia de inauguração do salão de caricatura, presidida pelo secretário de Estado do Ambiente, Márcio Correia.

O IV Salão de Caricatura apresentou-se dividido em quatro áreas: humor internacional, caricatura de imprensa, salão livre e mostra histórica.

Festival de Aveiro: «Non...» de Oliveira no próximo dia 11

O IV Festival de Cinema dos Países de Língua Oficial Portuguesa, a decorrer até 12 do corrente em Aveiro, organização conjunta da Cooperativa de Cinema Grande Plano e da Câmara Municipal daquela cidade, continua a registar grande afluência do público.

Aguardada com grande interesse, no dia 11, é a mais recente obra de Manoel de Oliveira, «Non, ou a Vã Glória de Mandar», que tem como tema central a guerra colonial e toda uma série de episódios que marcaram a História de Portugal.

Manoel de Oliveira assistirá à exibição do filme (ante-estreia nacional), estando prevista uma homenagem ao grande realizador português.

Finalmente, e ainda a propósito de estreias, Mónica Rutler estreia também naquele dia a sua mais recente realização - «Solo de Violino».

Falar de cinema

Julia Roberts a caminho do «Oscar»

UM SONHO DE MULHER (*Pretty Woman*) - R: Gary Marshall (EUA, 1990); A: J.F. Lawton; F (cor); Charles Minsky; M: James Newton Howard; Dir. art.: Albert Brenner; P: Arnon Milchan e Steven Reuther / Touchstone Pictures / Silver Screen Partners IV; I: Richard Gere, Julia Roberts, Ralph Bellamy, Jason Alexander, Laura San Giacomo, Alex Hyde-White, etc.; D: 95 m; Dist: Columbia, Tri Star e Warner Bros; Est: Alfas, Amoreiras, Apolo 70, Berna, Las Vegas, Mundial, Plazas, S. Jorge e Xenon (Lisboa); Passos Manuel e Pedro Cem (Porto); e ainda Amadora, Braga, Almada, Setúbal, Barreiro, Carcavelos, Évora, Albufeira e Oeiras (4.10.1990); Cl: *** (M/12 anos).

Pretty Woman foi o maior êxito de bilheteira no Verão dos EUA, batendo em toda a linha os grandes títulos de efeitos especiais, de *Dick Tracy* a *Regresso ao Futuro III*. Aqui, o efeito especial chama-se Julia Roberts que caminha já em direcção aos *Oscars*, onde tem assegurada pelo menos a nomeação. E diga-se que com

inteira justiça, pois se não é uma revelação (revelação já o fora em *Pizza, Amor e Fantasia* e *Flores de Aço*) é a confirmação plena de uma grande actriz, uma das maiores actrizes surgidas nos últimos anos no cinema norte-americano.

O filme é uma comédia romântica escrita em forma de fábula e dirigida com sensibilidade e correcção por um inspirado série B, Gary Marshall. É mais um tema à Capra, presentemente na ordem do dia: ele é um financeiro que vive de cmpatar empresas à beira da falência, para depois as vender aos bocados, com lucro apreciável. Ela também é prostituta, mas vende-se mais, modestamente em Hollywood Boulevard, onde possui uma «estrela só para ela». Um dia, encontram-se e falam de negócios: por 300 dólares ela passa a noite com ele. Depois, por 3000, passa a semana. E habitua-se um ao outro. Ela compra-lhe tudo, excepto um beijo na boca, que ela só dá por amor. É evidente que acabam apaixonados, depois dele ter percebido que afinal o dinheiro não é tudo na vida e que

a moral também conta. O que, paradoxo dos paradoxos, descobre no seu convívio íntimo com Vivian Ward, a prostituta de rua.

Ao ver assim resumido o filme, dir-me-ão que tudo isto não passa de «choradinho» de «fábrica de sonhos» sem qualquer relação com a realidade, dura e crua. É acrescentam: é Hollywood a regressar à época do idealismo utópico, é verdade, mas o filme sabe-o e, inteligentemente, alerta o espectador para isso mesmo: no início e no fecho da história, à laia de conclusão, aparece um vagabundo negro que canta pelas ruas de Los Angeles algo em que se diz que Hollywood é sonho, uns realizam-se, outros não. O que quer dizer que o próprio filme que se põe em causa e alerta para o «sonho» que acabaram de ver. E se a história é um sonho saído da fábrica, o que fica de real é a moralidade que o «sonho» encerra e que não deixa de ser sintomaticamente bem re-

cebida pelas plateias de hoje. Afinal gastar dinheiro sem ver a quem, e como, já levanta problemas de consciência a alguns milhões de jovens que fizeram o triunfo desta comédia divertida, divinamente interpretada por uma fabulosa Julia Roberts, que Richard Gere, tal como nós, simples espectadores, se limita a ver caminhar, ouvir falar ou simplesmente contemplar a irresistível beleza.

Pretty Woman é o show de uma mulher que se desdobra desde prostituta sem complexos, até senhora sem princípios, sempre com uma graça e um encanto espectaculares. Richard Gere vai bem, muito melhor do que nos seus últimos trabalhos, mas não surpreende. Já o actor que interpreta a figura do gerente de um hotel de luxo nos dá uma rábula de um rigor e «souplesse» admiráveis.

Tudo somado, não perca este *Sonho de Mulher* - Julia Roberts merece-o e muito mais.



Lauro Antonio

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Há quase três décadas, Denis de Rougemont e seus colaboradores organizaram pela primeira vez a Conferência Europa-Mundo sobre o Diálogo de Culturas. Os tempos eram outros, a Europa também. Hoje, com o argumento da guerra fria esgotado e a queda das super-potências consumada, o retomar da iniciativa tornava-se necessário. Ei-la, na sua segunda edição, desde ontem e até amanhã, na Fundação Gulbenkian e no Hotel Tivoli

Depois do muro

Para o bem e para o mal, a Europa fez do século XX o que ele é. Em 1900, comportava-se como uma rainha velha e excêntrica que se recusasse a ouvir a voz do bom-senso. Quarenta e cinco anos depois, parecia amortilhada de todo e, para sempre convertida num tabuleiro de xadrez para jogos de azar entre parceiros armados até aos dentes. Mas nunca se diga desta água não beberei, sobretudo se pelo meio houver uma civilização humilhada e ofendida. Quando todos se resignavam a aceitar o mapa político do pós-guerra como o legado por nós deixado à posteridade, o mundo deu outra volta e a Europa retomou, num abrir e fechar de olhos, o papel de protagonista que há muito, muito tempo lhe fora reservado.

Neste continente em que Leste e Oeste acabam de perder o sentido ideológico adquirido nos últimos quarenta anos, a segunda edição da Conferência Europa-Mundo sobre o Diálogo de Culturas está à partida justificada. Ontem, durante a abertura dos trabalhos na Fundação Gulbenkian, Mário Soares faria, aliás, questão de frisar a oportunidade desta iniciativa, cujo alto patrocínio cabe a ele, juntamente com Federico Mayor, Director Geral da Unesco.

A actualidade e a importância das transformações de que somos testemunhas foi, pois, o tema a que o Presidente da República subordinou o seu discurso. Uma vez derrubado o muro de Berlim e todo o mundo de que ele era sustentáculo e *ex-libris*, o problema reside agora, segundo Mário Soares, no relacionamento entre os países industrializados do Norte e os estados pobres do Sul. E para que não restassem dúvidas, o orador pegou no exemplo da crise do Golfo e mostrou-a, saliente-se, como a consequência gravíssima de diversas incompreensões.

Seja como for, o momento é de júbilo. A Alemanha unida acrescenta-se a luta dos negros sul-africanos, finalmente, ao lado do homem que o regime do *apartheid* em vão tentou silenciar. Neste

momento histórico em que a liberdade é o mais caro e essencial dos valores, Portugal reassumiu, ao lado de outros, o leme dos acontecimentos e a vanguarda da História. Não no século XVI, porque, na verdade, águas há tanto passadas também já não moveriam moínhos que se vissem. Segundo Mário Soares, a revolução de 25 de Abril de 74 serviu de candeia para a democracia na Espanha, na Grécia e em alguns estados da América Latina. E alumiu com a força duma revolução que dispensa meios externos e nasce das entranhas da memória. A propósito da descolonização, o Presidente não deixaria de aludir, no entanto, às chamadas tiranias africanas com a qual, confessou, acabámos por contemporizar.

Os povos, os media e a ciência

Seo discurso do Presidente da República destacou, conforme seria de esperar, a parte política da questão, as comunicações dos estudiosos iniciar-nos-iam noutras vertentes do problema europeu. Divididos segundo oito comissões, os temas da conferência respeitaram, de uma forma geral, ao modo como a Europa vê e fala do outro civilizacional, ao impacto das descobertas científicas e ainda à universalização das preocupações ecológicas.

A propósito do primeiro aspecto, Rui Vieira Nery, presidente da comissão relativa a este tema, sublinhou, de modo mais ou menos explícito, que não pode haver aldeia global sem que os meios de comunicação estejam repartidos em igualdade de circunstâncias. Como se não bastasse a desigualdade que, de facto, existe, atente-se nas características de produção dos *media*: o que nos oferecem eles das sociedades extra-ocidentais? Estereótipos, imagens estafadas que em nada contribuem para uma representação fundamentada desse outro civilizacional, qualquer que ele seja.

O trabalho desenvolvido pela comissão «Media e Circuitos Culturais», pre-

sidiada pela ex-Secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, completou um pouco esta constatação. Na verdade, o esmagador predomínio da produção televisiva norte-americana é, cada vez mais, um desafio que se coloca aos produtores de países europeus, cujas línguas não são propriamente uma espécie de esperanto apreendido desde tenra idade nos liceus de todo o mundo. A questão dos *media* é, pois, fundamental. Sem a omni-presença norte-americana nos televisores de todos nós, a influência que o *american way of life* exerceu e ainda exerce sobre um terço da ecúmena, não seria o que é.

Sérgio Romano, o historiador e jornalista italiano que presidiu à comissão relativa aos diálogos de cultura hoje, não deixou, por outro lado, de considerar as *nuances* culturais subsistentes em determinadas regiões da Europa. Para além da Turquia a que este estudioso aludiu em primeiro lugar, há, no entanto, que considerar a extrema heterogeneidade dos países de Leste, quando comparado com os seus parceiros da Europa Ocidental.

A variabilidade é extensiva à atitude para com a ciência. Encarregue da comissão dedicada ao impacto das descobertas científicas nas comunidades, Mariano Gago sublinhou a importância de que se reveste a realização de congressos especializados em países de nível tecnológico intermédio. Assim acontece, hoje, na Índia e na China. Assim aconteceu, em tempos não muito distantes, com Portugal. A verdade é que nestes estados, onde a tecnologia não é propriamente uma indústria do quotidiano, o grande público está mais atento a eventuais acções de divulgação científica. Noutras regiões, pelo contrário, há a registar um sentimento de rejeição e repulsa quase visceral. É o medo do que se não entende e se afigura inacessível. Um medo que, no fundo, é como qualquer outro e que, por isso mesmo, pode gerar novos muros.

Maria João Martins



Paralamas do Sucesso: banda brasileira presente no Rock in Rio 91

Primeira mão: Rock in Rio 91

A edição de 1991 do festival Rock in Rio já tem programação definitiva. Um dos maiores acontecimentos internacionais da música ligeira, o festival do Rio de Janeiro, pela sexta vez consecutiva, junta nomes grandes da *pop* e do *rock* no Estádio do Maracanã, com capacidade para receber 170.000 pessoas. O Rock in Rio, que decorrerá nos dias 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26 e 27 de Janeiro de 91, tem como cabeças de cartaz George Michael, Inxs, Guns n' Roses, Robert Plant, Billy Idol, David Lee Roth, Donna Summer, Lisa Stansfield, Ziggy Marley, Dee-Lite, Run DMC, Yazz, A-Ha, Colin Hay, Information Society e os anfitriões brasileiros Gilberto Gil, Alceu Valença, Lobão e Paralamas do Sucesso.

Segundo informação dada ao DL por um dos responsáveis pela promoção do Festival, o inglês Laister Dickson, «a sofisticação desta edição de Rock in Rio vai deixar estupefacto o público». Nos próximos meses o Maracanã será transformado «num palco *spielberguiano* do século XXI», com a construção de várias pontes em aço que ligarão o relvado às bancadas. Haverá dois ecrãs gigantes de vídeo, duas torres metálicas de, aproximadamente, 15 metros de altura e vinte e sete de largura, onde será montado equipamento de luzes e efeitos especiais, entre os quais um «arco-íris colorido de laser accionado por computador», *néons* em quedas de água, geradores de fumo e fogo-de-artifício.

Nesta edição do Festival a produção está a cargo de Guerry Stickles, produtor das digressões «Madonna's Blond Ambition» e «Paul McCartney's 89 - 90 World Tour», tendo como consultor para efeitos especiais Patrick Woodrofe, que trabalhou nas *tournees* «Rolling Stones Steel Wheels» e «Tina Turner Foreign Affair».

O Rock in Rio 91 será transmitido e distribuído através de 30 satélites por uma cadeia televisiva brasileira coordenada pela Radio Vision. Prevendo-se uma audiência de cerca de 50 milhões de espectadores. Os custos do evento montam a cerca de 17 milhões de dólares.

M. J. B. M.

Organizadas anualmente pelas sete autarquias que compõem o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, três Semanas da Pedra ainda não foram suficientes para mobilizarem a atenção dos escultores portugueses



Bastará Allan Farr para internacionalizar a Semana da Pedra?

Integrada nas Comemorações dos 800 Anos do Foral que D. Sancho I atribuiu a Torres Novas, a terceira edição da Semana da Pedra decorreu este ano, entre 18 de Setembro e 5 de Outubro, no Lugar de Vale da Serra.

Privilegiando a escultura em calcário, a iniciativa pertence ao Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, coadjuvada pelas sete autarquias que nele têm território (Alcanena, Alcobaça, Ourém, Porto de Mós, Rio Maior, Santarém e Torres Novas), sendo ainda apoiada pelas regiões de turismo do Oeste, Ribatejo, Rota do Sol e Templários.

No entanto, a abundância da matéria-prima e o envolvimento das autarquias na sua preservação para dignificação e rentabilização das respectivas regiões turísticas, parece não ter sido ainda o

Aires de pedra

suficiente para ultrapassar apenas o interesse local e as necessidades curriculares de jovens escultores, quanto mais a vocação internacional. A menos que um escultor norte-americano em trânsito, baste para internacionalizar um concurso de escultura que não tem representatividade nacional. Mas não era só esse objectivo da Semana da Pedra, porque procurou que a participação nas edições anteriores fosse feita através de convites, embora se desconhecem os destinatários e as respostas.

Fossem quais foram, o que é certo é que a organização optou pela participação por concurso, procedendo à sua divulgação através da imprensa. Embora não tenha divulgado o número de concorrentes, a organização responsabilizou-se por seleccionar os oito escultores a

quem foram entregues dois blocos de moca-creme (brecha de Stº António), um com um metro cúbico e um outro com dois metros por 90 e 70 centímetros, cortados segundo a vontade de cada concorrente.

Além do alojamento e alimentação, condições de trabalho e alguma ferramenta, a organização da III Semana da Pedra atribuiu um prémio de presença no valor pecuniário de 55 contos, comprometendo-se os oito escultores a executarem as obras no local, devendo estar imperivelmente concluídas no dia 4 de Outubro.

Para as apreciar e premiar, a organização convocou os escultores Clara Meneses, João Fragoso e Martins Correia, o arquitecto Nuno Santana, em representação da Câmara Municipal de Torres Novas, e o também cartoonista

António Maia, pelo Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Este Júri deliberou que fosse atribuído a Óscar Guimarães, os 400 contos do primeiro prémio, 250 a Susana Piteira e 150 a Alan Farr Junior.

À semelhança das anteriores edições da Semana da Pedra, que decorreram em Alcanena e Porto de Mós, também as obras executadas em Torres Novas passam a ser propriedade do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros que, volvidos três anos, ainda não fez um catálogo onde se reúnem as esculturas já feitas. A menos que, faltando apenas quatro autarquias para esgotar as sete que constituem o Parque, o catálogo seja o epílogo de uma iniciativa que passou o tempo a partir pedra.

Jorge Fallorca

DESPORTO

Seleção nacional: sim e não

Futre veio ontem Barros operado hoje

Depois do presidente federativo João Rodrigues ter ido a Espanha apresentar ao Atlético de Madrid o pedido de dispensa de Paulo Futre para a seleção nacional, o jogador já ontem chegou à concentração lusitana, que está a decorrer no portuense Hotel Sheraton. O grande ausente do estágio passou a ser Rui Barros que, tendo sofrido uma ruptura na coxa direita durante o jogo Mónaco-Cannes, viajou para uma clínica de Munique (Alemanha) onde ainda poderá ser submetido a uma intervenção cirúrgica durante o dia de hoje. A mulher (Luísa) e o filho, chegam hoje ao Porto.

Assim, o treinador Artur Jorge tem ao dispor, com vista ao jogo com a Holanda (dia 17, nas Antas, provavelmente televisado e com a equipa lusitana já envergando o moderno equipamento cedido pela Adidas) os seguintes jogadores: Nelo (Boavista), André, Domingos, Semedo, João Pinto, Kiki e Vítor Baía (FC Porto), Pacheco, Rui Águas, Silvano, Vítor Pereira e Velloso (Benfica), Cadete, Leal, Carlos Xavier, Oceano e Venâncio (Sporting), Jaime Pacheco, Jorge Ferreira e Sobrinho (Vitória de Setúbal) e Paulo Futre (Atlético de Madrid).

Quanto à seleção de esperanças, o técnico António Oliveira tem às ordens (no estágio que decorre em Vila Nova de Gaia) 22 nomes: José Nuno, Folha, Valido e Paulo Alves (Gil Vicente), Fernando Couto, Jorge Couto e Morgado (FC Porto), Paulo Madeira e Sousa (Benfica), Filipe e Amaral (Sporting), Secretário e Abel (Penafiel), Cambera (Ovarense), Resende (Académico de Viseu), Neves (Aves), Rui Neves (Estrela da Amadora), Tozé (Leixões), Gama (Braga), Zé Carlos (Varzim), Hélio (Vitória de Setúbal) e

João Pinto (Atlético de Madrid).

Espinho denuncia «atropelos»

Os dirigentes do Sporting de Espinho e da Associação de Futebol de Aveiro manifestam-se preocupados com os atropelos à verdade desportiva que tem afastado o público dos campos de futebol.

Em conferência de Imprensa efectuada ontem à noite em Espinho, em que participaram Carlos Padrão, Gui Viseu, Pedro Nelson, Rolando Macedo e Romeu Vito (pelo Sporting de Espinho) e Basílio de Oliveira, Valdemar Lima e Mário Taruffo (pela Associação de Futebol de Aveiro) foi feita durante mais de duas horas, a denúncia aos atropelos à verdade desportiva.

Segundo os dirigentes do Espinho, estes atropelos à verdade desportiva têm levado a que cada vez menos pessoas se deslocuem aos campos de futebol do País. Os responsáveis pelo clube afirmam estar descontentes com o que se passa no desporto nacional em particular na arbitragem do futebol, referindo que há desorganização no futebol nacional.

O vice-presidente da Associação de Futebol de Aveiro (Gui Viseu) disse que o organismo está solidário com o seu filiado, abordando também a questão da arbitragem. Hoje há menos gente no futebol porque existe muita mentira, referiu o dirigente da Associação.

Festas no Leça

O treinador Fernando Festas assumiu o comando da equipa técnica do Leça, substituindo Nicolau Vaqueiro, que no domingo rescindiu o seu contrato. Após a derrota de Marco de Canaveses, frente à equipa local (por 2-1) Nicolau Vaqueiro foi mais uma

vítima de «chicotada psicológica» e a Direcção do Leça de imediato resolveu o problema da sucessão, contratando Fernando Festas que, além de já ter orientado os leceiros treinou o Salgueiros, o Marialvas e, na presente temporada, o Freamunde, clube com o qual rescindiu o seu contrato há cerca de três semanas.

O Leça ocupa a última posição do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Zona Norte) com apenas dois pontos em seis jogos, três golos marcados e onze sofridos.

Mais brasileiros

O Braga recrutou o guarda-redes brasileiro Regis, que esteve no Vasco da Gama (Rio de Janeiro) enquanto o Belenenses chegou a acordo com o defesa Oliveira para prosseguir a carreira no Restelo.

Baixa no Águeda

O guarda-redes Amaral, que já defendeu a baliza do FC Porto e milita actualmente no Águeda, fracturou a mão direita em três sítios no jogo de domingo com o Freamunde, sendo ontem operado, no Hospital de Santa Maria. O número um do Águeda vai ficar internado naquela unidade hospitalar durante quatro dias.

O lance que motivou a lesão de Amaral ocorreu ao 90.º minuto, quando tentava evitar o golo do Freamunde, que deu o triunfo por 1-0 a esta equipa.

Rojas penitenciou-se

O guarda-redes chileno Roberto Rojas, intérprete da rocambolesca cena do petardo durante o encontro com o Brasil (dia 3 de Setembro de 1989, no Maracanã) pediu perdão do seu acto durante o programa «Toque de Bola», da TV Manchete. Ao tomar tão dramática atitude, Rojas pretende, acima de tudo, que

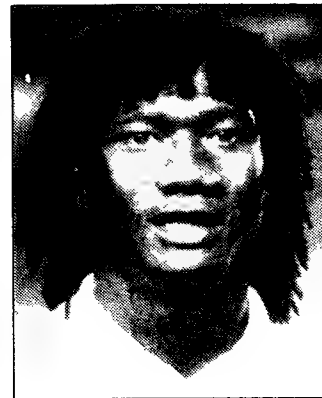
a FIFA lhe retire a proibição de jogar, quando (aos 33 anos) se considera em condições para prosseguir a carreira futebolística pelo menos por mais três anos.

O incidente que esteve na origem do seu afastamento verificou-se (recorde-se) quando o Brasil venceu o Chile por 1-0, em partida de qualificação para o Mundial de Itália.

Rojas reiterou, no decurso do programa, as revelações produzidas no Chile, quanto ao plano para anular o encontro do Maracanã, da autoria do «capitão» da equipa chilena (Astengo), e do fisioterapeuta Alexandre Koch (este, responsável pelo cenário san-



Fernando Gomes: o ponta-de-lança mais produtivo do actual futebol nacional continua a ficar de fora da convocação de Artur Jorge perdendo-se (especialmente) um grande trunfo para arregimentar público até às Antas



Kiki: assume-se (do coração) como cabo-verdiano (entrevista ao nosso colega «A Bola») mas não se importa de fazer uma perninha pela seleção portuguesa, provavelmente porque é figura imprescindível no seu posto

greto, utilizando para o efeito um bisturi). O guarda-redes chileno confessou (também) que, a certa altura, já se havia esquecido do plano e que jamais teria participado na farsa se tivesse uma ideia aproximada das consequências reafirmando ao mesmo tempo que apenas ele e os ou-

tros dois elementos citados estavam a par do processo.

Rojas fez incidir a sua confissão na necessidade de preservar a consciência e o futuro da família, já que o seu filho (Paulo César) está a ser assistido psicologicamente para debelar os efeitos do processo.

Federação de Futebol: mais olhos que barriga

Nascido com mau olhado, o campeonato mundial de sub/19 que nenhum país quis organizar e (por último) acabou por se oferecer a Portugal, está a criar forte convulsão em diversos sectores, especialmente porque de antemão se adivinha que a nossa organização futebolística não pode ombrear com o que de sofrível existe lá por fora e, a partir do eufórico instante inicial, cada possível responsável tenta sacudir a água do capote, abdicando da sua quota parte de responsabilidade naquilo que se afigura um fracasso à vista.

Adriano Pinto (presidente da Associação de Futebol do Porto, a mais influente do país) demitiu-se da Comissão Executiva, ao mesmo tempo que Gil Mesquita (Associação de Braga) pode tomar hoje idêntica atitude. Aliás, nenhuma destas personalidades foi (até agora) tida ou ouvida em qualquer reunião preparatória do campeonato, ficando todo o expediente às ordens de Ribeiro de Magalhães (presidente-adjunto da Federação) que celebrou contrato com o jornalista Bessa Tavares (da RTP) para assessorar de Imprensa da organização do torneio, adqui-

riu um filme para promoção do certame, também sem consultar os demais membros da cúpula federativa e, no tocante ao plano financeiro, igualmente actuando sem conhecimento do responsável federativo Fernando Roriz, que se sente tão ultrapassado que já tornou pública a hipótese de uma breve demissão de cargo.

Se acrescentarmos a isto que as relações entre os dois presidentes federativos (João Rodrigues e o adjunto Ribeiro de Magalhães) não estão tão bem como ainda há poucas semanas (diz-se que por força de uma emancipação assumida pelo leader efectivo quando terá compreendido que andava sob as directrizes do colega), pode acreditar-se que, dentro de horas, é bem capaz de estalar uma autêntica mudança drástica no que toca a Portugal realizar (ou não) o 1.º campeonato mundial de futebol de toda a sua história, provavelmente pensando-se que quem não tem competência não se estabelece.

Neves de Sousa

Dez dias antes de «brilharem» na Luz

Carnevale e Peruzzi dopados ante o Bari

Andrea Carnevale e Angelo Peruzzi, duas «estrelas» da equipa italiana do Roma, que eliminou o Benfica da Taça UEFA, tiveram testes «antidoping» positivos. Análises efectuadas ao avançado Carnevale e ao guarda-redes Peruzzi, após a vitória da turma romana frente ao Bari, em encontro do campeonato italiano da 1.ª divisão, realizado no dia 23 de Setembro (apenas 10 dias antes do jogo na Luz) indicaram a presença de substâncias dopantes. Uma série de contra-análises confirmou a suspeita levantada pelos testes preliminares.

Carnevale, que integrou a seleção transalpina no Mundial Itália-90, foi o autor do tento solitário que deu a vitória à turma romana sobre o Bari. Peruzzi foi outra das figuras do Roma em destaque no encontro, ao defender uma grande penalidade.

A Federação italiana identificou a droga utilizada pelos dois futebolistas como sendo «Fentermine», uma substância proibida, descrita como um estimulante derivado da anfetamina.

De acordo com responsáveis da Federação Italiana, o caso foi entregue ao Comité Disci-

plinar da organização. Os actuais regulamentos do futebol italiano (adoptados em 5 de Outubro passado) prevêem uma suspensão de dois anos para a 1.ª infracção de «doping» e a irradiação para os reincidentes. No entanto, os regulamentos que estavam em vigor na altura da infracção (23 de Setembro) estabelecem um castigo mínimo de quatro jogos de suspensão e multas que vão dos 40 milhões de liras (5 mil contos) até 400 milhões de liras.

Em declarações à agência noticiosa italiana, a Peruzzi negou as acusações de uso de

«doping» afirmando: «é absurdo, ridículo. Nunca tomei nada do género e nem sequer ouvi falar de tal.»

Ambos os jogadores cumprem a sua 1.ª época no Roma: Carnevale transferiu-se do Nápoles, enquanto Peruzzi integra a formação da capital italiana, após ter militado no Verona.

«Doping» também no Chile

O futebolista brasileiro Ned Barbosa, que actua no Deportivo Ovalle, da 2.ª divisão chilena, foi suspenso por três me-

ses devido a resultado positivo na análise «antidoping». Barbosa, um veterano avançado que deambulou por vários países latino-americanos, efectuava o 1.º encontro pela sua equipa, numa partida do campeonato secundário em que o Ovalle foi vencido (2-1) pelo Audax Italiano.

As análises «antidoping» determinaram a existência de anfetaminas no sangue do atleta, tendo o dirigente do futebol chileno, Pedro Jorquera, afirmado que o castigo aplicado ao jogador foi efectuada depois de análise contraprova. Acrescentou que Barbosa reconheceu

ter ingerido durante três semanas um produto para emagrecer e chamou a atenção de todos os atletas para que não tomassem qualquer tipo de medicamento sem consultar o médico. Jorquera salientou que, ao automedicar-se, é fácil um desportista consumir qualquer substância proibida e cair, na alçada da lei.

Barbosa, jogou anteriormente nas equipas chilenas do Santiago Morning, Rangers e Deportivo Temuco, tendo militado também em clubes do equador e El Salvador: é o 1.º futebolista castigado este ano no Chile por «doping».

Sorteio uefeiro foi amiguinho

Triunvirato europeu tem portas para o Sol (2)

Na antiga selecção romena estavam, de pedra e cal, dez atletas do Dínamo e todos foram embora, seguindo as pisadas do técnico Mircea Lucescu, que está agora na chefia dos italianos de Pisa. «Estrelas» da qualidade de Sabau (agora no Tenerife), Andone (Elche), Raduciu (Bari), Lupu Panathianaios, Klein (Bayer Uerdingem), Vaiscovic (nos turcos do Bursaspor) ou Lupescu (no Leverkusen) fugiram a sete pés, enquanto Mateut já acertou tudo para uma mudança até Saragoça. Sob a batuta de Georgeh Multescu, ficaram poucos talentos comprovados: o guarda-redes Stelea, o lateral Rednic e o médio Timofte, agora enquadrando um aglomerado de jovens ainda em passo hesitante. O saldo sobre os fracos irlandeses do Saint Patrick pouco representa: daí que todo o favoritismo, a cotação máxima em matéria de apostas beneficia (muito logicamente) um Porto recheado de trunfos e com muitos ases na manga, pese embora o quase incrível desaire caseiro perante a rija rapaziada do madeirense Nacional.

Na Taça das Taças, também a sorte parece ter tocado na estrelinha do Amadora, uma vez que o Futebol Clube de Liège, último cotado no campeonato belga, ainda vai ter contra os seus propósitos a força tremenda da alegria dos nossos muitos ompatriotas que, uma vez mais, estarão incentivando o clube da nossa terra, bem desejando que o «onze» de Manuel Fernandes consiga, a 15 de Maio, compa-



Manuel Fernandes: ele já viu quem os espera

recer em Bari com a veste de finalista taceiro. Também entre esta amostra de «diabos vermelhos» a fuga de bons executantes foi um facto: o guarda-redes Stojic está agora no Charleroi e a substituição pelo veterano Munaron não tem sido muito festejada localmente. Quaranta (o antigo «capitão»), defesa esquerdo de boa bitola, mudou-se com as bagagens e mobílias para o Antuérpia e o estratega Veyt (agora no La Gantoise) não tem sucessão plena em Nijssens, embora o jugoslavo Milosevic (contratado em desespero de causa) tente dar uma

mãozinha a outra contratação de luxo (o australiano Krncevic, goleador que tem andado com a pontaria enfiada no tinteiro). Outro compatriota (Varga) está lesionado num joelho e o substituto (Malbasa) vai dando nas vistas mas não tem estaleca para tomar sobre os ombros qualquer tarefa digna de Hércules.

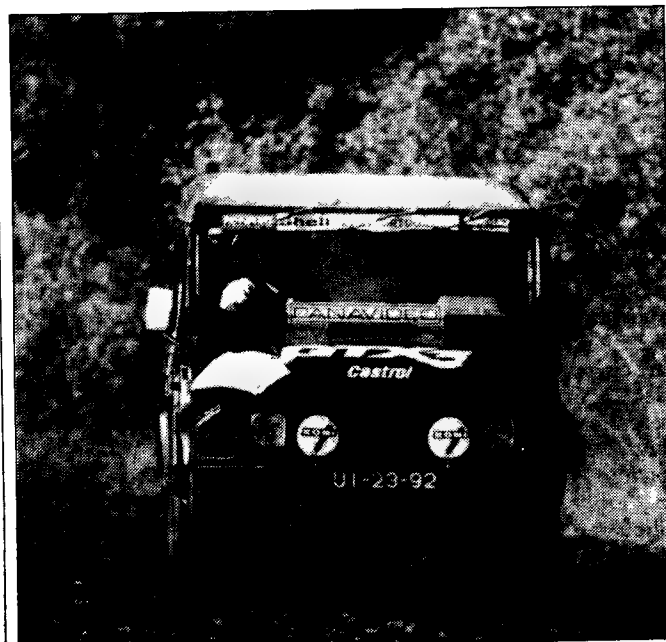
O Liège procura, contra o dispendio de grandes somas financeiras, remodelar o «plantel»; recrutou De Sart e os centro-campistas Boffin e Houben, mas o técnico Waseige está como a maioria dos adeptos da equipa: este Liège está ainda muito permeável e, se Manuel Fernandes tiver sorte na recolha que conseguir na Bélgica, o duelo na Amadora já tem sinal bem português no «placard».

E temos o Sporting, a quem toca imediatamente atender o Politechnia de Timisoara, a cidade-mártir dos últimos dias de Ceausescu. É inédito qualquer confronto lusitano com esta equipa que Costica Radulescu procura trazer para a salvação na peneira, lutando embora com a falta de talentos que está bem patente no facto de nem um só dos seus jogadores ter tido a honra de estar incluído nas duas melhores seleções romenas do momento presente, ainda que disponha de um trio de razoáveis artistas (o líbero Craciun, o defesa direito Varga e o extremo Chinna). Fundado em 1921, o clube já teve três designações diferentes: SCU Timisoara, o Stinta, e, modernamente, o nome que vai transportar até

um Alvalade onde os «leões» (que deixaram de ser esguios lagartinho para se transformarem em reis da selva) parecem apostados em ganhar boa comodidade para a passeata até Leste.

O facto do Timisoara ter eliminado o Atlético de Madrid de pouco vale, pois o emblema de Futre e de Gil y Gil está neste final de 90 com a borda muito debaixo de água. E, se o conjunto visitante nunca ganhou um campeonato do seu país e somente embolsou duas Taças da Roménia, não podemos esquecer que, das duas vezes em que vistámos aquelas paragens, sempre notámos na plateia um contagiante fervor que quase leva a credenciar o público como o melhor jogador dos «teams» romenos. Porém, em Alvalade (e muito consistentemente) vai mandar o exército de Marinho Peres: Fernando Gomes (autêntico bibota de ouro e nunca um atirador forjado em bastidores com golos-fantasma, como aconteceu com Camataru) vai tornar a prolongar a sua epopeia em gestas europeias. Ele e a sua jovem «entourage» merecem o mais categórico aceno de esperança: e, novamente, o presidente Sousa Cintra vai gritar aos quatro ventos que mora no Lumiar uma das grandes e mais apuradas «esquadrinhas» do momentâneo futebol europeu. Enfim: o outro componente do triunvirato em que jogamos, dobrado contra singelo, nesta arrancada do belo futebol que tanto amamos.

Neves de Sousa



Francisco Esperto e João Pedro Guimarães: os vencedores

Autobilismo: «Shell TransPortugal»

Decisão sobre o risco

Foi preciso esperar pela derradeira etapa para se conhecerem os vencedores do 5.º Shell TransPortugal, mantendo uma curiosa tradição que se tem vivido ano após ano, nesta competição de todo-o-terreno.

Na verdade, apesar do percurso se ter desenrolado ao longo de mais de 1800 quilómetros, cumpridos durante oito dias, o sucesso de João Pedro Guimarães (Aprilia), em motos, e de Francisco Esperto/Alexandre Borga (UMM Alter Turbo) em jipes, somente se confirmou depois da última prova especial de navegação, precisamente a classificativa da etapa de encerramento, onde ambos conseguiram colocar-se entre os pilotos que não averbaram qualquer penalização.

Classificação final

Automóveis: 1.º Francisco Esperto/Alexandre Borga (UMM), 893 pontos; 2.º Carlos Rolla/Nuno Silva (Toyota), 1430; 3.º Pedro Barreiros/Nuno Barreiros (UMM), 1630; 4.º Pedro Cristina/Alberto Brito (Toyota), 2021; 5.º Manuel Prata/Alino Carvalho (Nissan), 2113 e 6.º Carlos Sousa/A. Telles Fortes (UMM), 2475.

Motos: 1.º João Pedro Guimarães (Aprilia), 1037 pontos; 2.º José Mendonça (Honda), 2785; 3.º Miguel Salgado Nunes (Honda), 3305; 4.º João Rosa (Kawasaki), 3425; 5.º Pedro Barradas (Honda),

3631 e 6.º Pedro Hogan (Yamaha) 3645.

Classificação actual do Troféu UMM (após 5 provas): 1.º Alberto Gonçalves, 256 pontos; 2.º Carlos Sousa, 230; 3.º Francisco Esperto, 205; 4.º Rui Viana, 153; 5.º Pedro Barreiros, 130 e 6.º Álvaro Castro Santos, 125.

Troféu «Renault» para Mário Silva

Liderando da primeira à derradeira volta, Albuquerque de Carvalho encerrou da melhor forma a sua participação do Troféu Renault conseguindo um triunfo que lhe assegurou a quarta posição final.

Nesta prova, José Carlos Macedo foi 2.º enquanto Mário Silva obteve a 3.ª posição que lhe garantiu a vitória nesta edição do Troféu.

Classificação final: 1.º Mário Silva, 94 pontos; 2.º José Carlos Macedo, 76; 3.º Hermanno Sobral, 69; 4.º Albuquerque de Carvalho, 64; 5.º Parada Leitão, 42; 6.º Alcides Petiz, 25; 7.º Manuel Santos, 23; 8.º António Onofre, 22; 9.º João Pina Cardoso, 22; 10.º Vasco Campos, 20; 11.º Pedro Lacerda, 19; 12.º Vítor Costa, 18; 13.º Carlos Inácio, 9; 14.º Luís Macedo, 7; 15.º Carlos Mera, 6; 16.º João Pedro Estrela, 5; 17.º Rui Costa, 4; 18.º Hermínio Alves, 3; 19.º António Baptista, 3 e 20.º Fernando Santos, 1.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PRAIA DA VITÓRIA

ANÚNCIO

No próximo dia vinte e dois de Novembro pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de Carta Precatória n.º 33/90, vinda do Tribunal Judicial de Angra do Heroísmo e extraída dos autos de Execução Sumária n.º 127/86 daquele Tribunal — 1.ª sec. — 1.º Juízo em que é exequente Pedro dos Santos Oliveira e executados Rosa Ângela Silveira Andrade Borges, Comerciante com estabelecimento na Rua do Cruzeiro — Praia da Vitória, hão-de ser postos em praça para serem arrematados pela primeira vez ao maior lance oferecido acima do valor indicado os seguintes bens pertença daquela executada:

Cento e trinta e um pares de sapatos de diversas cores, feitos e marcas em razoável estado de conservação. Vão à praça pelo valor de 120 774\$00, (cento e vinte mil setecentos e setenta e quatro escudos).

Praia da Vitória, vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e noventa.

A Julz de Direito
Octávia de Sousa Machadinho
Viegas

O Escrivão de Direito
Adolfo Manuel Rodrigues
«DL» — 2.ª Pub. — 9/10/90



COMUNA TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA

SALA 1

TERÇA A SÁBADO — 21.30 • DOMINGO 17H

2.º MÊS
O ESTRANGEIRO EM CASA

TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO

M/12

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

M/16

«... brilhantes interpretações.»
— O JORNAL
«... excelente encenação.»
— A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.»
— O EXPRESSO

«... verdadeira fruição teatral.»
— O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.»
— A CAPITAL

APOIOS: F. GUILBENKIAN • REMÉDIUS MUSC

CINE FOTO AVIZ • CABELLEIREIRO

SUBSIDIO S.E.C.

MARCAÇÕES T. 726 0818

CITY PUBLICO

DESPORTO

Ténis de mesa: Casapianos dominadores

A equipa da Casa Pia dominou o 2.º Torneio de Ténis de Mesa da Junta de Freguesia de Santa Maria dos Olivais (Lisboa), alcançando três títulos colectivos nos escalões de seniores e juniores masculinos e femininos. Paulo Fernandes (Sporting) foi o 1.º no escalão de seniores da prova, em que participaram cerca de 400 atletas. Na classe de juniores masculinos a vitória foi para Hugo Matos (Arrodense) enquanto Odete Cardoso (Sporting) e Carina Real (Casa Pia) triunfaram nos escalões seniores e juniores femininos, respectivamente. O Benfica, que

venceu colectivamente em juniores masculinos, esteve ausente na competição de seniores pelo facto dos seus atletas se encontrarem presentemente na Bélgica, onde participam na Taça Nancy Ivens.

Classificação final dos seniores masculinos: 1.º Paulo Fernandes (Sporting); 2.º José Barroso (Casa Pia); 3.º Luís Proença (Estrela da Amadora); e 4.º Luís Dias (Estrela da Amadora). Femininos: 1.ª Odete Cardoso (Sporting); 2.ª Mónica Salgado (Casa Pia); 3.ª Maria Alexandra (Casa Pia); e 4.ª Margarida Lopes (Sporting).

Ciclismo: Sicasal no pódio nacional

O ciclista Paulo Ernesto (Bom Petisco/Tavira) foi o mais veloz dos Campeonatos Nacionais de Pista, disputados no Estádio do Ginásio de Tavira, repetindo o êxito do ano passado. Na prova de perseguição foi vencedor Joaquim Andrade (Sicasal/Acril)

e no critério o melhor foi Rui Vitória, da mesma equipa.

Colectivamente, a Sicasal/Acril tornou-se campeã nacional de perseguição, seguindo-se as formações do Bom Petisco/Tavira e da Ruquita/Philips/Feirense.

Golfe: «Ranking» e receitas

O galês Ian Woosnam regressou ao 1.º lugar da Ordem de Mérito da Associação Europeia dos Profissionais de Golfe (PGA), com uma receita de 478 668 libras (123 mil contos), depois do 2.º lugar no «masters» da Alemanha. Woosnam, que está quase a atingir os dois milhões de libras em receitas oficiais como profissional de golfe, ultrapassou Mark McNulty (Zimbabwe), que é agora 2.º com 425 413 libras. O espanhol José Olazabal continua em 3.º (376 803 libras) seguido de Ronan Rafferty, da Irlanda do Norte (282 623 libras).

Entretanto no «ranking» mundial, divulgado hoje em Londres pelo Royal and Ancient Golf Club de St. Andrews, o inglês Nick Faldo continua destacado no 1.º lugar (com 19,32 pontos) seguido do australiano Greg Norman (18,880 e de José Maria Olazabal (16,48). Woosnam manteve o 4.º posto (15,55 pontos), seguido dos norte-americanos Payne Stewart (13,00), Paul Azinger (11,67), Tom Kite (10,90), Mark Calcavecchia (10,69) e do espanhol Severiano Ballesteros (10,55).

Médicos em Tróia

Os amadores Francisco Chalaça (em «net» e Almerindo

do Sequeira (em «gross») foram os vencedores do «Open Becel» em golfe, disputado em Tróia por 160 concorrentes portugueses e estrangeiros. O torneio, organizado pelo Clube de Golfe Médico com o apoio do Instituto de Alimentação Becel, decorreu durante dois dias no campo de Tróia, reunindo amadores de todo o país e médicos de Portugal, Grã-Bretanha, Holanda, Espanha e França.

Na modalidade de «medal» (que teve 40 concorrentes) Francisco Chalaça (ABP) foi o vencedor na categoria «net» (com abono), ao concluir as duas voltas com 149 pancadas, seguido de Almerindo Sequeira (Vilamoura) com 153 e Vasco Espírito Santo (Tróia) com 155.

Na categoria de «gross» (absoluta) o vencedor foi Almerindo Sequeira com 161 pancadas (17 acima do par), seguido de António Sobrinho (Vilamoura) com 163 e Leon Stanford (Tróia) também com 163.

Simultaneamente decorreu um torneio na modalidade de «stableford», em duas voltas e destinado aos jogadores de mais alto «handicap». O vencedor foi Amadeu Cardoso, seguido de Ana Lúcia Campos (ambos com 58 pontos) e José Pereira Coelho (54).

Começou com um empate

Karpov-Kasparov: espectáculo em 24 actos e dois personagens

O «match» da final do Campeonato do Mundo de Xadrez iniciou-se ontem à noite em Nova Iorque, entre os grandes mestres soviéticos Anatoly Karpov (o candidato, a jogar com as peças brancas) e o detentor do título, Garry Kasparov. Karpov (tal como era esperado) fez a abertura convencional, movendo o peão da rainha duas casas.

É a 1.ª das 24 partidas que constituem a final do Mundial de Xadrez, disputada mais uma vez entre os dois especialistas soviéticos. Os 12 primeiros jogos serão disputados em Nova Iorque (EUA) enquanto os restantes estão programados para Lyon (França) se, entretanto, nenhum dos jogadores alcançar seis vitórias.

Garry Kasparov, apoiando a face numa das mãos e com os olhos semicerrados, iniciou a defesa do seu 3.º título com uma série de lances arrojados, raramente vistos em jogos do Campeonato do Mundo. Por seu turno, Anatoly Karpov efectuou rapidamente o seu 1.º lance, sem pausas e, logo após ambos os xadrezistas terem apertado as mãos e tomado o seu lugar em cadeiras negras, que ladeavam uma mesa preta sobre um fundo da mesma cor, no Teatro Hudson, situado no bairro da Broadway. Registo dos primeiros lances:

Karpov (brancas)	Kasparov (negras)
1.º D4/P-Q4	NF6/N-KB3
2.º C4/P-QB4	G6/P-KN3
3.º NC3/N-QB3	BG7/B-N2
4.º E4/P-K4	D6/P-Q3
5.º F3/PB3	0-0/0-0
6.º BE3/B-K3	C6/P-B3
7.º BD3/B-Q3	A6/P-QR3
8.º NGE2/KN-K2	B5/P-QN4
9.º 0-0/0-0	NBD7/QN-Q2
10.º RC1/R-B1	E5/P-K4
11.º A3/P-QR3	EXD4/KPXP
12.º NXD4/NQXP	BB7/B-N2
13.º CXB5/PXP	CXB5/BPXP
14.º RE1/R-K1	NE5/N-K4
15.º BF1/B-B1	RE8/R-K1
16.º BF2/B-B2	D5/P-Q4
17.º EXD5/PXP	QXD5/NXQP
18.º NXD5/NXN	NXD5/QXN

19.º A4/P-QR4
20.º RA1/R-R1
21.º AXB5/PXP
22.º RXA8/RXR
23.º QB3/Q-N3
24.º BD3/B-Q3
25.º QXD5/QXQ
26.º NXB5/NXP
27.º BXB5/BXN
28.º B4/P-QN4
29.º RD1/R-Q1
30.º RB1/R-N1

BH6/B-R3
NC4/N-B5
ACB5/PXP
RXA8/RXR
BC6/B-B3
ND6/N-Q3
BXD5/BXQ
NXB5/NXN
BG7/B-KN2
BC3/B-B6
BB3/B-N6
BA2/B-R7

Resultado: empate.

Opositores, não apenas na frente desportiva (Kasparov é adepto da improvisação e do jogo ofensivo, enquanto Karpov privilegia a estratégia programada) Kasparov e Karpov também politicamente assumem posições bastante divergentes. Caso se registre uma igualdade no duelo, Kasparov manterá o título.

Tal com em anteriores ocasiões, o acontecimento encontra-se envolvido em uma forte componente política, sendo conhecida a posição de apoio de Kasparov relativamente à «perestroika», que mais tarde criticou com posições radicais, inclusive a fundação de um partido político de oposição, renunciando mesmo à bandeira soviética.

Kasparov (27 anos) aprecia bastante o futebol e mantém uma excelente condição física, ao contrário do seu rival (Karpov, 39 anos) que, todavia, ganha no domínio técnico, fruto de uma maior seriedade.

Karpov, que não renunciou à sua condição de membro do Partido Comunista Soviético, não esconde os seus dois amores: o comunismo e o xadrez.

Um dos aspectos mais importantes deste acontecimento ligase ao factor económico, sendo vários os milhões de dólares em jogo, aliás reconhecidos pelos organizadores do confronto, cabendo ao vencedor 1,7 milhões de dólares (cerca de 240 mil contos) e ao vencido 1,3 milhões (180 mil contos). A este respeito, Garry Kasparov já declarou pretender investir o dinheiro em projectos políticos e comerciais, enquanto Karpov projecta ajudar os soviéticos vítimas do acidente nuclear de Chernobyl e, simultaneamente, colaborar na promoção de escolas de xadrez.

Graff e Edberg: os 1.ºs do ténis

A alemã Steffi Graff e a norte-americana Martina Navratilova continuam a ocupar, respectivamente, os dois 1.ºs lugares da classificação mundial do ténis feminino, conforme a relação publicada em Miami pela associação mundial da modalidade. Steffi Graff lidera também a classificação da totalidade dos prémios pecuniários recebidos ao longo da temporada e a do circuito feminino, em ambos os casos seguida de Navratilova.

As dez primeiras do «ranking» mundial são, segundo aquela entidade, as seguintes: 1.ª, Steffi Graff (Alemanha); 2.ª, Martina Navratilova (EUA); 3.ª, Mónica Seles (Jugoslávia); 4.ª, Gabriela Sabatini (Argentina); 5.ª, Mary Joe Fernandez (EUA); 6.ª, Arantxa Sanchez Vicario (Espanha); 7.ª, Katerina Maleeva (Bulgária); 8.ª, Zina Garrison (EUA); 9.ª, Manuela Maleeva (Suíça); e 10.ª, Conchita Martinez (Espanha).

Classificação das cinco primeiras do circuito feminino: 1.ª, Steffi Graff, 4360 pontos; 2.ª, Martina Navratilova, 3360; 3.ª, Mónica Seles, 3323; 4.ª, Gabriela Sabatini, 2335; e 5.ª, Zina Garrison, 2097.

Classificação das cinco primeiras por prémios pecuniários: 1.ª, Steffi Graff, 1 044 070 dólares (cerca de 147 000 contos); 2.ª, Martina Navratilova, 1 041 380; 3.ª, Mónica Seles, 885 924; 4.ª, Gabriela Sabatini, 648 533; e 5.ª, Jana Novotna, 513 482.

Por seu lado, o alemão Boris Becker reforçou o 2.º lugar do «ranking» mundial da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) ao ganhar o Torneio de Sydney, mantendo-se o sueco Stefan Edberg como

número um. Nuno Marques é o número 121 e Cunha e Silva é o número 131 na lista mundial hoje divulgada. Os 20 primeiros do «ranking» mundial são os seguintes: 1.º, Stefan Edberg (Suécia); 2.º, Boris Becker (Alemanha); 3.º, Ivan Lendl (Checoslováquia); 4.º, André Agassi (EUA); 5.º, Pete Sampras (EUA); 6.º, Andrés Gomez (Ecuador); 7.º, Thomas Muster (Áustria); 8.º, Emilio Sanchez (Espanha); 9.º, John McEnroe (EUA); 10.º, Brad Gilbert (EUA); 11.º, Goran Ivanisevic (Jugoslávia); 12.º, Andrei Chesnokov (URSS); 13.º, Aaron Krickstein (EUA); 14.º, Michael Chang (EUA); 15.º, Guillermo Perez-Roldan (Argentina); 16.º, Guy Forget (França); 17.º, Jonas Svensson (Suécia); 18.º, Jay Berger (EUA); 19.º, Juan Aguilera (Espanha); e 20.º, Martin Jaite (Argentina).

Realizaram-se nos «courts» de ténis de Vidago e Pedras Salgadas, as provas de qualificação do I Open Ténis Soviético tendo ficado apurados os seguintes participantes: Gonçalo Magalhães, Morais Duarte, Gonçalo Cavalheiro e André Luso.

A final deste Open terá lugar em Vidago, no próximo domingo, pelas 14 horas e estarão presentes (entre outros) os seguintes tenistas: Paulo Coelho, Alberto Miguel, João Couto e Paulo Machado, respectivamente 3.º, 5.º, 9.º e 11.º do ranking nacional. Em senhoras destacam-se as intervenções de Elizabeth Coelho e Sónia Andrade respectivamente 4.ª e 11.ª do nosso «ranking».

Por cá

Realizaram-se nos «courts» de ténis de Vidago e Pedras Salgadas, as provas de qualificação do I Open Ténis Soviético tendo ficado apurados os seguintes participantes: Gonçalo Magalhães, Morais Duarte, Gonçalo Cavalheiro e André Luso.

A final deste Open terá lugar em Vidago, no próximo domingo, pelas 14 horas e estarão presentes (entre outros) os seguintes tenistas: Paulo Coelho, Alberto Miguel, João Couto e Paulo Machado, respectivamente 3.º, 5.º, 9.º e 11.º do ranking nacional. Em senhoras destacam-se as intervenções de Elizabeth Coelho e Sónia Andrade respectivamente 4.ª e 11.ª do nosso «ranking».

para gerir o município
com a participação
da população...

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

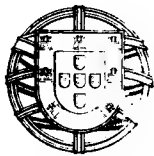
plm

plano director municipal
VILA FRANCA DE XIRA

uma escolha para o futuro!

AGENDA

I Série N.º 233
Dia 9 de Outubro
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no actual orçamento do Ministério da Defesa Nacional no montante de 424 393 contos.

Ministério das Finanças

Declaração:

De ter sido autorizada a abertura de créditos especiais no orçamento de vários ministérios no montante de 17 653 124 contos.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério do Planeamento e da Administração do Território para o ano de 1990 no montante de 83 610 contos.

Ministério da Justiça

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 45 863 contos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 954/90:

Sujeita ao regime especial as propriedades denominadas «Herdade da Bastarda», «Herdade da Paiva e Mouços», «Herdade da Capela», «Herdade de Ronqueira» e «Herdade da Nave do Grou», situadas na freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches.

Portaria n.º 955/90:

Cria a Zona de Caça Social da Serra da Nogueira, situada nas freguesias de Carracedo, Gostei, Mós, Nogueira, Rebordãos, Rebordainhos, Santa Comba de Rossas, Sortes e Zoio, concelho de Bragança, Celas, concelho de Vinhais, e Soutelo de Mourisco, concelho de Macedo de Cavaleiros.

Portaria n.º 956/90:

Sujeita ao regime especial as propriedades denominadas «Herdade do Aguilhão» e «Aguilhão», situadas na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, e «Herdade do Roncão», situada na freguesia de Capelins (Santo António), concelho do Alandroal.

Portaria n.º 957/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade do Monte do Outeiro», situada na freguesia e concelho de Ponte de Sor.

Portaria n.º 958/90:

Sujeita ao regime especial as propriedades denominadas «Herdade do Rabo do Toureiro», situada na freguesia e concelho de Barrancos, «Herdade das Tezas» e «Herdade da Coitada e Outras», situadas na freguesia de Safara, e «Herdade das Tezas e Malhadas do Judeu», situadas na freguesia de Santo Aleixo da Restauração, ambas as freguesias situadas no concelho de Moura.

Portaria n.º 959/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Vale Rodrigo» e «Mantinho de Corta Braço», situadas na freguesia de Nossa Senhora da Tourega, concelho de Évora.

Portaria n.º 960/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Sagolga», «Herdade Vale de Ruana», «Herdade de Brejoso de Cima» e «Herdade de Brejoso de Baixo», situadas na freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor.

Portaria n.º 961/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas Herdade da Ferrenha e Outras, situadas na freguesia de Santa Susana, concelho de Alcácer do Sal, e «Herdade do Corte da Velha de Baixo e Outras», situadas na freguesia de Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo.

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 962/90:

Aprova o Regulamento Geral do Controlo Metrológico. Revoga a Portaria n.º 924/83, de 11 de Outubro.

Portaria n.º 963/90:

Aprova o Regulamento do Controlo Metrológico de Manómetros para Pneumáticos de Veículos Automóveis.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu geralmente limpo. Vento de Leste fraco a moderado. Pequena subida da temperatura. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente limpo. Vento de Nordeste em geral fraco. Céu pouco nublado ou limpo.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco no interior e fraco a moderado de Noroeste no litoral Oeste. Nevoeiros matinais, especialmente no litoral.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste fraco a moderado. Mar de pequena vaga com ondulação norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu pouco nublado e vento fraco.

Amanhã

Céu pouco nublado. Vento de Norte fraco a moderado.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado. Vento de Nordeste fraco a moderado.

AÇORES

Todo o arquipélago: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Sueste moderado. Possibilidade de aguaceiros. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã

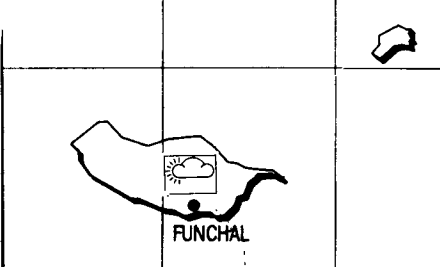
Céu geralmente pouco nublado nos grupos Oriental e Central. Vento fraco a moderado de Leste, com períodos de muito nublado e vento moderado de Sueste no Grupo Ocidental, onde poderão ocorrer aguaceiros fracos.

Depois de amanhã

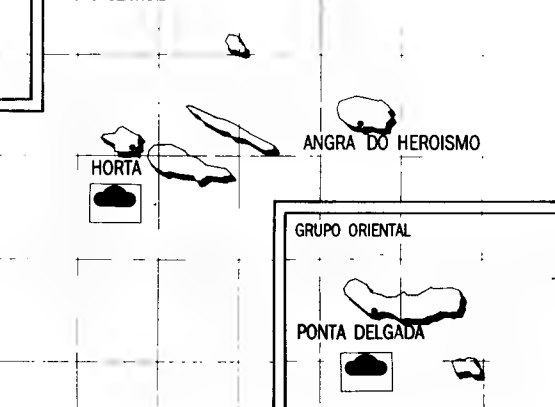
Céu muito nublado com vento moderado de Sul no Grupo Ocidental. Períodos de muito nublado com vento geralmente

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

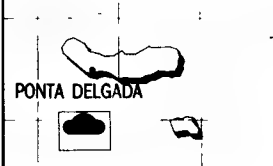
MADEIRA



GRUPO OCIDENTAL

AÇORES
GRUPO CENTRAL

GRUPO ORIENTAL



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

M A R É S

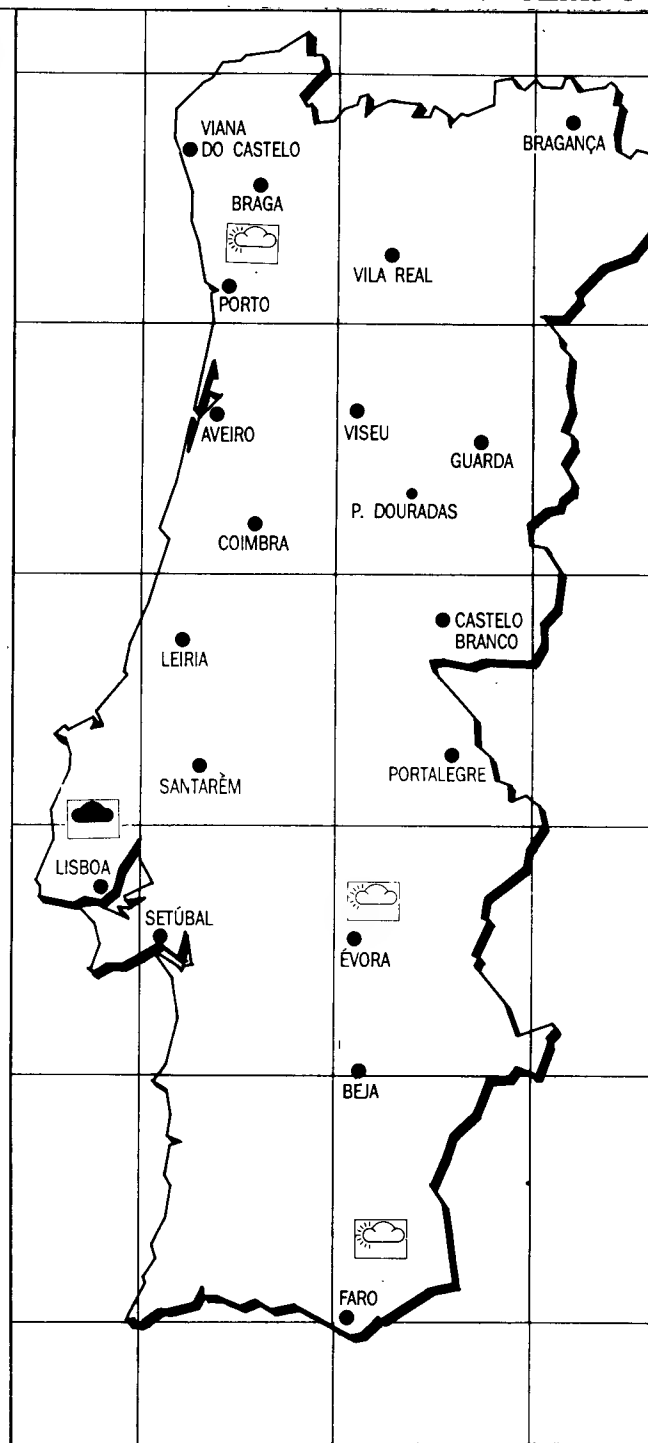
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.03 3,6m	11.52 0,9m
18.37 3,4m	

Amanhã

07.00 3,4m	00.11 1,2m	
19.44 3,1m	12.58 1,2m	

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	4	4	Limpo
V. Castelo.....	9	9	Limpo
Vila Real.....	7	7	Limpo
Porto.....	11	13	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	12	12	Limpo
C. Carvoeiro.....	13	13	Limpo
C. Branco.....	10	10	P. nub.
Portalegre.....	10	10	Limpo
Lisboa.....	13	13	Limpo
Évora.....	10	10	Limpo
Beja.....	10	10	Limpo
Sines.....	11	11	Limpo
Faro.....	11	12	Limpo
Sagres.....	14	14	Limpo
P. Delgada.....	17	17	M. nub.
Horta.....	18	19	M. nub.
Funchal.....	18	19	M. nub.

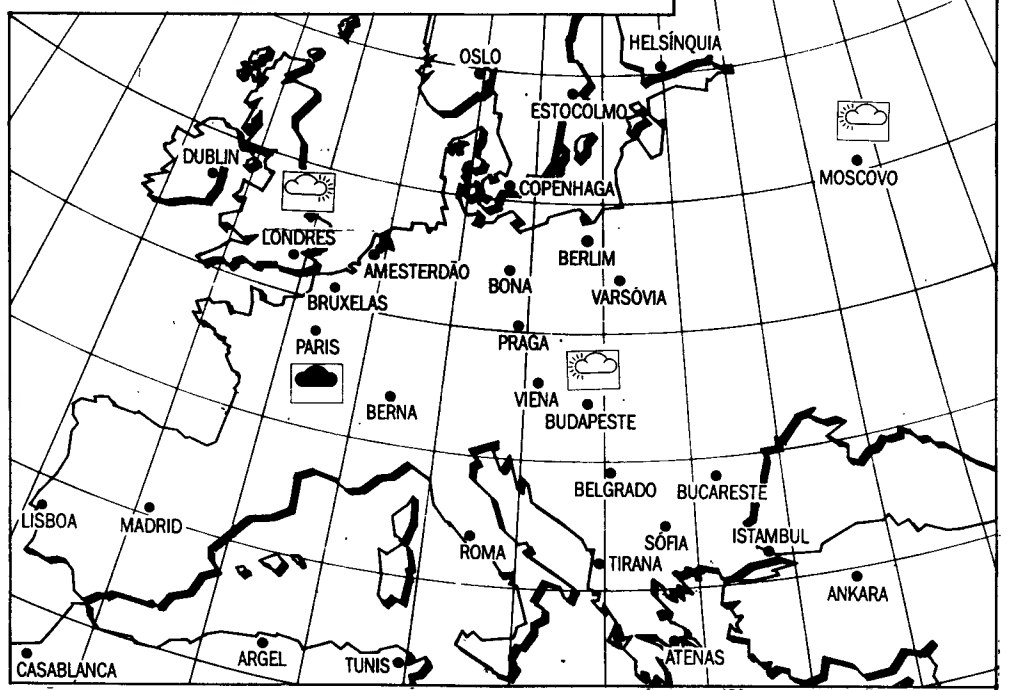
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 24; Porto, 23; Faro, 25; P. Delgada, 23; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	3	3	Limpo
Londres.....	6	7	M. nub.
Paris.....	3	3	Nevoeiro
Bruxelas.....	5	5	P. nub.
Amsterdão.....	6	8	Bruma
Ginebra.....	7	8	M. nub.
Roma.....	17	17	Neblina
Oslo.....	10	10	M. nub.
Copenhaga.....	11	11	Chuva
Estocolmo.....	6	7	Chuva
Berlim.....	7	8	M. nub.
Viena.....	8	8	Limpo
Varsóvia.....	5	5	Nevoeiro
Atenas.....	-	-	-
Moscovo.....	7	7	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	15	18	Chuva
Caracas.....	-	-	-
Hong Kong.....	24	28	Limpo
Joanesburgo.....	12	20	Chuva
Los Angeles.....	18	24	Limpo
Montreal.....	11	16	Nublado
Nova Deli.....	21	34	Limpo
Nova Iorque.....	16	28	Nublado
Rio de Janeiro.....	19	32	Limpo
São Francisco.....	11	25	Limpo
São Paulo.....	17	29	Limpo
Tóquio.....	16	22	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Arco Cego - Estefânia: Palma, Av. Duque D'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma**: Avis, Av. Roma, 56, B-C, Tel. 895370; **Campolide** - Sete Rios: Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Infante Santo**: Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B, Tel. 666971; **Lumiar**: Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq., Tel. 7588727; **Luz** - Fr. Meninos da Luz: Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul**: Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388 - Cruz, com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços**: Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha Franca** - Bairro Colónias: Higienista, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira**: Mar-luz, Calçada da Picheleira, 140 B-C - Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santa Apolónia** - Cam. Ferro: Pereira, Suc., Rua Paraíso, 98 - Stª Clara-Hosp. Marinha, Tel. 863224; **Tivoli**: Morais Sarmiento, Rua Santa Marta, 16-A-B, Tel. 546490; **Brandosa** - Amadora: Correia, Urb. Alfor-nel - Cel. G - Lote 137, Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide**: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas**: Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Pontinha**: Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453; **Portela**: Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alto Santo Amaro: Santo

Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade**: Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 882368; **Avenidas Novas**: Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul**: Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 54400; **Baixa**: Barral, Rua Augusta, 225, Tel. 3461534; **Benfica** - Atrás do «Califa»: Rebocho, Rua Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Campo de Ourique**: Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Chelas** - Colégio Valsassina: Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lote 221 - Loja 133 Zona 1 - Chelas, Tel. 8593720; **F. Luminosa** - Al. Af. Henriques: Paes, Rua Abade Faria, 22-A, Tel. 883965; **Rato**: São Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B, Tel. 660280; **Santos**: Fontoura Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12, Tel. 662075; **Buraca** - Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto**: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha**: Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires**: Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c. (Tel. 2441616). Até às 22 h; **Alcabideche**: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo**: Ferreira Basto, R. D.

Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos**: Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana**: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra**: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos**: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 4432024. Até às 22 h; **Nova Oeiras**: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede**: Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. Pedro do Estoril**: S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros**: Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre**: Imani, Lote 7-B-Hera, Tel. 2852121; **Madorna**: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira**: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril**: Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais**: Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; **Igreja**: P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; **Damaia**: D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz**: Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente - Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge

Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém**: Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins**: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9212038. Até 22h; **Mercês**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22h; **Rinchoa**: Cargaleiro Lourenço, Calc. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22h; **Colares**: Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra**: Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures**: Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22h.

OUTRA
BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade**: Louro, R. Alex. Herculanio, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica**: Guerreiro, Lote 31, II, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19h; **Costa da Caparica**: Higienista, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro**: Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; **Sesimbra**: Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19h; **Lavradio**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19h; **Barreiro**: Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Telf. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira**: Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios**: Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19h; **Cruz Pau**: Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Seixal**: Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; **Montijo**: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22h; **Moita**: Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 22 h; **Alhos Vedros**: Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS

Degelo das relações luso-britânicas

A próxima visita a Londres do secretário de Estado da Indústria, a convite do ministro de Estado que superintende no Ministério da Tecnologia e da Indústria do Reino Unido, deverá promover o degelo das relações luso-britânicas, segundo se pensa nos círculos diplomáticos de Lisboa.

La Paz: ultimato a um regimento

O Presidente Torrez, da Bolívia, lançou um ultimato ao coronel Miguel Ayorosa, comandante do regimento «Ingavi», para que abandone a sua atitude de rebelião e deu ordem ao regimento «Colorados» (escolta presidencial) para submeter o regimento «Ingavi», pela força se for necessário.

Faleceu Giono

Faleceu com 75 anos o escritor francês Jean Giono. Nascido na Provença, a paisagem e os habitantes da sua região natal inspiraram muito da sua obra, que exalta a alegria de viver numa natureza selvagem. Principal obra: «Trilogia de Pau».

EFEMÉRIDES
1874

• É fundada, em Genebra, a União Postal Internacional.

1976

• Hua Kuofeng ascende à presidência do Partido Comunista Chinês, substituindo Mao Tse-Tung.

1978

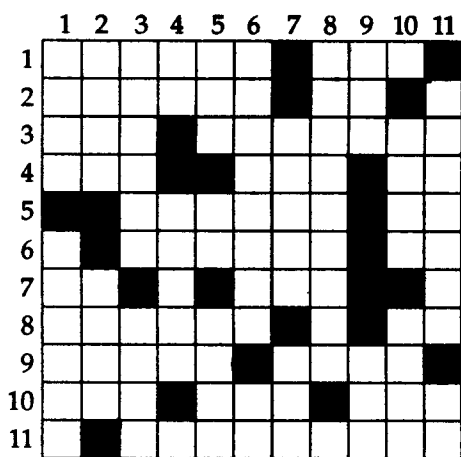
• Em Portugal, inicia-se o julgamento dos assassinos do general Humberto Delgado.
• Morre o poeta, compositor e cantor belga, Jacques Brel.

1985

• Termina, com um morto, o sequestro do paquete italiano «Achille Lauro», quando se renderam os quatro palestinianos que durante 44 horas mantiveram 450 passageiros e tripulantes.
• É inaugurado, no Central Park de Nova Iorque, um monumento em memória de John Lennon: uma lápide de três metros com a inscrição, a preto e branco, «Imagine».

1989

• O Papa João Paulo II chega à Indonésia para uma visita de seis dias, que inclui uma polémica deslocação a Timor-Leste, território sob administração portuguesa ocupado por Forças de Jacarta.
• O Prémio Nobel da Medicina é atribuído aos investigadores norte-americanos J. Michael Bishop e Harold E. Varmus, pela descoberta de uma família de Genes, que controla o crescimento e a divisão das células.

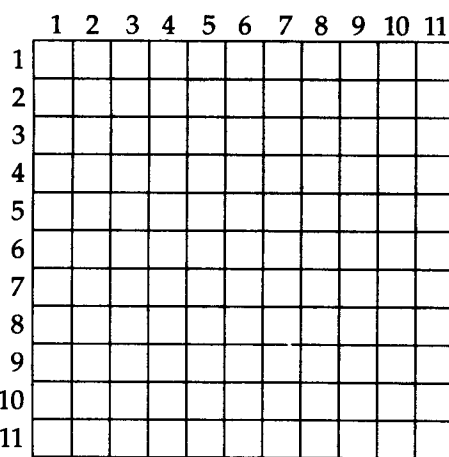
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 18 019
HORIZONTAIS:

- 1 - Pessoa adulta do sexo feminino. Pronome relativo.
- 2 - Arrejava (Bras.). O mesmo que uma (ant. e pop.).
- 3 - Oportunidade. Chupar.
- 4 - Pessoa amada. Género de insectos coleópteros que vivem nos cogumelos boletos. Pronome reflexo.
- 5 - Tumefacção, sobretudo nas axilas e nas virilhas (pl.). Prata (s.q.).
- 6 - Cidade de Angola. Apelido.
- 7 - Reis. 5.ª dinastia chinesa que reinou de 202 a C a 220.
- 8 - Mandrião. Nota musical.
- 9 - Freguesia do concelho de Coimbra. Moeda oriental.
- 10 - Cólera. Nome de letra.
- 11 - Lançariam as sementes.

VERTICAIS:

- 1 - Filho de Loth. Aparelha.
- 2 - Torga. Ir para fora.
- 3 - Freguesia do concelho de Moimenta da Beira. Senhoras.
- 4 - Existe. Jamais.
- 5 - Estava. Gálio (s.q.). Guarnecem de asas.
- 6 - esboço. Germânio (s.q.).
- 7 - Remoque. Designação genérica das plantas herbáceas.
- 8 - Circunscrição do distrito de Cabo Delgado.
- 9 - Título honorífico na Índia. Moeda da Pérsia.
- 10 - Membros de aves. Mal-parecida.
- 11 - Aconselhara. Samário (s.q.).

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo-passeio,
o provérbio nele inscrito.


PROBLEMA N.º 16 829
HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
- 2 - Antiga cidade da Dalmácia. Espécie de gato-bravo.
- 3 - Pompa. Sombrios.
- 4 - Larva das feridas dos animais. Vara de porcos (Prov.).
- 5 - A moral. Deusa dos mares também chamada Leucótea.
- 6 - Referente ao nariz. Centiare.
- 7 - Grego. Sinal (ant.). Figura que simboliza o povo americano.
- 8 - Prefixo que designa ar. Sentia prazer.
- 9 - Pescador ma ex-Índia Portuguesa (ant.). Suco narcótico extraído de algumas papoilas.
- 10 - estado de espírito. Filtram.
- 11 - Separarias de outro.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Santo Tirso. Nota musical.
- 2 - Separaremos.
- 3 - Esfolais. Involgar.
- 4 - Peso turco, cerca de um quilo. Cabelos brancos. Óxido de cálcio.
- 5 - Nota musical. Imperador romano.
- 6 - Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Hora canónica que corresponde às quinze horas.
- 7 - Heróicos.
- 8 - Espécie de serpente. Covil.
- 9 - Espécie de andorinha. Batráquios anuros.
- 10 - Grande quantidade. Aldeia de Itália.
- 11 - Unam pelo casamento. Fundador do Islamismo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 018

HORIZONTAIS: 1 - MAIS. VALE. 2 - Tranque. Ido. 3 - Sai. Raros. 4 - Mate. Ocaia. 5 - Uel. Abé. SS. 6 - Bichano. 7 - Melros. 8 - Taio. EC. Tia. 9 - Or. Sono. 10 - Minot. Bate. 11 - Ali-saria. IE.

VERTICAIS: 1 - MTS. UM. TOMA. 2 - Arame. Caril. 3 - Iaia. Ni. 4 - SN. Teimosos. 5 - QUE. Ce. Ota. 6 - Vu. Ahlen. 7 - Aerobarco. 8 - Aceno. Ba. 9 - Eira. Ostia. 10 - DOIS. TE. 11 - Rosas. DAREI.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 828

HORIZONTAIS: 1 - Duende. CC. 2 - Oja. As-soara. 3 - Compadres. 4 - Ocai. Ar. 5 - Asas. Uai! 6 - Escriba. 7 - Coe. Li. 8 - Rua. Novelos. 9 - Soo. Aru. 10 - Ru. Assoma. 11 - Urraca. Osas.

VERTICAIS: 1 - Domo. Cururu. 2 - Ju. Ur. 3 - Eaco. 4 - Ocaso. Ova. 5 - Damas-ceno. 6 - Espiar. Aa. 7 - Sa. Silvas. 8 - Roda. Bié. Só. 9 - Arrua. Laos. 10 - Crê. Forma. 11 - Cassia. Suas.

PROVÉRBIO:
MAIS VALE
UM TOMA QUE
DOIS TE DAREI.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Arlin
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

MY BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 6

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 7

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 8

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 9

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 10

MY BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 11

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 12

DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

ALFA 13

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 14

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

ALFA 15

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

ALFA 16

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 17

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ALFA 18

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

ALFA 19

R. do Loreto, 15 - T. 324194
UM CASO DE GUERRA
Filme de Patrick Duncan
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

ALFA 20

Av. Praia da Vitória, 37
- T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
ARMA MORTÍFERA 2
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
O CADILAC DO AMOR
Filme de Joe Rota
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O MELHOR DE AMBER LYNN
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEBOLSO

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO MICHAEL POWELL
OS INVASORES
Com Anton Walbrook, às 18.30
CORONEL BLIMP
Com Deborah Kerr, às 21.30

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
REGRESSO AO FUTURO - PARTE II
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
Filme de Robert Clouse
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.30 e 21.30

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.30

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45



«E a Morte o Negou», de Flora Gomes

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

R. Martens Ferrão - T. 538743
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
COOKIE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

R. dos Condes, 4 - T. 326283
O REGRESSO DO EXTERMINADOR
De Vincent Dawn
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
PROSTITUTA
Filme porno M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

Centro Com. Alvalade
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
E A MORTE O NEGOU
Filme de Flora Gomes
M/12 anos - Às 14.30, 16.30,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MY BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

Av. da República - T. 730715
GENTE GIRA É OUTRA COISA
M/6 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

Rua António Maria Cardoso - T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
De William Fredkin, às 18.00 e 21.30

Estação do Rossio - T. 371573
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

SINTRA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

ALTO DA BARRIA

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Brayer

CHAPITÔ

R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
CAFÉ TEATRO
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DINÂMICO

RÁDIO JOSÉ

Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISAÇÃO E
ASSALTOS DE MÁSCARAS
Pelo Meia Preta

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha - T. 770969
4ª e 6ª às 21.45, Dom. às 16.00
LOUCOS POR AMOR
De Sam Shepard
5ª e Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00
DESEJOS SOB OS OLHOS
De Eugène O'Neill

TEATRO

MARIA MATOS

Av. Fr. Miguel Contreiras, 52 - T. 897007
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
VÓRTICE
De Noel Coward

TEATRO NACIONAL

D. J. MARIL II

Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

TEATRO INFANTIL

TEATRO DA MALAPOSTA

R. Angola - Olival Basto - Odivelas -
T. 9873299
Às 15.00
A ILHA DO REI SONO
De Norberto de Ávila, pelo
Grupo de Teatro Almeida Garrett

R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00 e Feriados
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

PORTO

CINEMA DO

PORTO

R. Camões, 578 - T. 382131
De 3ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00 e 21.45
PLAY STRINDBERG
Pela Companhia Seiva Trupe

SALA DE

SALA DE

R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e
Castro
Interpretações de Badaró, Maria
Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e
Carlos Areias.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Abrigo.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - O MUNDO
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Segredos de Mimix: «Super Rato»; «Touni e Littelle»; «Os Bicharocos» e «Caderno Diário».
18.15 - RUA SÊSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE (17ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO 77º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - MODELO E DETECTIVE 4º Episódio: Leslie está impedido de sair de casa, devido a uma operação plástica que acabou por desfigurá-lo e causar-lhe grande sofrimento.



«Modelo e Detective», no 1º canal às 21.25

Decide então recorrer aos serviços dos detetives David e Maddie, pois desconfia que o médico agiu propositalmente, dado ter uma ligação amorosa com a sua mulher. No entanto, o médico era, afinal, uma figura indesejável para muita gente, e aparece morto.
22.15 - PRIMEIRA PÁGINA
Tema: A 5ª Coluna de Saddam Hussein - um trabalho produzido pela BBC.
23.20 - ALLÓ, ALLÓ
23.50 - 24 HORAS
00.20 - O TEMPO
00.25 - REMATE

RTP-2

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
16.20 - OS HENDERSON
16.40 - BRINCA BRINCANDO «Crystal Tipps e Allistair» e «Lucas e Filho»
17.30 - ETERNO FEMININO 17º Episódio
18.30 - A IRMÃ KATE

14º Episódio
18.55 - TI-TI-TI 37º Episódio
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: um general do exército americano, ex-agente da CIA conspira para assassinar o chefe de uma delegação comunista chinesa que se desloca a S. Francisco para participar numa feira internacional. Mike Stone vai ter que agir rapidamente para impedir que isso aconteça.
20.45 - DICK TRACY 17º Episódio: Pruneface e Itchy andam a praticar roubos pouco importantes e são surpreendidos por Heap O'Callory.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.55 - CINEMADOIS «Made in U.S.A.» França (1966): aparentemente



No 2º canal às 21.55, «Made in U.S.A.», em Cinemadois

«Made In U.S.A.» parte do caso Ben Barka e evolui dentro da atmosfera do filme policial. Mas se ambos são manipulados a verdade é que o que impera verdadeiramente em «Made In U.S.A.» é o cinema de Godard. A história da rapariga que procura o amante numa teia complexa e desconcertante de interesses, equívocos e imprevistos não passa de um hábil pretexto para Godard fazer a sua sarcástica e heterogênea mensagem política e cultural, plena de referências, citações e ironias, a sua pessoalíssima forma de construir uma narrativa cinematográfica, fragmentada e livremente anárquica, e sobretudo tudo aproveitando para homenagear o cinema, no caso o cinema americano e o policial, num filme dedicado a Nicholas Ray e Samuel Fuller onde as personagens têm os nomes de Richard Widmark, Don Siegel, Mizoguchi e a sua atriz emblemática, Anna Karina. Duração: 87 minutos
23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA
00.05 - O TEMPO

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÊSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.20 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.25 - PRIMEIRA MATINÉE «Cruel Vitória»
16.05 - PONTO POR PONTO
16.55 - O CORPO HUMANO
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÊSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DIREITO DE ANTENA
20.20 - RODA DE FOGO
21.15 - DESENHOS ANIMADOS
21.30 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.15 - LOTAÇÃO ESGOTADA «O Espectáculo vai Começar»
00.05 - 24 HORAS
00.40 - O TEMPO
00.45 - REMATE

PARABÓLICAS ALBA

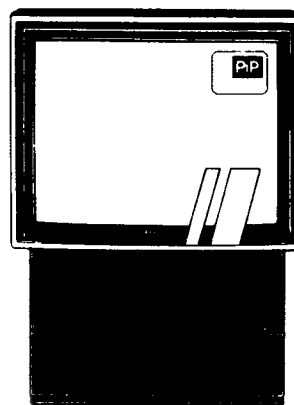
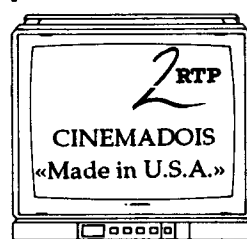
- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

12.02 - OS CENTURIÕES
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - LIVROS JOVENS
13.05 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - AÇORES - GENTE NOSSA
16.50 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - O ETERNO FEMININO
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - NOITE DAS CEM ESTRELAS
23.00 - XINGU
23.45 - O TEMPO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

VEJA BEM E SEJA BEM VISTO

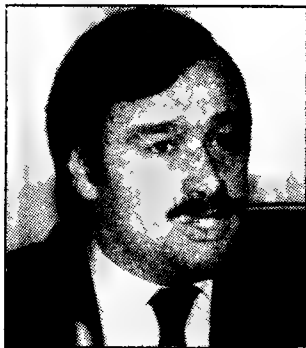
PRP



«Se os portugueses forem capazes de, dentro de algum tempo, contar umas anedotas sobre os alemães, os alemães estão definitivamente adoptados»

Carlos de Almeida Sampaio, «Diário de Notícias», 08.10.90

A PERGUNTA DO DIA



António Guterres
presidente do Grupo
Parlamentar do PS

Quais vão ser os principais temas em discussão nas Jornadas Parlamentares do PS?

«As Jornadas Parlamentares dos PS vão abordar prioritariamente a reforma do Estado. Na perspectiva do PS é essencial descentralizar, desburocratizar e reforçar os direitos dos cidadãos face ao Estado. O PSD prometeu menos Estado e melhor Estado. Cinco anos depois temos um Estado laranja onipotente que abafa a sociedade civil, esmaga os cidadãos e enreda as empresas numa teia burocrática inútil e asfixiante.

Estou certo que as Jornadas Parlamentares do PS serão um contributo válido para romper este círculo vicioso. Vamos dar um novo passo para a criação das regiões administrativas no continente e discutir profundamente a atribuição de mais competências, poderes e recursos financeiros para as autarquias locais. Desta forma nos distinguimos do perfil centralista do actual Governo.

Vamos simultaneamente apresentar uma perspectiva inovadora para a desburocratização. Queremos simplificar a vida das empresas e dar aos cidadãos individuais mais meios de informação e defesa contra o arbítrio e a falta de transparência da Administração.

Vamos ainda e finalmente discutir propostas novas em questões decisivas na relação entre a sociedade e o Estado como seja a Defesa e a Comunicação Social.»

ENTREVISTA

Ana Vale é, desde finais de Setembro, a presidente do novíssimo Lobby Europeu das Mulheres, um organismo que pretende intensificar a luta pelos direitos das mulheres junto das instâncias comunitárias. Ligada há vários anos a estas questões, Ana Vale acredita na eficácia do lobby na luta por uma igualdade que ainda não existe

«Igualdade e discriminação são uma realidade»

D.L. - Em que consiste, exactamente, o Lobby Europeu das Mulheres?

A.V. - O Lobby Europeu das Mulheres é um instrumento de pressão que as organizações de mulheres a nível europeu decidiram constituir para exercer pressão, fundamentalmente, sobre as organizações comunitárias no sentido de proteger os interesses das mulheres. Na sua essência, é um instrumento de pressão.

D.L. - Como surgiu a ideia da sua criação?

A.V. - Esta ideia surgiu num colóquio que se realizou em Londres em 1987 e correspondeu a uma necessidade de encontrar novas formas de os organismos de mulheres se organizarem para exercerem pressão sobre as instâncias comunitárias.

D.L. - Quais os principais campos nos quais pretendem exercer pressão?

A.V. - Em todos os campos. Aquilo que pode ser

desde já, o terceiro programa de acção comunitária a favor da igualdade, que vai ser aprovado no final deste ano.

D.L. - Ainda se justifica a criação de um organismo que luta pela igualdade dos sexos?

A.V. - A igualdade não existe. A desigualdade e a discriminação são uma realidade. Basta olhar, por exemplo, para a composição da própria Comissão das Comunidades, onde apenas existem duas mulheres. Portanto, é necessário encontrar meios que conduzam a que essa igualdade se realize, de facto, na prática.

D.L. - Acredita que um organismo deste tipo vai ajudar a que as mulheres tenham mais voz junto das instâncias comunitárias?

A.V. - Penso que sim, na medida em que vai permitir levar a cabo com mais eficácia campanhas ao nível dos doze estados membros que, se forem bem conduzidas, cer-

de presidente do Lobby Europeu das Mulheres?

A.V. - Foi realizada, a nível nacional, uma reunião e uma eleição na qual fui escolhida como candidata ao cargo. Na assembleia geral realizou-se nova eleição e voltei a ser eleita e, na reunião do bureau teve lugar um terceiro escrutínio no qual fui a pessoa mais votada.

D.L. - Não é, todavia, a primeira vez que está a trabalhar nesta área...

A.V. - Não. Na verdade, estou ligada à luta desenvolvida pelas organizações de mulheres, designadamente no plano sindical, há já alguns anos. Por outro lado, participei na reunião de Londres, onde se decidiu começar a fazer as diligências para criar este organismo e, posteriormente, fiz parte do grupo que fez todo o trabalho preparatório de constituição do lobby.

D.L. - No que diz respeito aos direitos das mulheres, em



interessante é que, no momento actual, as mulheres recusam-se a considerar que se devem confinar a reclamar a igualdade no âmbito de políticas que foram traçadas sem a sua participação. Entendem, sim, que devem participar desde logo na elaboração de todas as políticas e que têm um ponto de vista a fazer valer em relação a todos os assuntos. É evidente que, independentemente disto, há questões que são prioritárias. Entre essas conta-se,

tamente que exercerão uma pressão importante.

D.L. - Que tipo de mulheres está representado neste lobby?

A.V. - Este lobby agrupa organizações de todo o tipo. Para ter uma ideia, basta olhar para o Conselho Consultivo que existe aqui em Portugal, e que é constituído por organizações de mulheres dos diferentes partidos, partidárias e das confederações sindicais. O leque é, portanto, vastíssimo.

D.L. - Como surge no cargo

que posição se encontra Portugal, comparativamente com os outros países da Europa?

A.V. - Em termos de legislação, Portugal está bem, embora se possam sempre registar melhorias. Em termos de realização prática, estamos, de facto, longe de ter a igualdade como questão adquirida em todos os domínios. Registamos dificuldades como os outros, estamos ao mesmo nível.

D. S.

C R Ó N I C A



Sófia, a luminosa

Na bela praça ensoalhada cruzam-se fitas de relva onde resistem as últimas e as primeiras flores - tufo colorido de amarelo e vermelho, esmaecendo, mais os jeans azuis e os ténis brancos que desabroçam, viçosos e triunfantes, Outono e Primavera de mãos dadas.

Cruza a bela praça ensoalhada de Sófia, de todos os ângulos submetido pela imponência do Palácio da Cultura, gozando de uma serenidade que sei falsa. Jovens adolescentes de mochila roçam os mármore e os bronzes num ponto que deve ser o encontro de todos os caminhos da cidade. A neblina matinal que ainda há pouco enclausurava docemente a capital búlgara, baixando uma cortina translúcida sobre casas, gentes e futuros, desvaneceu-se — mas nem por isso o dia é claro. Ou será?

No recato imaginário de uma sombra de árvore, um enlace indiferente aos tempos negros, um beijo prolongado sem polícia. Olho em volta e reparo: multiplicam-se os pares consumidores de um bem sobrance, não racionado, neste universo balcânico de todas as carências. É isso: o amor rasga a bruma, imperioso e suave, em tons murmurados de língua incompreensível que eu entendo. «Amo-te», dizem com certeza; e «Que vai ser de nós?», também. Que vai ser deles neste charco onde só eles florescem, desamparados, sobre destroços, a crescer para um infinito impenetrável de dúvidas e dívidas? Haverá risos e doces olhares que esconjem tanta opacidade?

A terna amargura que envolve estes meus filhos na bela praça ensoalhada de Sófia debate-se com nuvens súbitas. Por sobre as fitas de relva onde os caules se vergam às aragens outonais, lacrimejando pétalas, perpassam sombras corredoras, à conquista da cidade, nascendo neste ponto que deve ser o de encontro e reencontro de todos os caminhos. Vão perseguidas, incansavelmente perseguidas por juras ciciadas, persistentes sonhos impossíveis, luzes fugazes rompendo as trevas que o dia claro não disfarça. É um tropel ribombante, agradavelmente ensurdecedor. E desordenado. Por isso, o menino fugido à mão do avô, trôpego velho de olhos ardidos incapaz de lhe acompanhar o passo e a pressa, veio embater nas minhas pernas, imprevisto obstáculo na correria contra o tempo e os tempos. O velho sorriu e pronunciou desculpas. O menino sorriu e esperou que eu, estorvo, me desculpasse. Peguei nele ao colo porque não falo búlgaro. Entendemo-nos na perfeição, num ápice, que logo o pousei nas lajes rigorosas da bela praça, subitamente ocupada pelo dia claro. Invadiu-me um medo pânico de o deixar cair. Já não tenho forças para carregar o futuro.

João Paulo de Oliveira

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Siamesas:
intervenção
polémicas

Saúde Mental:
duas correntes
em confronto

A.M.A.

Auto Monumental do Arco

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa



Anabela Loureiro

Eduardo Cruz, um homem consciente da necessidade da planificação

*O futuro é incerto por natureza.
A planificação reduz a impreparação.
O planeamento estratégico é o instrumento
de gestão a que as empresas (não) recorrem*

Empresa que planifica é empresa mais segura

Sem planeamento estratégico, as empresas ficam desarmadas e desmuniadas para enfrentar as incertezas do futuro. Em consequência, passarão a actuar segundo a tradição do "desenrascas" e da "navegação à vista" e a decidir segundo as pressões da conjuntura ou os humores de momento. Adquirida estará, então, a ausência de qualquer tipo de racionalidade empresarial, compensada pelo desnorte dos responsáveis. O fim será uma questão de tempo.

Eduardo Cruz, formador do CIFAG/IPE, tem estudado o tema do planeamento estratégico e a importância que tem para as pequenas e médias empresas.

A função do planeamento é a de definir uma estratégia que desenvolva, ou mantenha, vantagens concorrenciais sustentáveis nos produtos e/ou mercados servidos. Sem a obtenção destas vantagens, diz, os lucros serão de curta duração.

A definição desta estratégia deve ser fruto de um processo que contemple vários cenários alternativos. As únicas certezas que existem, afirma, são a inexistência de certezas, a necessidade de planear e o papel fundamental do Homem para a realização do planeado.

Páginas centrais

Transportadores zangados com Ferreira do Amaral

A realização de um congresso internacional sobre transportes e comércio, no passado fim-de-semana, na Exponor, deu azo a que diversos operadores do sector expressassem os seus medos face à concorrência comunitária, confessassem as suas impotências e criticassem o Governo, por este não os ouvir nem apoiar como querem.

A substituição de Oliveira Martins por Ferreira do Amaral degradou, aparentemente, as relações entre transportadores e governantes. Porém, tal situação ficar-se-á a dever, mais do que às eventuais razões dos queixosos, ao avanço da integração comunitária. Agora, terminaram as protecções...

Pág. 8

Quem emigra e para onde - a crónica de Isabel Braz

Pág. 3

Petróleo soviético poderá ser alternativa - o comentário de Guenadi Petrov

Pág. 3

Regime jurídico agrada às CCAM

Pág. 7

Douro: há vinho a mais ou aguardente a menos?

O vinho do Porto continua a dar que falar. Quase a coincidir com a promoção feita em França, país que, se agora importa menos em quantidade, fá-lo mais em qualidade, surge a questão da falta de aguardente vínica para beneficiar do mosto.

Os produtores suspendem as vindimas, a Casa do Douro acusa o Governo, este defende-se e diz não haver razão para que tal aconteça. Por saber ainda muito do que estará

por detrás desta situação, sabendo-se que é fácil a manutenção de «stocks» adequados. Só o não serão se estiver a ser feito mais «vinho do Porto» que o autorizado.

O que poderá mesmo estar a acontecer, o que dará razão a quantos pedem que seja feito um correcto levantamento cadastral das vinhas e o controlo mais apurado dos mostos a beneficiar.

Pág. 2

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

Ingleses fazem análise do turismo da Madeira

A firma britânica Panel Kar Forster Associate vai elaborar um estudo de análise à situação do turismo madeirense, numa iniciativa comunitária que envolve uma verba de 18 mil contos. O estudo implica não só o levantamento exaustivo do número de camas considerado suficiente para fazer face às realidades e perspectivas do turismo daquela ilha, como também indicar quais as zonas preferenciais para a localização futura de infraestruturas hoteleiras a construir na região autónoma.

UCREPA assina protocolo com a SGS Qualitest

A Federação Nacional das Cooperativas de Retalhistas de Produtos Alimentares e a SGS Qualitest, Serviços de Inspeções Técnicas, vão assinar um protocolo amanhã em Lisboa, cujo objectivo é melhorar a higiene dos estabelecimentos e dos géneros alimentícios, distribuídos pelas Cooperativas de Retalhistas de Produtos Alimentares em todo o país. Este acordo segue-se a um outro já celebrado com o Instituto da Qualidade Alimentar. Em primeiro lugar, segundo a Qualitest, interessa beneficiar os consumidores em geral, fornecendo-lhe produtos e serviços de qualidade.

Agricultores queixam-se que Centralcer não paga

As sementeiras de cevada para malte da próxima campanha podem estar em causa, afirmam os agricultores da CAP, se a Centralcer não proceder aos pagamentos do corrente ano. Segundo informam os agricultores, as divergências existentes situam-se principalmente na interpretação dos critérios de qualidade pré-estabelecidos e nos resultados das análises efectuadas, facto que está a pôr em causa o pagamento das bonificações decorrentes do contrato. Acrescentam os agricultores que «quando não é o Governo a não cumprir com o estabelecido, são as empresas públicas que a seu belo prazer dão o dito por não dito».

A.C.I. de Guimarães comemora 125 anos

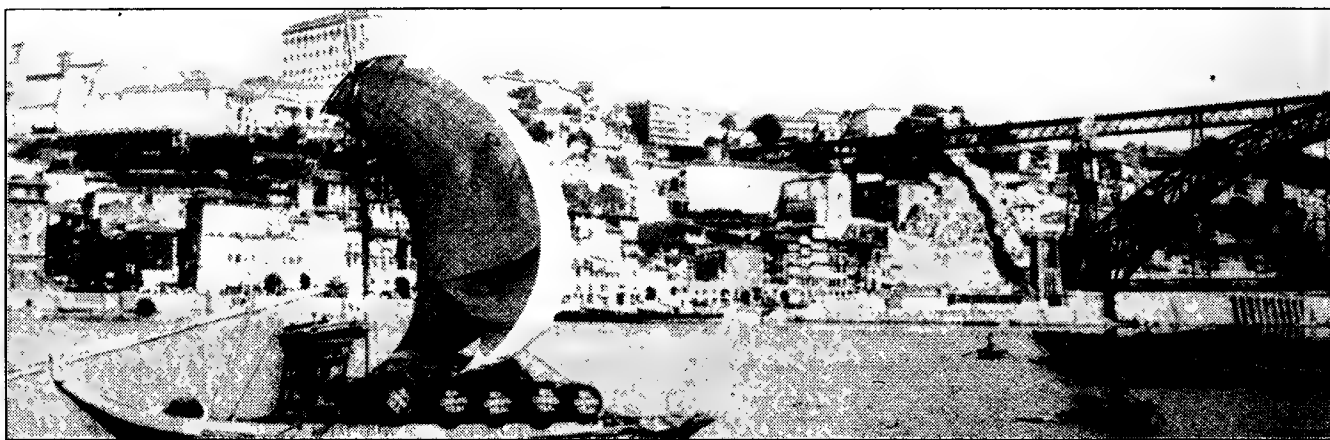
Debates, exposições e espectáculos é o prato forte das comemorações dos 125º aniversário da ACIG, Associação Comercial e Industrial de Guimarães. Qualificação dos Recursos Humanos e Mercado Único e Vale do Ave são os principais temas do debate, tendo sido convidados para a sessão do próximo dia 12, os eurodeputados Marques Mendes, Lucas Pires e João Travinho. A animação musical vai estar a cargo dos Trovadores de Cano, da Tuna do Minho, do quarteto «Ar de Jazz» e pelo Grupo de Música Popular da Associação Académica da Universidade do Minho.

Sofinloc mantém-se e Mabor sobe

As acções da Sofinloc mantiveram-se no primeiro lugar do índice de liquidez da Bolsa de Valores do Porto, tendo a Mabor subido ao segundo lugar. As Curia, BPI-nominativas/90 e as BPI-nominativas ocupam as posições imediatas neste índice, para o qual conta a performance das acções cotadas no mercado oficial durante as 12 últimas sessões. No que diz respeito à frequência negocial relativa a este mesmo período, as Foncar continuam na primeira posição, acompanhadas das BPI-Nom./90 e das Credit Lyonnais -Portugal.

Alitalia melhora resultados no primeiro semestre de 90

A Alitalia facturou, no primeiro semestre do corrente ano, mais 11,8 por cento do que no mesmo período do ano passado, ou seja 2.103 biliões de liras. O tráfego de passageiros evidencia um aumento global de 6,8 por cento da oferta e 12,4 por cento do transportado. A pontualidade, segundo números fornecidos pela empresa, atingiu níveis da melhor concorrência, isto é, 85 por cento. No decorrer do primeiro semestre de 1990 foram abertas quatro novas escalas: Ankara, Berlim, Budapeste e Praga, além de terem sido aumentadas as frequências para Moscovo.



Entre a Régua e Gaia, corre um rio de diferendos

Vinho do Porto escondido com aguardente de fora?

A eventual escassez de aguardente vínica, para beneficiação do mosto para vinho do Porto, levanta uma questão que só será possivelmente deslindada se o Ministério da Tutela tiver a coragem de avançar com investigações adequadas e com a assumpção de medidas que permitam resolver os diferendos latentes. Todos parecem de acordo: a aguardente importada chega e sobeja, as vindimas já estão no fim, resta saber para onde vai grande parte do «stock» considerado em falta. Opinião generalizada é a de que, por detrás do divulgado, há muito vinho a ser tratado sem direito a benefício.

Numa primeira fase, os produtores do Douro queixaram-se que a escassez de aguardente vínica estava a causar grandes prejuízos, já que, impossibilitados de tratarem os seus mostos, estariam a suspender as vindimas. A situação terá sido, aparentemente, causada pela rejeição feita pelo Instituto do Vinho do Porto, responsável pela análise do produto, de dois milhões de litros de aguardente vínica francesa, por não ter as qualidades exigidas. Mas a calendarização da importação, feita com grande antecedência e prevendo possíveis reforços de «stocks», previa situações como esta.

A aguardente tem chegado a Portugal, embora sem ser nos prazos desejados. E enquanto alguns produtores acusam a Casa do Douro de «ter sido irresponsável ao não adquirir, atempadamente, a aguardente necessária para a

campanha deste ano», aquela entidade, pela voz do seu presidente, Mesquita Montes, atribui as culpas ao Governo.

Conforme afirmou, «apesar da Comissão de Aguardentes, composta por um representante do IVP, da Associação de Exportadores de Vinho do Porto, do Ministério da Agricultura e da Casa do Douro ter proposto a importação de aguardente em Janeiro último, só em Julho é que o Governo decidiu autorizar».

Capoulas contrapõe

O secretário de Estado da Agricultura, Luis Capoulas, veio a terreiro e garantiu que a aguardente vínica importada é suficiente para beneficiar as 115 mil pipas autorizadas para o vinho do Porto e acrescentou «achar estranho que esta situação se tenha verificado», referindo-se à escassez registada.

Sobre o caso não deixou de acrescentar que, «no caso de ser necessária uma maior importação do produto, não irá faltar despacho governamental, podendo a casa do Douro, responsável pela distribuição aos produtores, proceder a um aumento da quantidade de aguardente vínica que vem do exterior».

Mais ainda, garante que não se registou qualquer atraso, por parte do Governo, na importação da aguardente, «pois em 1990 o despacho de autorização ocorreu em Março, enquanto que em 1989 foi em Maio».

Mas a própria Casa do Douro afirma que «uma das

razões que justifica a falta de aguardente é o sistema em vigor no aprovisionamento do produto», que é da responsabilidade do Governo. «A partir do próximo ano, com a liberalização, esta situação vai deixar de existir e mesmo a própria disciplina comunitária determina a alteração do sistema actualmente vigente», afirmaram.

Resta saber, como afirmam produtores locais, porque é que houve atraso, numa altura em que o próprio preço da aguardente vínica não é pacífico. Os dados conhecidos provam que esta teve, na origem, um aumento de cerca de 40 por cento mas, tendo acabado o direito nivelador, que estabelecia custos mais elevados para os produtores, a realidade é que estes têm de a pagar mais 60 por cento que no ano passado.

Vinho a mais?

Um dos problemas - se não o maior, que continua a viver-se na área hiper-sensível que é a da produção do vinho do Porto - é o dos créditos de litragem que, segundo algumas opiniões, deverão estar a ser subvertidos. Uma das hipóteses postas, para a escassez de aguardente que, aparentemente, deveria chegar para as 115 mil pipas a beneficiar, é a de que estará a ser produzido muito mais vinho com a classificação de «Porto» que o devido.

Uma das causas poderá estar relacionada com a atribuição de benefício feito por milheiro de cepas, já que os produtores podem pedir

uma alteração de benefício, por área ocupada, o que dará um aumento de cerca de 20 por cento da produção.

De referir que em meados da actual vindima a Casa do Douro não tinha emitido a totalidade dos cartões de benefício desta, pelo que as firmas que têm centros de vinificação planificaram-nas com base nos valores inicialmente indicados, isto é, 115 mil pipas de 550 litros.

Segundo é do conhecimento do «DL», este ano continua a verificar-se a existência de créditos de litragem feitos com base na vindima de 1988, cujo montante não deveria ultrapassar as 15 mil pipas de mosto, informação dada pela Casa do Douro numa reunião no IVP para fixação dos montantes a beneficiar este ano, o que faria prever a existência de um total de 130 mil pipas de mosto a beneficiar.

Por outro lado, continua a ser desconhecido o quantitativo atingido nas concessões excepcionais conferidas pela Casa do Douro aos lavradores que tenham apresentado ou apresentem reclamações quanto ao cálculo do direito de benefício.

Opinião recolhida entre vitivinicultores e exportadores é que, após a vindima, seria de grande urgência a elaboração de um veredicto total das quantidades de vinho existentes na região do Douro, ao abrigo do comunicado da vindima, com vista a ser feito o apuramento da dimensão real da vindima deste ano.

A. H.

Câmara de Cascais apoia empresários

A Câmara Municipal de Cascais vai criar um gabinete de informação e de apoio aos empresários do concelho, organismo que ficará a pertencer ao Centro de Informação e Documentação Técnica.

No seguimento da assinatura de um protocolo entre aquela edilidade e o NERLIS, Núcleo Empresarial da Região de Lisboa, da AIP, ontem efectuado, nos Paços do Concelho de Cascais, os empresários vão ter acesso a serviços de «identificação e resolução de problemas técnicos, aconselhamento e despesa de aconcelhamento existente, divulgação de métodos de produção e de

projectos de investimento, elaboração de projectos no âmbito da cooperação internacional, enquadramentos comunitários, entre outros».

Segundo os responsáveis daquele município, a prestação de informação técnica constitui um dos vectores fundamentais de actuação do CIDT e tem assumido uma importância crescente na melhoria da interface com o exterior.

AIP no Leste

Uma missão institucional da AIP encontra-se de visita à Roménia e à Checoslováquia durante esta semana

com o objectivo de elaborar um relatório geral sobre a situação político-económica dos países do Leste europeu, no âmbito do grupo de trabalho que acompanha as negociações da CEE com esses países.

Esta delegação é constituída por Manuel Telles e por Duarte Ivo Cruz, respectivamente vice-presidente e director das Relações Internacionais da AIP.

Estes contactos foram iniciados em 1987 e desde aí realizaram-se 16 acções empresariais em sete países com o envolvimento de muitas centenas de empresários.

ECONOMIA

Quem emigra e para onde?

A emigração é essencialmente determinada por razões económicas, continuando os Estados Unidos a ser o país que mais emigrantes recebe

O facto das pessoas se transferirem de um país para outro foi estimulado pela crescente interdependência económica entre as nações e pela possibilidade cada vez maior que as pessoas têm de se deslocarem para lugares onde possam dispor de melhores oportunidades económicas.

Contrariando as expectativas, a emigração internacional não diminuiu nos últimos anos, apesar de se prever um declínio gradual, segundo projecções para os anos 90 com base em estatísticas do Banco Mundial.

Ainda segundo a mesma fonte, os Estados Unidos continuam a deter a posição central nos fluxos de emigração internacional, recebendo anualmente tantos emigrantes quanto recebem os demais países somados.

Calcula-se em 740 mil por ano os emigrantes que se fixam em definitivo nos Estados Unidos, tanto em situação legal como ilegal. Logo depois vêm a Austrália e o Canadá, seguidos pela Arábia Saudita e Costa do Marfim. Em nenhum outro país o número de emigrantes por ano excede os 25 mil.

O que faz emigrar as pessoas tem sido predominantemente as razões económicas. Mais de metade dos países que recebem maior volume de emigrantes localizam-se em regiões mais desenvolvidas. Não é, pois, de surpreender que o fluxo mais substancial de emigrantes venha das regiões menos desenvolvidas, sendo o México o maior contribuinte, seguido dos países asiáticos.

Este fenómeno, para além de ter uma componente económica muito forte, produz grandes influências ao nível da transferência de *know-how*, conhecimentos, mudanças sociais e factos políticos.

Mesmo sendo incertas as estimativas e projecções da emigração internacional para cada país, devido essencialmente à grande percentagem de casos clandestinos, são claras as linhas gerais da emigração mundial nas próximas décadas: um número relativamente grande de pessoas continuará a transferir-se dos países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos.

Isabel Braz

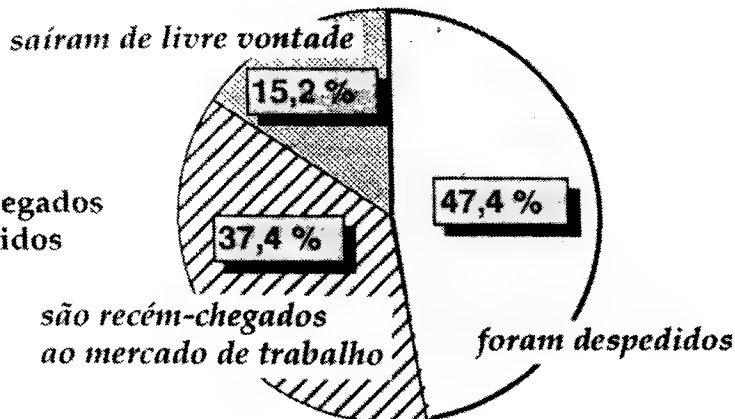


Emigração não vai acabar

Na hora da marcação de ponto



Dos 6,7 milhões de desempregados recenseados nos Estados Unidos no mês de Maio, quase metade são «reincidentes», tendo anteriormente sido despedidos dos seus empregos



Petróleo soviético: alternativa ao Golfo?

A crise do Golfo Pérsico colocou o Ocidente perante o espectro de uma nova recessão económica provocada por um novo choque petrolífero e veio sublinhar a dependência que os países mantêm do «ouro negro» como principal fonte energética.

Neste contexto, a busca de fornecedores fora da região instável do Golfo assumiu importância fundamental para as economias.

Assim, uma vez ultrapassada a divisão Leste-Oeste, o ex-inimigo do Ocidente, a URSS, surge como um potencial fornecedor alternativo, como o indicam os contactos que têm vindo a ser estabelecidos entre grandes companhias ocidentais e Moscovo.

Uma delegação de empresários americanos, integrando representantes de companhias petrolíferas, entre os quais o vice-presidente da Chevron Overseas, encontrou-se com Gorbachov, na sequência da última cimeira de Helsínquia.

Na altura, foi analisado um grande projecto de cooperação no Kazaquistão e falou-se da exploração de jazigos de petróleo na região do Mar Cáspio.

Em Paris, a ELF Aquitaine, a maior companhia petrolífera francesa, assinou um acordo de cooperação com o consórcio soviético para a Cooperação Económico-Comercial URSS-França, do qual poderá resultar um acordo de prospecção e exploração de petróleo em território soviético.

O Japão decidiu conceder à URSS cinco milhões de ienes para investigação técnico-científica no campo da exploração de jazigos de petróleo e gás natural.

A Holanda tomou a iniciativa de convidar a União Soviética a participar numa comunidade energética europeia, cuja concretização transformará a rede eléctrica da Europa Ocidental, Central e Oriental num sistema único, que poderá ser complementado por uma rede de petróleo e gás.

A indústria petrolífera soviética, devido ao seu baixo nível tecnológico e falhas nos equipamentos, contabiliza actualmente enormes perdas na extracção, agravadas pelos conflitos laborais originados pelas deficientes condições de trabalho no sector.

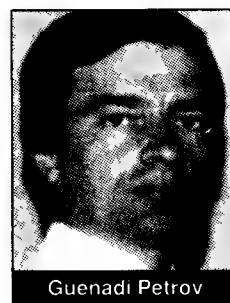
Acresce que a arcaica estrutura económica soviética é profícua no desperdício de energia, gastando o dobro do petróleo por unidade de produção comparativamente com qualquer país da Europa Ocidental.

Assim, o interesse ocidental pelo petróleo soviético, a par de permitir a diversificação dos fornecimentos e contribuir para a estabilização mundial do mercado petrolífero, apresenta-se como uma forma de apoiar a reestruturação da economia da URSS numa base mutuamente vantajosa.

Segundo alguns especialistas ocidentais, a cooperação nesta área passa pela privatização e internacionalização, pelo menos parcial, da indústria petrolífera soviética, o que permitiria, com a cooperação de companhias estrangeiras, aproveitar recursos ainda não explorados e mobilizar os capitais assim obtidos para aplicação noutros sectores.

Com a nova lei sobre investimento estrangeiro, cujo projecto se encontra no Parlamento soviético para discussão, abrem-se grandes possibilidades ao capital estrangeiro, que poderá deter 100 por cento da propriedade das empresas, tanto na área da produção como financeira. A nova lei estabelecerá garantias de protecção ao investimento e exportação de lucros.

Mas, entretanto, no que se refere especificamente ao sector petrolífero, coloca-se o problema da sua desnacionalização, para já não prevista pelo Governo, a par de problemas derivados do facto das declarações de soberania das Repúblicas proclamarem o direito exclusivo destas à propriedade do subsolo, sem que, no entanto, tenham definido e regulamentado modalidades para a sua utilização.



Guenadi Petrov

Antecipar conjunturas é a virtude desta forma de intervenção. Habilitar as empresas a decidir em função das probabilidades fortes de ocorrência, a sua função. Em Portugal ainda é muito ignorada.

Planeamento estratégico escrutina perspectivas empresariais

Porque é que empresas geridas por profissionais com excelentes capacidades de análise apresentam, não obstante, resultados baixos, ou mesmo negativos, em termos de rentabilidade de capitais próprios? Esta pergunta levou Eduardo Cruz a embrenhar-se no estudo do planeamento estratégico. Hoje, formador do Centro de Informação, Gestão e Aperfeiçoamento em Gestão (CIFAG), uma estrutura da holding Investimentos e Participações do Estado, explica no que consiste e o que permite o planeamento estratégico, bem como as suas vantagens para as PME.

Começa por apontar que as empresas portuguesas recorrem pouco a este instrumento de gestão: «O que se faz é orçamentação e confunde-se isso com o planeamento, quando o orçamentação é a parte final do processo».

A função do planeamento é a de definir uma estratégia que desenvolva ou mantenha vantagens concorrenciais sustentáveis nos produtos e/ou mercados servidos. Sem a obtenção de estas vantagens, os lucros serão de curta duração.

Razões do planeamento

Com esta função básica esclarecida, Eduardo Cruz aponta razões para o planeamento estratégico.

A primeira é, desde logo, a do aumento da produtividade, em particular a do capital: «O nosso grande problema não é a produtividade do trabalho, mas a do capital».

Dado que o grosso das cerca de 300 mil empresas existentes em Portugal estão

fora da Bolsa, não têm o seu valor determinado pelas cotações. Não estando cotadas, estão dispensadas da "obrigação", perante os accionistas, de apresentar lucros elevados. «Mas devem apresentar uma liquidez elevada», precisa.

Se a empresa tiver liquidez, justifica, «tem autonomia para tomar as decisões estratégicas referentes ao investimento, sem o qual não tem futuro». Contudo, o investimento tem de ser ponderado, porque «muitas empresas investem e pioram a produtividade do capital, o que é um absurdo».

Depois desta razão, referente ao aumento dos lucros no curto e no longo prazos, Eduardo Cruz alinha a da necessidade da reorganização da empresa para acelerar o seu crescimento e a da definição, «para toda a gente», sobre qual é o futuro da empresa. Esta última razão respeita a situações em que não há certezas colectivas sobre o rumo a seguir e radica na perspectiva voluntarista de «definir um quadro coerente de perspectivas».

De certa forma ligada a esta terceira razão está a quarta: a da escolha de várias teses em presença sobre o caminho a seguir. Aliás, como considera: «Não há planeamento estratégico sem formulação de alternativas, porque, por definição, o futuro é imprevisível e é preciso elaborar cenários e formas de adaptação das empresas para cumprir os objectivos». Isto é particularmente difícil em Portugal, onde 300 anos de Inquisição e 48 de Estado Novo deram

muita força a raciocínios monistas, o que é inaceitável do ponto de vista da gestão: «Pelo contrário, é preciso estimular a elaboração de alternativas».

Pretende-se, assim, que o estabelecimento de alternativas materialize uma síntese criadora, resultado da criação de uma tensão criada dentro das empresas, ou seja o processo clássico da "tese-antítese-síntese".

Uma quinta razão surge quando há mudanças na estrutura dirigente e surge, por exemplo, um director-geral novo. Neste caso, a equipa de gestão tem toda a vantagem em cimentar relações com o recém-chegado, para que os responsáveis se entendam a propósito dos diagnósticos externos e internos da empresa e da direcção seguida ou a seguir.

Por fim, a consolidação, depois a um período de expansão, também pode constituir motivo para o planeamento estratégico: «O crescimento não é bom em si mesmo. Às vezes, o mais sensato é consolidar».

Questões fundamentais

Eduardo Cruz identifica quatro questões fundamentais no planeamento estratégico: «As oportunidades e as ameaças existentes no futuro e as nossas forças e fraquezas». O planeamento deve aproveitar as oportunidades e tentar afastar as ameaças no presente.

Isso implica, desde logo, com a definição do próprio negócio (no caso das empresas) ou da actividade (no caso de organizações não empresariais). Como diz: «Implica saber que clientes visamos, quais as suas necessidades, que canais de distribuição devem ser utilizados e que tecnologia devemos usar».

No livro que escreveu sobre o assunto ("Planeamento Estratégico - um guia para a PME"), e que - «para meu espanto» - já vai na terceira edição, aconselha o potencial criador de empresas a evitar «mercados estagnados ou em declínio, produtos vulgares, que qualquer concorrente pode fazer, actividades de forte intensidade capitalística e fracas quotas de mercado nos segmentos ou "nichos" onde se instalar».

Lógica familiar

Porque 99 por cento das empresas existentes são empresas familiares, pese o chamado «capitalismo

popular» e a dispersão do capital das empresas cotadas em Bolsa, o nosso interlocutor revela que a instituição onde desenvolve a sua actividade vai proceder em breve à realização de um curso de Gestão Estratégica para Empresas Familiares. Conciliar os interesses e os planos da família com os da empresa é o objectivo.

O reconhecimento da «interferência» da lógica familiar na gestão empresarial vem dotar os responsáveis empresariais de um maior controlo e domínio sobre as variáveis influenciadoras do ambiente e da vida da empresa. É que também nas pequenas unidades «os objectivos são de carácter pessoal e empresarial».

No final, tudo se resume a obter e manter as já referidas vantagens concorrenciais sustentáveis, «o que significa que, para os nossos clientes, o que nós fazemos é melhor do que o que fazem os nossos concorrentes».

Definido o negócio (ou actividade) projectado, o interessado na criação ou gestão de uma PME passa à fase da identificação de objectivos, que variam consoante os ramos e as actividades, de estratégias, e de alternativas, para os alcançar bem como de mecanismos de avaliação e controlo, que permitam aferir do grau de desempenho.

Pouco, mal e tarde

Nesta última questão, Eduardo Cruz afirma: «O controlo e a avaliação das empresas são feitas muito tarde», porque as informações são disponibilizadas fora de tempo. Isto inibe a tomada de decisões atempadas.

O exemplo imediato que surge é o do destino dos lucros: «Ou prevejo o que faço com eles ou não. Se não faço nada, vão 40 por cento para impostos. Se faço alguma coisa, legalmente possível e deductível, a empresa melhora a sua condição e o seu futuro».

Esta situação confirma que, na base de tudo, estão as pessoas e a sua autonomia e iniciativa. Como entende: «Não há empresas a longo prazo se as pessoas que lá estão não estiverem motivadas». E pormenoriza: «Temos de ter os empregados satisfeitos para ter os clientes satisfeitos».

A esta consideração das pessoas como fundamentais para a empresa, junta a alteração do paradigma científico, das certezas para



Para Eduardo Cruz

as probabilidades, para concluir: «É porque há incerteza que há planeamento». Assim, «devemos ter sempre cenários disponíveis». A saída da Shell do Irão, antes da queda do Xá e da ascensão de Khomeini, prova as virtudes dos estudos e da elaboração de cenários alternativos: «A Shell saiu porque um estudo identificou a situação e a probabilidade elevada de uma explosão social».

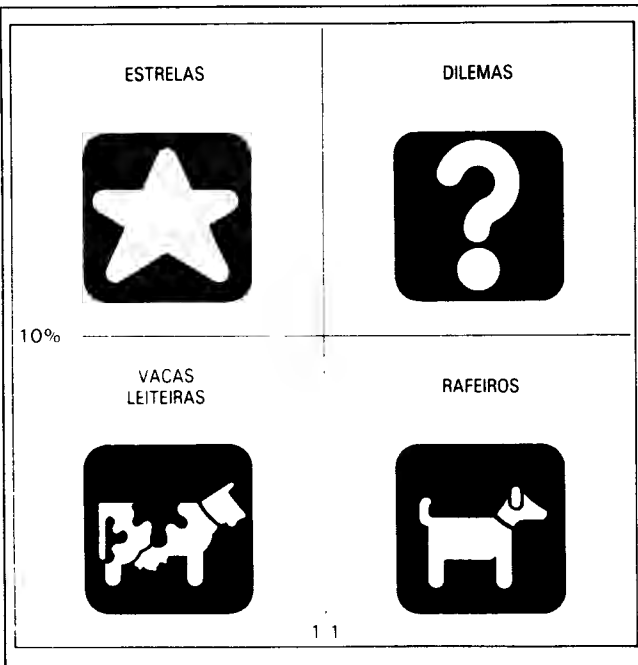
Não há certezas

Ter uma ideia a prazo do que se deve fazer pode também ser uma outra definição do que é o planeamento estratégico. Eduardo Cruz exemplifica agora com os Descobrimentos Portugueses. Nestes, afirma, os objectivos e as actividades estavam muito bem delimitadas e esclarecidas.

Só assim foram possíveis situações como as dos vice-reis, que aplicavam políticas nacionais, apesar de não terem contactos frequentes com a Corte ou as missões dos missionários, que estavam na sua actividade sem controlo do posto de comando. «Mas a mensagem passava».

Destas situações, conclui: «Não há certezas. É preciso planear. O homem é fundamental para a realização do planeamento».

Em Portugal, «há muito a fazer quanto ao planeamento estratégico», porque os resultados positivos da actividade do CIFAG são restritos em função das necessidades. Ilídio Pinho confirma esta situação em artigo publicado na revista "Exportar": «Raramente existe



A importância da auto-avaliação

Qualquer empresa que enverede pelo planeamento estratégico terá de recorrer a uma auto-avaliação. O objectivo é a identificação do que a empresa faz bem e do que faz mal. Este procedimento é simultaneamente ponto de partida e método de acompanhamento da aplicação da estratégia definida.

Entre os procedimentos a adoptar na fase de detecção das deficiências e de pontos fortes está, à cabeça, a análise do desempenho. Esta depende dos objectivos da empresa, que poderão variar da rentabilidade dos capitais próprios à conservação de recursos, da estabilidade financeira ao bem-estar do pessoal.

Os responsáveis por esta análise farão também o levantamento das estratégias do passado e identificarão os problemas estratégicos da empresa, isto é daqueles problemas que se não forem resolvidos, ou se forem mal solucionados, podem ter consequências estratégicas funestas. O objectivo é definir as soluções possíveis dos problemas listados.

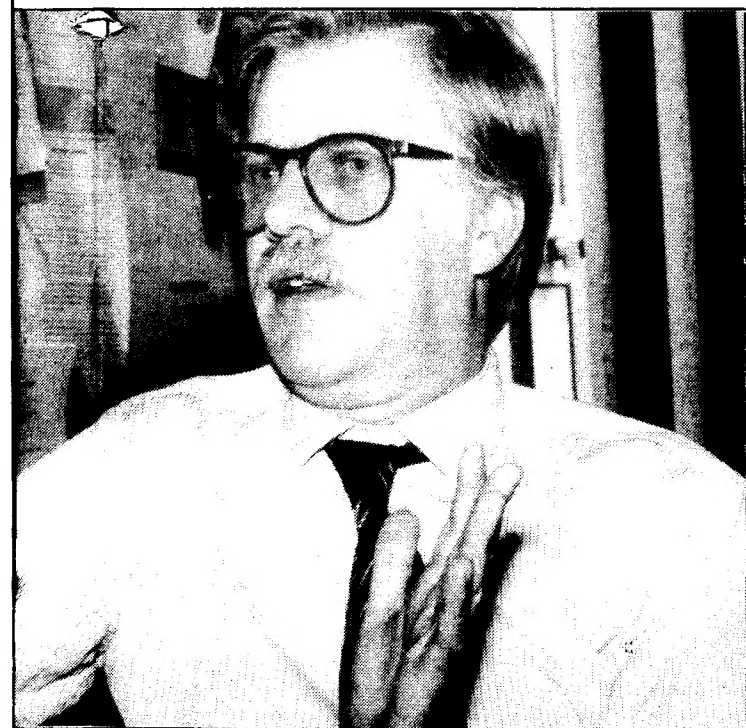
As características da organização interna terão de ser passadas a peneira. Aqui consideram-se sete variáveis: estruturas, sistemas, cultura, pessoas, tarefas/competências, estilo de gestão e estratégias.

Além da análise da carteira de negócios, que mostrará a situação dos vários negócios da empresa nos diversos mercados, a auto-análise terá de considerar o levantamento dos recursos e das restrições financeiras. Podem estar em causa possíveis decisões sobre áreas que justifiquem investimentos da empresa ou sobre outras que, pelo contrário, aconselhem o desinvestimento.

A operação terminará com a análise das forças e fraquezas da empresa. As questões fundamentais, neste particular, são as de determinar em que é que a empresa é competente e melhor do que a concorrência e saber se tem alguns activos exclusivos, ou bastante mais fortes, do que a concorrência e se daí resulta alguma vantagem concorrencial sustentável, ou potencial para o seu desenvolvimento.

em função de acontecimentos
muito ignorado

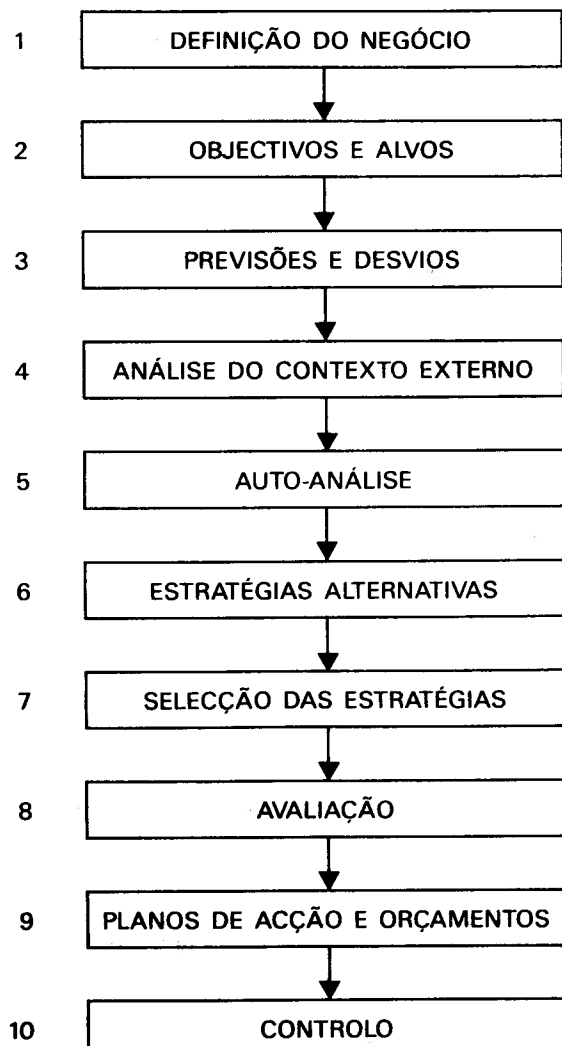
Esclarece



ra Eduardo Cruz.

planeamento estratégico no âmbito empresarial privado. A dimensão dos grupos portugueses, a sua inserção pretérita num mercado confuso, pequeno e algumas vezes protegido, a ausência de quadros superiores de qualidade e em abundância não facilitam esta perspectiva e, por isso, quando ele é pressentido como indispensável, deparam-se inúmeras dificuldades de concretização». Rui Nunes

O PLANEAMENTO ESTRATÉGICO EM 10 ETAPAS



Estratégias, cuidados e sujeitos

Eduardo Cruz afirma, no seu livro, que as estratégias de sucesso têm três componentes: a clientela, os concorrentes e a própria empresa.

As acções a empreender junto da clientela deverão satisfazer as necessidades desta, com o princípio que diferentes clientes têm necessidades diferentes; junto dos concorrentes, o que está em causa é a obtenção de uma vantagem concorrencial sustentável, que mantenha a ideia da diferenciação do produto; dentro da empresa o objectivo é capitalizar as suas forças internas, mas considerar que o seu desenvolvimento leva algum tempo.

Para que as estratégias sejam postas em prática, diz, é necessário que todas as pessoas envolvidas tenham instruções sobre o que fazer e quando fazer: o gestor comercial necessita de um plano de marketing, o gestor de produção necessita de um plano de produção; o gestor de aprovisionamentos necessita de fazer o seu plano, após ter conhecimento do plano de marketing (que inclui as previsões de vendas) e do plano de produção; o gestor de pessoal necessita de um plano de recursos humanos; o gestor financeiro necessita do plano financeiro.

Só que antes do momento de decisão de aplicação do plano estratégico decidido, alguns cuidados são necessários.

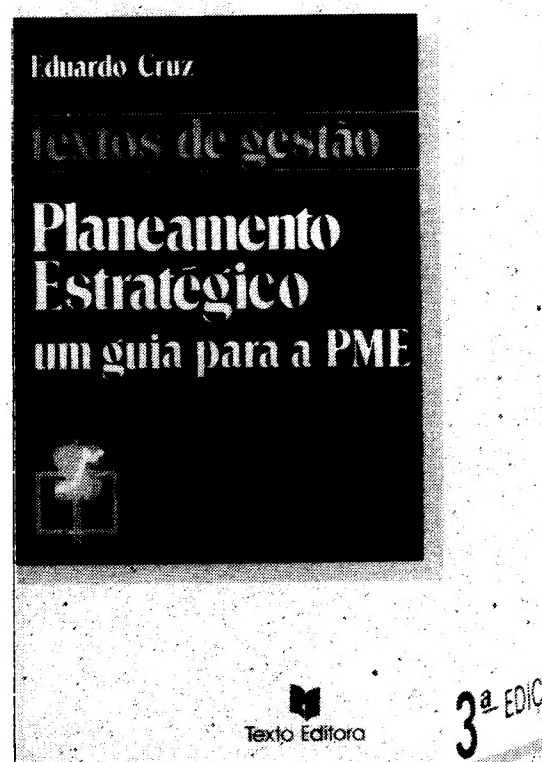
Desde logo, a certeza da força da estratégia para atingir os alvos eleitos pela empresa. Importa também conhecer os efeitos que poderá ter o facto de algumas das oportunidades e ameaças previstas não ocorrerem, ou ocorrerem de modo diferente do previsto.

Necessário é ainda determinar se a empresa tem o dinheiro suficiente, a capacidade de gestão e as competências para realizar as estratégias definidas, bem como saber quanto tempo levarão as acções a tornarem-se exequíveis.

Tudo isto obriga a avaliar a possibilidade, real, de as estratégias escolhidas virem a funcionar. Implícita, também, a formulação de

estratégias de «recarga», ou alternativas.

Diffícil? Certamente. Mas fazer não custa. Mais difícil é fazer bem.



INTELECTUAL E PARTICIPAÇÃO DO ESTUDO, I.R.

CIFAG

CENTRO DE INFORMAÇÃO,
FORMAÇÃO
E APERFEIÇOAMENTO
EM GESTÃO

SEMINÁRIO

PLANEAMENTO ESTRATÉGICO DA PME

Lisboa, 10, 11 e 12 de Dezembro de 1990

DESTINATÁRIOS

O Seminário é dirigido a empresários e gerentes de PMES, directores e quadros superiores, que queiram aproveitar estrategicamente as grandes oportunidades postas pela Europa de 1993 às empresas portuguesas para aumentar os lucros e a rentabilidade.

PROGRAMA

O Seminário procura mostrar numa forma prática, como é que as empresas podem enfrentar com êxito os grandes desafios postos pelo Mercado Único de 1993, preparando o plano Estratégico da Empresa.

1. Qual Deve ser o seu Negócio.
2. Como Fixar Objectivos Estratégicos.
3. Análise Estratégica.
4. Como Vencer os Desafios Estratégicos.
5. Melhorar a Rentabilidade e a Posição Concorrencial.

COORDENADOR

Eduardo Cruz, formador e consultor permanente do CIFAG. Autor de «Planeamento Estratégico, um Guia para a PME», actualmente em 3.ª Edição.

DATAS

Lisboa, 10, 11 e 12 de Dezembro de 1990.

INFORMAÇÕES

Secretariado: Céu Brito
CIFAG - Av. Júlio Dinis, 11 - 1000 LISBOA
Tels. 76 60 82/6 - Telex: 63 757 IPELIS P - Telefax: 76 11 42

PRAZO LIMITE DAS INSCRIÇÕES

Seminário de Lisboa, 3 de Dezembro/90.

Av. Júlio Dinis, 11 - 1000 LISBOA-PORTUGAL - Tels. 73 04 84-73 15 11-76 60 82/3/4/5/6 - Telefax 76 11 42 - Telex 63 757 IPELIS P - Apartado 21 135 - 1131 LISBOA CODEX
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa - Matr. n.º 57 370 - Capital Social: 23 000 000\$00 - Pessoa Colectiva n.º 400 836 698

ECONOMIA

É insustentável substituir o domínio da OPEP pela dos EUA, afirma André Giraud em entrevista ao «Le Monde»

Crise do Golfo alimenta subida do petróleo

A crise do Golfo continua a alimentar o voo dos preços do petróleo. Depois de uma súbita subida, os valores estabilizaram no final de Setembro em 37,5 dólares por barril em Nova Iorque e 40,7 dólares em Londres.

Nos mercados financeiros, porém, a confusão é total: enquanto que em Nova Iorque se corrigia ligeiramente os preços, no final do mês, a Bolsa de Tóquio afundava-se, tendo o índice Nikkei descido de 4,75 por cento.

André Giraud, antigo ministro da Indústria, entre 1978 a 1981, e da Defesa entre 1986 e 1988, é um especialista em questões energéticas. É autor de um livro sobre geopolítica do petróleo e do gás e esteve na primeira linha durante os precedentes choques petrolíferos.

Nesta entrevista concedida ao «Le Monde», André Giraud considera que a crise actual pode tornar-se mais grave do que a de 1979 e sublinha que a França deve manter um diálogo independente com os países produtores.

Nesta perspectiva, critica a adesão da França à AIE, Agência Internacional da Energia.

Le Monde - Os preços do petróleo sobem. Pode falar-se de penúria quando existem stocks?

André Giraud - Os stocks permitem enfrentar a crise, mas não evitá-la do ponto de vista dos preços. Aconteceu o mesmo na crise de 1989/80. Se tivermos em stock petróleo no valor de 30 dólares o barril e se estivermos convencidos que vale 31 dólares no dia seguinte, será que vamos reduzir os stocks e comprar petróleo a 30 dólares?

Os stocks chegariam teoricamente, mas só apareceriam depois da crise. Chame a isto especulação, mas é o que se passa. É necessário compreender a maneira como os preços são fabricados. Se a lei do mercado funcionasse, o petróleo custaria entre oito e 10 dólares, ou seja o custo marginal de produção mais elevado dos jazigos.

Ao contrário, existe um preço estabelecido pelo cartel, logo após a sua formação. Conhece-se o preço fixado pelo cartel, compreendido entre 32 e 34 dólares, no fim da crise de 1980, quando a OPEP funcionou correctamente.

Quando falha o cartel, entra-se num terceiro sistema que eu chamo o preço bolsista. Os operadores acreditam que vai subir, compram e o preço sobe. Se pensam que vai baixar, vendem ou não compram e os preços baixam.

Actualmente temos um mecanismo bolsista muito incerto.

P - E depois da crise?

R - Se amanhã houver uma paragem, passar-se-á o seguinte: o défice de abastecimento foi preenchido com outras fontes e encontram-se de repente no mercado os apurvisionamentos desaparecidos. Existe, deste modo, um excedente e os preços baixam.

P - Acredita que os preços estabilizem?

R - Não vejo qual a razão para que isso aconteça. Ouvi Michel Rocard dizer que os preços vão estabilizar nos 25 dólares. Pergunto por que razão o preço do bruto se havia de tornar estável se não existe um mecanismo de cartel.

Que se teria passado sem este incidente? Nunca acreditei que os capitais fossem faltar e que um novo choque seria inevitável. A capacidade excedentária teria certamente desaparecido pouco a pouco, mas um certo número de países tomara desde já medidas para investir. Verificar-se-ia talvez de novo um excedente e uma descida de preços.

Havia portanto uma ideia precisa do preço de equilíbrio: entre 18 e 21 dólares. Um estudo efectuado antes da crise pelo Centro de Estudos de Energia Global, organismo criado por Yamani, demonstrava de uma maneira credível que abaixo dos 21 dólares, os capitais faltariam para manter as capacidades e que se caminhava para uma penúria.

Os preços serão determinados em parte por soluções políticas, mas também, a longo prazo, por leis do mercado. Quaisquer que sejam essas soluções o petróleo não pode ter o preço muito elevado durante muitos anos, em todo o caso no próximo decénio.

P - Acha que esta crise vai modificar profundamente o equilíbrio político no Médio Oriente? E os americanos vão conseguir recuperar o controlo das reservas perdidas, há 20 anos, para a OPEP?

R - Pode constatar-se que a dependência ao Médio Oriente não diz respeito somente à Europa e ao Japão, mas também aos EUA. A economia americana não pode funcionar sem uma ligação ao Médio Oriente, o que é uma novidade. Basta ver as importações americanas de petróleo.

Se houver carência de petróleo no mundo, os países de Leste, o Japão, os EUA e a Europa entram em compe-

tição. É preciso ser lúcido e esperar essas carências. E é insustentável substituir os EUA pela OPEP neste domínio.

As lições do passado in-

aconteça. Bastam algumas operações de comando sobre as instalações sauditas para que a crise se torne grave. Politicamente, é mais grave do que em 1979, pois de

a França não entre na AIE porque não deve perder a capacidade de fazer acordos com os países produtores. Senão são os EUA que vão ter essa discussão. Durante o

diálogo...

R - Claro, a AIE pode ser um elemento útil para o diálogo, mas a França ganha em ficar de fora, tal como em 1979. Um sistema construído de uma maneira antagónica não é a melhor maneira de iniciar negociações.

P - Fala-se de estabilidade do preço do petróleo a longo prazo. Não será uma utopia?

R - As possibilidades não estão esgotadas. Se por exemplo os produtores e os consumidores tivessem a mesma planificação, a mesma ideia das necessidades futuras, isso evitaria fazer asneiras, como deixar-se criar excedentes ou faltas.

Pode também imaginar-se os mecanismos de regulação. Nós tínhamos proposto há alguns anos a criação de uma espécie de FMI petrolífero, um organismo internacional que absorveria os excedentes em período de subprodução e inversamente forneceria o mercado em tempo de faltas.

Não é tarefa fácil, mas deve trabalhar-se para um acordo entre todas as partes. Penso que não é difícil obter um acordo no essencial já que o preço do petróleo não pode ter um valor qualquer. Mais uma vez, o preço elevado é demarcado pela substituição de outras energias e o baixo pela pressão das faltas e, por isso, pela preparação de um choque posterior.

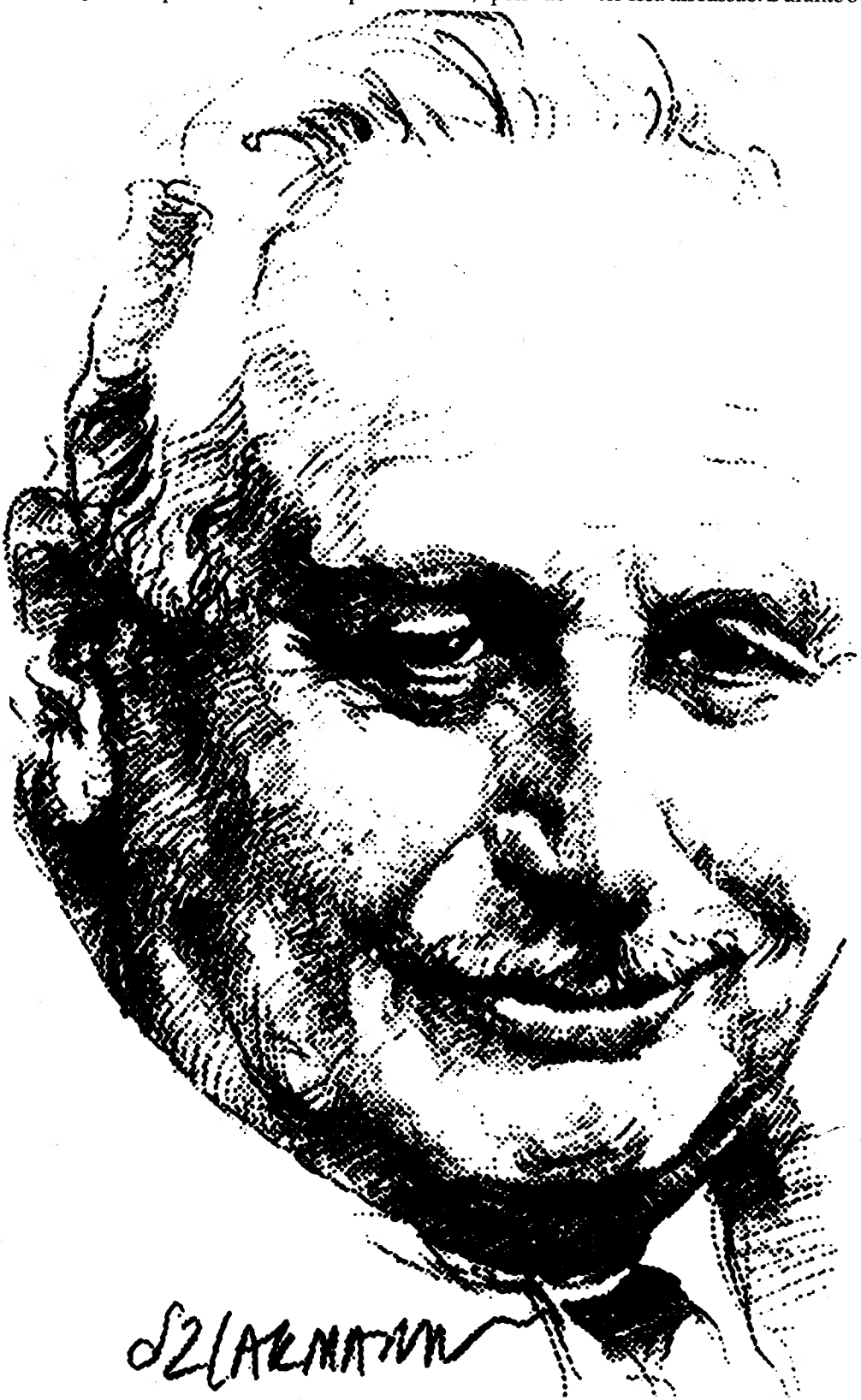
A experiência mostra que o que é bom num certo momento, pode ser mau do dia imediato.

P - O senhor teve cargos de responsabilidade em crises precedentes. Que lições tirou face à situação actual?

R - Que quer que o governo francês faça contra a subida dos preços do petróleo? Não existe uma política energética válida a curto prazo. É preciso não esquecer que vai faltar petróleo no próximo século. E também que são necessários 10 anos para explorar uma região produtora do mundo, seis anos para construir uma central nuclear e muitos anos de investigação para preparar novos combustíveis.

A crise significa que devemos levar a cabo uma política energética de 10 ou 20 anos. Não se deve afrouxar sob o pretexto de se ter constatado um excedente. E quanto aos combustíveis saídos da biomassa, portanto da energia solar, devia-se repensar o que há a fazer, num momento em que a agricultura se encontra numa situação trágica, aliás previsível.

Véronique Maurus
Exclusivo «DL»/
«Le Monde»



dicam que em 1979/80 a França pôde escapar em parte à especulação graças aos acordos de apurvisionamento a longo prazo estabelecidos, nos preços fixos, com a Arábia Saudita e sobretudo com o Emiratos Árabes Unidos. Cheikh Zaied, emir dos EAU, declarou uma vez: «A França do general de Gaulle não terá falta de petróleo enquanto este correr nos emiratos».

P - Pensa que a crise pode ser mais grave do que o segundo choque petrolífero?

R - Não é certo que isso

momento vê-se desenhar progressivamente um confronto entre o Ocidente e o mundo islâmico.

Não se viu isto em 1974. Nessa época, os esforços de Henry Kissinger consistiam em constituir no seio da AIE, uma frente comum de consumidores para fazer cair os preços do petróleo. Isso não aconteceu graças à sabedoria do Cheikh Yamani e à posição da França.

P - A França prepara-se então para se juntar à AIE?

R - Parece-me essencial que

segundo choque de 1979/80 punha-se a questão da adesão à AIE. Respondi: «Porquê a França?». Nunca houve resposta. O problema coloca-se hoje nos mesmos termos. É uma posição confortável. Podemos esconder-nos atrás da AIE por não termos uma política autónoma. Faz-se seguidismo.

P - A AIE é a NATO da energia?

R - Exactamente.

P - Isso pode constituir uma boa base para estabelecer o

ECONOMIA

A nova legislação reforça a autoridade do Banco de Portugal, centraliza e reforça a acção das Caixas. Estas concordam

Governo altera regime jurídico das Caixas de Crédito Agrícola

O Governo dotou as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo (CCAM) de um novo regime jurídico, que visa adequar a respectiva disciplina normativa às actuais condições do sistema financeiro português, no quadro comunitário.

Segundo os autores do novo regime, aprovado na última reunião do Conselho de Ministros, pretende-se dotar as CCAM de melhores condições de exploração e rentabilidade e, simultaneamente, melhor disciplinar a sua actividade de modo a garantir a segurança das poupanças que lhes são confiadas.

Francisco Silva, director da

Federação nacional das CCAM (FENACAM), disse ao «DL» que a Assembleia Geral da Federação, realizada em 29 de Setembro último, manifestou-se favorável ao sentido das alterações decididas, por 124 votos a favor contra nove.

Na base desta aprovação, esteve a satisfação dos interesses manifestados por estas instituições de crédito, após dois anos de conversações desenvolvidas com o Banco de Portugal e o Ministério das Finanças.

Os principais aspectos do novo regime são o alargamento do âmbito das

operações activas a realizar, a constituição de um sistema integrado do crédito agrícola mútuo, concebido como estrutura de corresponsabilização entre as diversas Caixas e uma Caixa Central, o reforço da acção de supervisão do Banco de Portugal e da Caixa Central e a exigência de um capital social mínimo de 500 mil contos para as Caixas que não adiram ao sistema integrado.

Tanto quanto Francisco Silva afirmou, das 11 CCAM que poderiam optar pela não adesão ao sistema integrado, todas vão aderir.

Agora, as CCAM podem realizar aplicações fora dos limites definidos para as operações de crédito agrícola mútuo. Está neste caso actividades ligadas à comercialização, ao transporte, à transformação e conservação dos produtos, à aquacultura, à fabricação e comercialização de factores de produção, à prestação de serviços e, ainda, ao artesanato.

Com este aumento de aplicações possíveis, é promovida a atenuação da concentração sectorial do crédito concedido pelas CCAM, por forma a obviar os perigos que resultam da sua dependência exclusiva das vicissitudes económicas e empresariais de um único sector de actividade, mas sem conduzir à descaracterização da natureza e das finalidades destas cooperativas.

Da definição do conjunto formado pela Caixa Central e pelas suas associadas, denominado sistema integrado do crédito agrícola mútuo, como destinatário do regime mais favorável decorrente da valorização positiva da organização em comum, resulta a definição da Caixa Central

como o organismo central do sistema. São-lhe atribuídas funções e poderes em matéria de representação do sistema e de orientação e de fiscalização e intervenção, sem prejuízo da competência própria do Banco de Portugal.

Ao banco central é reservada, pelo decreto, a presidência de uma comissão a criar com a função de acompanhar, até 31 de Dezembro de 1992, a aplicação deste diploma e propor ao Governo, através do Ministério das Finanças, as medidas legislativas e regulamentares que conclua ser necessárias.

A definição de um quadro, reputado de exigente, de constituição e de funcionamento para as CCAM, integradas ou não no sistema, permite pôr termo à respon-

sabilidade solidária e ilimitada dos seus associados, que se justificava pela debilidade financeira da maioria destas cooperativas de crédito.

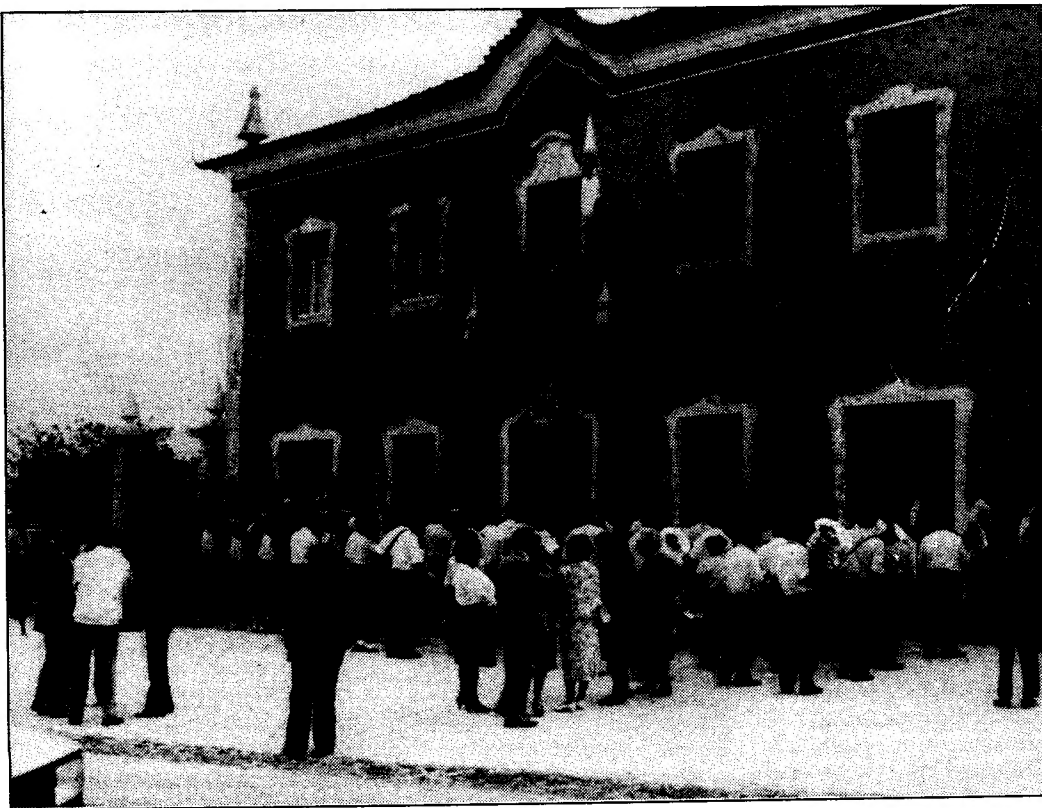
Afastados os riscos daí derivados é possível, sem prejuízo dos interesses do público, dispensar a responsabilidade dos associados, substituída que fica por elementos patrimoniais e estáveis. Por isso, as CCAM passarão a cooperativas de responsabilidade limitada.

Por estas razões o capital social mínimo das CCAM passa para 500 mil contos, embora os que façam parte do sistema integrado vejam esse valor ficar-se pelos 10 mil contos. Como o responsável cooperativo referido disse é intenção das 11 co-

operativas que poderiam querer ficar fora do sistema, integrá-lo.

Com a nova legislação, estabelecem-se as condições que, uma vez verificadas, permitem dispensar estas instituições do cumprimento das regras atinentes à solvabilidade e liquidez, aos fundos próprios e à organização interna que impendem sobre as demais instituições de crédito.

Só por esta via, asseguram as justificações do diploma, é viável ultrapassar a impossibilidade de a maior parte das CCAM, individualmente consideradas, dar satisfação aos requisitos, cada vez mais exigentes, que, nestas matérias, constituem a contrapartida lógica da liberalização bancária.



Caixas de Crédito com novo regime jurídico

Banco Central dá autorização a mais agências

O Banco de Portugal autorizou a abertura, no Continente, de 110 novas agências bancárias, 40 das quais a instituições de crédito privadas e as restantes a bancos do sector público.

Segundo foi anunciado pelo banco central, as instituições privadas abrangidas são o Barclays Bank, que irá abrir 29 agências e o Montepio Geral, com nove dependências. Para além destas, foram permitidas uma agência respectivamente ao ABN e ao Banco Internacional de Crédito.

Na reunião efectuada no final da passada semana, o conselho de administração do Banco de Portugal autorizou igualmente a abertura de 31 novas agências do BPA - Banco Português do Atlântico, 20 da UBP - União de Bancos Portugueses, 18 do BESCL - Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e uma a BCA - Banco Comercial dos Açores.

As instituições de crédito têm de, à data da abertura das agências agora autorizadas, satisfazer os requisitos que estiverem estabelecidos relativamente à solvabilidade e constituição de provisões.

Estas normas, no que se refere a bancos privados, inserem-se no conjunto de medidas recentemente anunciadas pelo ministro das Finanças quanto ao pagamento de créditos a fundo perdido que terá de ser feito por quem pretenda operar no mercado nacional.

Agricultura da Beira Interior descapitalizada

Política agrícola passa pela formação profissional, pelos investimentos e por uma comercialização mais eficaz

A descapitalização do sector agrícola da Beira Interior, a desorganização das suas estruturas e dos circuitos de comercialização e uma estrutura fundiária deficiente e excessivamente fragmentada são alguns aspectos menos bons apontados por Guilhermino Carvalho, director regional de Agricultura, num memorando que apresentou há dias a empresários e industriais.

Esta desorganização, aliada ao elevado peso da população agrícola e ao baixo nível de formação e instrução, bem como à baixa produtividade da mão-de-obra, ajuda a fazer o retrato de uma zona que vive sérios problemas.

A comercialização é considerada, pelos responsáveis agrícolas, como «a pedra de toque do desenvolvimento da agricultura»,

mas na Beira Interior é tido como «o ponto mais fraco e de maior dificuldade», salientando que «não existe» um movimento cooperativo e associativo naquela área do país.

As agro-indústrias e as indústrias transformadoras são ali praticamente inexistentes, estando no distrito da Guarda ligadas essencialmente à vitivinicultura e frutas.

A Beira Interior é caracterizada pela existência de grande número de explorações de âmbito familiar ou de auto-subsistência, numa zona de grande diversidade geográfica, morfológica e climática. Enquanto na Cova da Beira - Sabugal, Guarda, Belmonte, Covilhã, Penamacor - a especificidade climática possibilita a realização de explorações de grande impacto sócio-económico, sobretudo

as frutas, ao norte da Guarda, a terra é de vinho generoso. Na Serra da Estrela e Castelo Branco a maior riqueza é o queijo, embora no distrito albacastrense assumam relevo as culturas do tabaco, forçadas e olival. Em Trancoso são produzidos, por sua vez, 80 por cento da castanha da Beira Interior.

Outra das principais actividades económicas da zona é a exploração da floresta e seus derivados nos concelhos de Aguiar da Beira, a maior mancha de pinheiro bravo da Europa, de Seia, Vila de Rei, Sertã, Oleiros e Póvoa-a-Nova. Até Julho do corrente ano, foram aprovados 1.342 projectos equivalentes a mais de 7.200 mil contos, no âmbito do regulamento 797/85 da CEE. No quadriénio de 1986 a 1989, aquela região registou inves-

timentos de mais de seis mil contos, no âmbito de PEDAP - Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa e foram efectuados pagamentos correspondentes ao valor de 3.142.855 contos.

Até ao ano de 1993 está prevista a execução de 500 quilómetros de caminhos agrícolas e rurais e a electrificação de mais de mil explorações rurais, correspondentes a um investimento de cinco milhões de contos.

A formação profissional e a informação são outras das prioridades da política agrícola para a Beira Interior. Entre 1984 e 1989 foram realizados 302 cursos para jovens empresários agrícolas, podadores, contabilistas agrícolas e operadores de máquinas, em que participaram mais de três mil pessoas.

Empresários de transportes estão receosos do futuro

A alegada fraqueza dos transportadores e o medo de soçobrar face à concorrência comunitária leva-os a pedir o intervencionismo estatal, numa altura em que o papel do Governo é posto em causa

Os reflexos governamentais das opções partidárias estão a sair caros a Cavaco Silva, quanto às relações com os transportadores. A demissão de Oliveira Martins, no seguimento do afastamento da sua esposa dos órgãos da cúpula partidária determinado pelo último Congresso social-democrata, e a sua substituição por Ferreira do Amaral, fez regredir o relacionamento entre o Governo e os transportadores.

Isso mesmo foi patente no Congresso Internacional «Comércio e Transportes Anos 90» realizado no passado fim de semana no Porto. Osvaldo Costa, presidente da Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias (ANTRAM), proclamou, de forma sibilina, a necessidade de «mudar o Ministério», uma vez que «a queda de Oliveira Martins diluiu as esperanças da ANTRAM».

De forma aberta ou enfiada, os ataques às orientações e práticas governamentais não primaram pela ausência. Questão omnipresente foi a do desprezo que o Governo tem mostrado pelos agentes económicos do sector dos transportes. Segundo estes alegam, não há diálogo, as suas reivindicações não são satisfeitas e, por vezes, são mesmo ignoradas.

Na expressão de Joaquim Borges, presidente da Associação Portuguesa de Agentes Transitários, «as pressões de certos lobbies (não identi-



O medo do Mercado Único e a ausência de apoios governamentais paralisam os empresários de transportes

ficados) voltados para o passado» não serão estranhas ao facto das propostas e sugestões serem ignoradas pelos responsáveis ministeriais ou analisadas tardiamente.

Empresários desorientados...

A exigência dos transportadores para que o Governo os ouça conseguiu até superar certas «trocas de galhardetes» entre os representantes dos vários modos de transporte presentes.

Talvez que a razão esteja no argumento utilizado por Osvaldo Costa para justificar a necessidade da inter-

venção estatal: «A evidente e generalizada desorientação empresarial no nosso sector obriga ao recurso à acção política concertada com o Governo no sentido de definir e desenvolver, rapidamente, uma estratégia que minimize os riscos e maximize as potencialidades do Mercado Único».

De resto, o presidente da ANTRAM criticou Ferreira do Amaral nos seguintes termos: «É inqualificável que o Governo, e em particular o Ministério que tenha por obrigação tutelar os interesses do sector dos transportes, baseie a sua estratégia em concepções

ultra-liberais, segundo as quais o simples e puro funcionamento do mercado dará ao País os bons transportes de que ele precisa». E acrescentou: «É necessário que se diga, antes de mais, que o 'simples e puro funcionamento do mercado' está neste momento a conduzir a uma concorrência selvagem».

A solicitação do protecçãoismo estatal é devida à fraqueza dos empresários de transportes e ao receio que têm de não sobreviverem ao choque da concorrência comunitária. Esta fraqueza foi reconhecida explicitamente por Rodrigo Leite, presidente da Ter-Tir, quando interrogava: «Será que os empresários terão a capacidade de dizer ao Governo: "Basta de entregar sectores fundamentais da economia aos estrangeiros"?», porque, como constatou: «Só vejo iniciativas desgarradas...».

O apelo ao intervencionismo estatal foi até prolongado à recusa da privatização dos portos. Como afirmou Mário Salvado, presidente da Câmara dos Armadores da Marinha Mercante: «O primeiro problema é o da competitividade portuária. Só depois é que se podem discutir questões menores, de segunda ordem».

Porém, não é qualquer intervenção estatal que os congressistas exigiram. A crer pelo dito, não basta haver intervenção. É preciso que seja boa.

Como afirmava um quadro da Petrogal, que pediu aos presentes para «lerem nas entrelinhas» da sua intervenção: «O porto de Leixões está inoperacional quando o tempo está mau; o porto de Sines está destruído; iniciou-se uma central a carvão em Sines, mas só depois é que deram pela falta de um porto

para descarregar o carvão». Como disse: «Só quero chamar a atenção para a construção de raiz...». Por outras palavras, apontar a ligeireza e a irresponsabilidade presentes na concretização de muitos projectos.

...e desesperados

Esta separação transportadores-Governo, as desconfianças quanto à bondade da (reconhecida como imperiosa) intervenção deste, os confessados temores e desfortes empresariais, os «lobbies voltados para o passado», não constituem, por certo, factores de acalmia e tranquilização para os transportadores.

A urgência de fazer face ao incremento da concorrência comunitária só piora a situação. Ainda segundo Osvaldo Costa, o sector já conhece o desespero: «Reflectir a realidade quotidianamente transformou-se numa necessidade que unanimemente sentimos e que nos une, num acto de quase desespero, para realizar em meses aquilo que não nos foi possível, ou não nos foi consentido, realizar durante décadas».

Pelo dito e previsto no Congresso e enquanto Governo e transportadores não se entendem, o futuro será marcado pela degradação das condições de mercado e pelo «salve-se quem puder». Entretanto, o País transformará-se em «autêntico depósito de sucata» - mais uma vez, segundo Osvaldo Costa - porque «se não há dinheiro para comprar viaturas novas, que se comprem velhas».

Relegado para plano secundário acabou por ficar a vertente internacional, em particular a cooperação com a África lusófona.

Rui Nunes

“Distracção” das elites ameaça soberania

Gonçalves Viana, presidente da Soponata e vice-presidente da Câmara dos Armadores da Marinha Mercante, denunciou, perante os congressistas, o que considerou «a falta de atenção das elites pela actividade marítima, que leva a que Portugal perca a sua identidade e, mais tarde, a sua soberania e passe a ser uma qualquer região autónoma».

Esta foi a terceira chamada de atenção feita por este responsável, em termos públicos e em pouco tempo, para as potenciais consequências derivadas do desprezo português pelo mar. Antes, havia-o feito em entrevista ao «Diário de Lisboa» e em artigo publicado no Anuário da Economia Portuguesa - 1990, uma edição da Associação Portuguesa de Economistas.

Segundo escreve nesta última publicação, «ouve-se dizer com alguma frequência, para mim demasiada, que Portugal é um país periférico. Com uma frequência talvez igual, esta afirmação é acompanhada por considerações de carácter económico, social e/ou político, com as quais se tenta explicar ou justificar os atrasos que va-

mos somando ao nosso curriculum».

Gonçalves Viana entende que, «mais importante que o desenvolvimento material, é o do carácter e da identidade porque, sem estes, aquele é fugaz e incoerente». Isto condu-lo à conclusão que é necessária «a existência de um projecto nacional coerente com a sua identidade». E esta é marítima.

Para Gonçalves Viana «se agora quisermos deixar de ser periféricos - porque só o seremos se não formos capazes de conseguir outra alternativa - teremos que nos voltar para as actividades marítimas e para os espaços atlânticos, que agora, como há 600 anos, nos esperam».

Tal projecto, considera, depende da capacidade das elites portuguesas (políticos, agentes económicos e produtores de conhecimento): «Assim sejam as elites actuais capazes de, a exemplo de D. Diniz, D. Fernando, D. João I e D. João II, tomarem as decisões que se impõem, desde a definição global do projecto atlântico, até à sua concretização, sem esquecer que as oportunidades são como os comboios: ou se apanham ou se fica na estação».

R.N.

